



## Canção: a palavra cantada

Ilustração: Paulo Sérgio Talarico

**Júlio Cesar Valladão Diniz**

O produtivo diálogo entre sonoridades, textualidades e imagens

**Santuza Cambraia Naves**

A estreita correlação entre a música e as questões culturais, sociais e políticas

**Alexandre Graça Faria**

A palavra escrita, falada e cantada como realizações da arte literária

**E mais:**

>> **Massimo Di Felice:**

As redes digitais vistas a partir de uma perspectiva reticular

>> **José Eustáquio Diniz Alves:**

Decrescimento e a busca de uma sociedade convivial

## Canção: a palavra cantada

*“Há canções e há momentos  
Eu não sei como explicar  
Em que a voz é um instrumento  
Que eu não posso controlar”*

É ao som de Milton Nascimento e Fernando Brant que a **IHU On-Line** desta semana traz como tema de capa a canção. A “palavra cantada” e a intensa relação entre música, literatura, cultura e sociedade é o assunto desta edição feita em parceria com Pedro Bustamante Teixeira, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários e Representações Culturais da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.

Contribuem nesta edição os professores e pesquisadores **Alexandre Faria**, da Universidade Federal de Juiz de Fora, **Carlos Sandroni**, da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Pernambuco, **Christopher Dunn**, professor de literatura e estudos culturais brasileiros na Tulane University, de Nova Orleans, Estados Unidos, **Luiz Augusto de Moraes Tatit**, professor do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, **Pedro Bustamante Teixeira**, supracitado, **Santuzza Cambraia Naves**, professora no Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, **Walter Garcia da Silveira Junior**, professor da área temática de Música do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo - USP, e **Júlio Cesar Valladão Diniz**, professor e diretor do Departamento de Letras da PUC-Rio.

A vítima da violência: testemunha do incomunicável, critério ético de justiça é o tema do artigo de **Castor Bartolomeu Ruiz**, filósofo e professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos. Conclui-se, desta maneira, a série de artigos publicados pela **IHU On-Line**, neste ano, sobre a obra **Homo Sacer I, II e III**, de **Giorgio Agamben**.

**Bruno Lima Rocha**, jornalista e cientista político, professor da Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos, é autor do artigo **A arqueologia de ideias: a ancestralidade recente do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Globalização Transnacional e da Cultura do Capitalismo - NIEG**.

“A revolução digital é hoje a última revolução comunicativa que alterou, pela primeira vez na história da humanidade, a própria arquitetura do processo informativo”, constata **Massimo Di Felice**, professor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo onde coordena o Centro de Pesquisa Atopos.

**Alfredo Culleton**, filósofo e coordenador da graduação em Filosofia da Unisinos, expõe a proposta do bacharelado premium nessa área a ser iniciado no primeiro semestre de 2012.

O demógrafo **José Eustáquio Diniz Alves**, professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - Ence/IBGE aborda o decrescimento e a busca de uma sociedade convivial, tema que continuará a ser debatido pelo sociólogo e economista francês **Serge Latouche**, que estará nesta semana no **Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT**, em Curitiba e na **Unisinos** nos dias 21 a 25-11-2011.

O professor **Guilherme Luís Roehe Vaccaro** recorda sua trajetória de vida e conta aspectos de sua vivência de seis anos na Unisinos.

A ilustração da capa desta edição é de **Paulo Sérgio Talarico**, cartunista, pintor, caricaturista e instrutor de oficinas e desenhista de Histórias em Quadrinhos, nascido em Cataguases e criado em Juiz de Fora, Minas Gerais. As outras ilustrações são de **Pedro Bustamante Teixeira**.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana, temperada por um oportuno feriado!

### Expediente

**IHU On-Line** é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patrícia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamis Magalhães (thamirism@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patrícia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Rafaela Kley e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 1173.

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Alexandre Graça Faria: A palavra escrita, falada e cantada como realizações da arte literária

PÁGINA 08 | Carlos Sandroni: Samba, MPB e Mangue Beat: a cultura em permanente transformação

PÁGINA 10 | Christopher Dunn: Fazer música: uma prática de cidadania

PÁGINA 12 | Luiz Tatit: A canção fica melhor com a passagem do tempo

PÁGINA 14 | Pedro Bustamante Teixeira: O samba como símbolo de brasilidade

PÁGINA 17 | Santuza Cambraia Naves: A estreita correlação entre a música e as questões culturais, sociais e políticas

PÁGINA 19 | Walter Garcia: O complexo caminho da bossa nova ao rap

PÁGINA 20 | Júlio Cesar Valladão Diniz: O produtivo diálogo entre sonoridades, textualidades e imagens

### B. Destaques da semana

» Entrevistas da Semana

PÁGINA 24 | Massimo Di Felice: As redes digitais vistas a partir de uma perspectiva reticular

PÁGINA 30 | Alfredo Culleton: Um bacharelado premium para a Filosofia

» Livro da Semana

PÁGINA 32 | Rodrigo Coppe: Deus, uma invenção?

» Artigo da Semana

PÁGINA 34 | Castor Bartolomé Ruiz: A vítima da violência: testemunha do incomunicável, critério ético de justiça

» Coluna do Cepos

PÁGINA 38 | Bruno Lima Rocha: Arqueologia de ideias: a ancestralidade recente do NIEG

» Destaques On-Line

PÁGINA 40 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 45 | José Eustáquio Diniz Alves: Decrescimento e a busca de uma sociedade convivial

PÁGINA 47 | Elenita Malta Pereira: Luiz Henrique Roessler, um protetor da natureza

» IHU Repórter

PÁGINA 50 | Guilherme Luís Roehe Vaccaro



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## A palavra escrita, falada e cantada como realizações da arte literária

“Qual canção, qual literatura ou qual arte, das que se fazem hoje em dia no país, consegue romper os limites da recepção na esfera privada e deslocar a reflexão e o debate para e sobre o domínio público?”, questiona Alexandre Graça Faria

POR GRAZIELA WOLFART E PEDRO BUSTAMANTE TEIXEIRA

**E**m entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, o professor Alexandre Faria, da Universidade Federal de Juiz de Fora, afirma que, no caso brasileiro, “a inserção da canção nos estudos literários é, antes de tudo, uma estratégia política de formação de leitor e de construção de autoestima em relação à própria cultura”. Ele acredita que “não precisamos esconder ou tratar como menor todo um saber popular que circula nos sambas, valsas e boleros cantados por nossos avós ou pais, ou no funk e no rap das novas gerações”. Para Alexandre “como as artes em geral, a literatura não pode ser reduzida a um olhar historiográfico, mas deve circular como elemento de desautomatização e de ampliação das percepções e dos sentidos, de forma que o leitor possa, com sua leitura, contribuir com alternativas para a realidade utilitária, pragmática e mercantil que limita a compreensão do humano”.

Alexandre Faria graduou-se em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Em seguida cursou mestrado em Literatura Brasileira na PUC-Rio. Publicou o livro *Literatura de subtração: experiência urbana e literatura contemporânea* (Rio de Janeiro: Papel Virtual, 1999), resultante de sua dissertação de mestrado. Em 1998, ingressou no doutorado em Letras, também na PUC-Rio. Desenvolveu pesquisa sobre a representação da identidade nacional na cultura brasileira contemporânea, que resultou na tese *O Brasil presente: construções-ruínas do imaginário nacional contemporâneo*. No Rio de Janeiro, atuou como docente em cursos livres e no ensino superior. Em 2004, ingressou na Universidade Federal de Juiz de Fora, Departamento de Letras - ICHL, onde está atualmente. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como você analisa a inserção da canção nos estudos literários? Será que, no caso brasileiro, incluir a canção unicamente como objeto de análise dos estudos culturais é suficiente para se compreender a canção no século XX, ou ainda a literatura brasileira no século XX?**

**Alexandre Faria** - No caso brasileiro, a inserção da canção nos estudos literários é, antes de tudo, uma estratégia política de formação de leitor e de construção de autoestima em relação à própria cultura. Mas não deixa de ser também uma opção de quem busca alguma coerência teórica e histórica em relação à proposta de um conceito mais amplo de literatura.

Como estratégia política, significa

reconhecer que parte significativa da tradição lírica no país se consolidou pela oralidade. Seja através da palavra falada ou cantada, é forte a circulação e mesmo a construção da expressão literária e poética em saraus, feiras, etc. A base desse fato poderia ser vista no histórico analfabetismo da maioria da população brasileira, mas me parece mais produtivo localizá-la na elitização da palavra escrita. De fato, a quase inacessibilidade do letramento e da formação escolar, para significativa parcela de negros e pobres no Brasil, foi o que contribuiu tanto para a permanência do analfabetismo como para o afastamento das formas orais de literatura do cânone escolar. Isso permitiu que a ideia de

literatura se restringisse à produção escrita. Ora, na medida em que o país vence o analfabetismo e que as propostas de inclusão, através de ações afirmativas, vão reconfigurando os valores e as relações sociais, insistir nessa restrição seria continuar com a perspectiva elitista, pois o saber literário estaria associado a uma forma de escolarização e de ascensão sociocultural. Para recorrer a uma dicotomia oswaldiana, a da escola e da floresta, através da qual o poeta modernista busca sintetizar elementos díspares da nossa formação cultural, estaríamos insistindo apenas em nosso lado escola. Reconhecer a tradição oral, falada ou cantada, é uma forma de investir também em nosso lado floresta. E isso

tem um alcance político muito significativo com relação à construção de uma autoestima nacional. Não precisamos esconder ou tratar como menor todo um saber popular que circula nos sambas, valsas e boleros cantados por nossos avós ou pais, ou no funk e no rap das novas gerações.

### O gênero lírico

Do ponto de vista teórico e da história da literatura, sabe-se que o gênero lírico originalmente foi realizado através do canto, em paralelo com a música (e entre os gregos antigos com a dança também). O próprio termo lírico deriva de lira, instrumento naquela época usado para acompanhar o canto dos poemas. Da mesma forma, na Idade Média é riquíssimo o repertório de cantigas dos trovadores. Foi somente com a Renascença (e a invenção da imprensa, é claro) que a poesia foi se deslocando da voz e se fixando na página. É claro que a notação linguística se fixou e se difundiu de forma muito mais ampla do que a escrita musical. Por isso muito se perdeu da composição antiga e medieval escrita para voz ou instrumento. E continuaria se perdendo não fossem os meios técnicos de gravação e difusão, que garantiram a popularização massiva da informação poético-musical.

Por outro lado, apenas defender que a canção é uma forma de literatura não resolve a questão descritiva ou analítica do objeto. É claro que não se pode ler uma canção levando em conta apenas sua camada verbal. Há toda uma informação melódica, rítmica, harmônica, pertencente ao domínio da música, que deve ser abordada. E se se tratar de uma apresentação ao vivo? Elementos da *performance* cênica do intérprete e/ou da banda também podem interferir na leitura. Ora, sempre foi ponto pacífico a vocação interdisciplinar da literatura. Com exceção dos exageros de algumas correntes críticas do século XX, que almejavam a formulação de uma ciência da literatura, de natureza exclusivamente textual e linguística, sempre foi comum que o leitor de literatura buscasse diálogos com outros saberes, como a sociologia, a psicanálise, a filosofia, etc. Por que

## “Parte significativa da tradição lírica no país se consolidou pela oralidade”

não com a música? Nesse sentido, o currículo disciplinar das escolas tradicionais ainda está muito aquém do que se espera para a formação de leitores, consequentemente de cidadãos.

Diante dessa constatação, e voltando à pergunta, “compreender a canção no século XX, ou ainda a literatura brasileira no século XX” não podem ser os objetivos da inserção desses saberes no currículo. Como as artes em geral, a literatura não pode ser reduzida a um olhar historiográfico, mas deve circular como elemento de desautomatização e de ampliação das percepções e dos sentidos, de forma que o leitor possa, com sua leitura, contribuir com alternativas para a realidade utilitária, pragmática e mercantil que limita a compreensão do humano.

**IHU On-Line - Podemos dizer que ainda há entre os estudantes, de todas as classes sociais, a formação de um repertório a partir do contato com a canção? Você percebe essa formação em seus alunos, na literatura produzida a partir das periferias do Rio e de São Paulo?**

**Alexandre Faria** - De forma geral, independentemente de classes sociais, percebo que o repertório do estudante é formado pelos meios de comunicação de massa, não necessariamente apenas com a canção. Se o referencial lírico, por exemplo, está nas canções, o narrativo e o dramático estão no cinema e na telenovela. Isso é algo que se reflete, inclusive, em novos autores e em novas investidas editoriais. É cada vez mais frequente a observação de jogos alusivos, na literatura contemporânea, que estão em franco diálogo com os meios de comunicação de massa, especialmente com a TV. Muitas narrativas tangenciam o roteiro, por exemplo. Da mesma maneira, canções e filmes originais são adapta-

dos para contos ou romances. Há ainda fortes evidências de que os jovens poetas iniciaram sua formação através da canção e só depois foram procurar a poesia nos livros. Há ritmos, corte de versos, recursos de rimas, típicos da canção, mas pouco presentes na poesia modernista, que caracterizam as primeiras realizações dos poetas iniciantes que apresentam suas criações nas oficinas que eventualmente oferecem.

No caso de autores das periferias urbanas que venho estudando atualmente, é muito evidente a referência a elementos da cultura de massa. Lembro agora a citação do Ultraman<sup>1</sup> em um poema do Sérgio Vaz<sup>2</sup>. Há também um diálogo muito estreito entre a literatura das periferias e a cultura Hip Hop. Não há dúvida de que é forte o apelo à tradição oral e que o próprio domínio da escrita é objeto de problematização em muitos textos, dos quais vale citar a peça *Da cabula*, de Allan da Rosa<sup>3</sup>. Por outro lado, também é frequente na literatura das periferias a referência à leitura de autores do cânone literário, principalmente os realistas e neorealistas, mais críticos do sistema social.

**IHU On-Line - O que a canção brasileira traz da literatura? O que a literatura traz da canção?**

**Alexandre Faria** - Essas questões partem de uma lógica a qual tenho me esforçado para evitar. Tendo a considerar tanto a palavra escrita como a falada e a cantada como realizações da arte literária. Há literatura escrita

<sup>1</sup>Ultramen: banda brasileira de rock and roll, formada em Porto Alegre, RS. É composta por Tonho Crocco (vocal), Zé Darcy (bateria), Júlio Porto (guitarra), Pedro Porto (baixo), Marcito e Malásia (percussão), DJ Anderson (scratches) e o músico convidado Leonardo Boff (teclado). Surgida em 1991, estréia com o álbum homônimo em 1998. Em 2008 a banda pára por tempo indeterminado e sem previsão de voltar. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup>Sérgio Vaz: poeta brasileiro, natural de São Paulo, idealizador do maior movimento de literatura periférica do Brasil - o Cooperifa. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup>Allan Santos da Rosa: escritor brasileiro no movimento de literatura das “beiradas paulistanas”, integrante do grupo de capoeira angola Irmãos Guerreiros e do Sarau da Cooperifa, organizador do selo Edições Toró. É mestrando em Cultura e Educação na Universidade de São Paulo - USP. (Nota da IHU On-Line)

e oral. Ambas têm a mesma importância. Prefiro dizer que não há permuta entre elementos do mesmo ser. Falar da contribuição de uma à outra leva ao risco de hierarquizar os discursos a partir de valores e preconceitos. Prefiro evitá-lo. Não existiria Guimarães Rosa<sup>4</sup> se não fosse a riqueza da oralidade brasileira. Também não existiria Chico Buarque sem a palavra escrita e a literatura francesa. É claro que ler com os ouvidos requer uma habilidade específica para a qual o leitor nem sempre teve formação adequada. E a grande vantagem de aproximá-las em um mesmo escaninho disciplinar é o fato de ampliar a possibilidade da formação de leitores.

#### IHU On-Line - Quais são as relações entre o movimento modernista brasileiro e a canção produzida nos anos 1960? Para onde foi o modernismo brasileiro?

**Alexandre Faria** - No caso específico do Brasil, há uma geração de compositores com forte formação literária. Chico Buarque, Caetano Veloso, Fernando Brant, Aldir Blanc, Fausto Nilo, Tom Zé são alguns dos nossos compositores herdeiros diretos da tradição literária modernista. Estão em suas letras Mario (que também era músico, porém pensava a cultura popular mais em direção ao folclore do que em função da

4 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras histórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título "Sertão é do tamanho do mundo". 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qQX8>. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o *Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. Confira, ainda, a edição 275 da Revista IHU On-Line, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOCe>. (Nota da IHU On-Line)

música urbana), Oswald<sup>5</sup>, Drummond<sup>6</sup>, Bandeira<sup>7</sup>, Cabral, e mesmo prosadores, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Fenômeno semelhante se dá com o Cinema Novo<sup>8</sup>. É forte a presença de diretores que irão adaptar as obras dos modernistas. Dessa forma, entendo que as realizações culturais dos anos 1960/1970 foram processos de democratização, disseminação, massificação

5 Oswald de Andrade (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo, e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Sua poesia é precursora do movimento que marcou a cultura brasileira na década de 1960, o concretismo. (Nota da IHU On-Line)

6 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. Confira a edição 232 da Revista IHU On-Line, de 20-08-2007, intitulada Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo, disponível em <http://migre.me/qR6O>. (Nota da IHU On-Line)

7 Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os Sapos* o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre e José Condé, representa o que há de melhor na produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da IHU On-Line)

8 Cinema Novo: movimento cinematográfico brasileiro, influenciado pelo neo-realismo italiano e pela "Nouvelle Vague" francesa, com reputação internacional. Surge em circunstâncias idênticas ao do movimento homônimo português, também referido como Novo Cinema. (Nota da IHU On-Line)



do nosso modernismo literário. Como previra Oswald, a massa, enfim, comia seus biscoitos finos. Nesse sentido, um ciclo iniciado em 1922 encontra seu clímax em 1968. Nesse período funda-se e difunde-se uma tradição estética e política para o Brasil. De lá pra cá, o que aconteceu na cultura brasileira ainda não está bem respondido. Há bons mapeamentos dos anos 1970/1980, mas nenhuma análise de fôlego ainda surgiu para dar conta de como se conjugaram fatos políticos, culturais, sociais, para resultar no mundo que vivemos hoje. Muitos críticos insistem em julgar negativamente a qualidade da produção cultural mais recente. Não acho essa avaliação da produção suficiente nem produtiva. Creio que compreenderiam melhor o quadro aqueles que investissem no estudo das transformações do sistema de circulação e de recepção das obras, tentando avaliar o quanto que essas transformações interferiram na construção da esfera pública no Brasil. Qual canção, qual literatura ou qual arte, das que se fazem hoje em dia no país, consegue romper os limites da recepção na esfera privada e deslocar a reflexão e o debate para e sobre o domínio público? Em certo sentido, buscar a resposta a essa pergunta é também ter uma orientação crítica para investigar sobre a permanência de importantes aspectos da tradição modernista.

## Samba, MPB e Mangue Beat: a cultura em permanente transformação

Carlos Sandroni fala sobre a literatura como forma de registro musical, comparando com outras formas de resgate das canções do passado, como as partituras e as gravações

POR GRAZIELA WOLFART E PEDRO BUSTAMANTE TEIXEIRA

“No fundo, tradição e modernidade são elementos que têm muito mais interação do que geralmente se fala. Costuma-se apresentá-los como sendo coisas opostas. Na realidade, um conceito depende do outro. Tradição é uma expressão que começa a ser usada justamente com mais força no sentido que é dado hoje em dia junto com a modernidade. A ideia de tradição é algo que pressupõe uma transformação constante. As coisas, para permanecerem, precisam mudar. A alternativa para isso é a morte. E tradição pressupõe a mudança”. A reflexão é do professor e músico Carlos Sandroni, em entrevista concedida por telefone para a IHU On-Line.

Carlos Sandroni possui graduação em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, mestrado em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro e doutorado em Musicologie pela Université de Tours (Universite Francois Rabelais). Atualmente é colaborador da Universidade Federal da Paraíba e professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco. Entre seus livros publicados citamos *Mário contra Macunaíma - cultura e política em Mário de Andrade* (São Paulo, Vértice, 1988) e *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917-33* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001). É também compositor e letrista. Algumas de suas produções lítero-musicais foram gravadas por artistas como Adriana Calcanhoto, Olívia Byington, Clara Sandroni e Milton Nascimento. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em que medida a literatura serve como documento histórico e como as partituras e gravações contribuíram para a formação de uma música popular brasileira?**

**Carlos Sandroni** - A literatura serve como documento, lembrando que o registro é feito a partir da maneira como o autor do texto literário vê ou repercute os elementos musicais que insere. Temos no Brasil uma série de escritores que falaram, de uma maneira ou outra, sobre música: o próprio Machado de Assis<sup>1</sup>, Freire Jr., Julio Ri-

beiro e Aloísio Azevedo. Esses autores, por exemplo, repercutem no seu texto literário as impressões que lhes foram causadas por vivências musicais. Outra questão é saber até que ponto essa repercussão representaria o documento da vida musical, que é um pouco diferente, porque essa música que aparece no texto vem transfigurada pela experiência do autor e pela escrita literária, que não é a própria música, mas a transfiguração feita pelo autor literário. Com essa ressalva, ainda é

possível tentar enxergar, através dos olhos do escritor, alguma coisa do que seria essa vida musical também. Até porque outras fontes às quais a gente recorre para falar da música do passado também não deixam de transfigurar. Nunca se alcança o passado em si, mas sempre através de alguma fonte que o transfigure. Do mesmo jeito que recorremos a partituras, recorrem-se também a escritores. A música do século XIX, quando não tinha gravação, é uma presa arisca, difícil de alcançar. Com relação às partituras, também são uma fonte muito rica. No entanto, mais uma vez, constituem uma fonte parcial, porque muita música que era feita no século XIX, principalmente a música popular, não era transcrita em partitura.

**IHU On-Line - Em um artigo famoso intitulado *Adeus à MPB* você proble-**

Academia Brasileira de Letras. Confira a entrevista especial realizada pela IHU On-Line com Mailde Tripoli, em 20-04-2007, no link <http://migre.me/qR3n>, intitulada *O negro na obra de Machado de Assis*. Sobre o escritor, foram produzidas duas edições especiais: edição 262, de 16-06-2008, sob o título de *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://migre.me/qR47>, e edição número 275, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, de 29-09-2008, disponível em <http://migre.me/qR4B>. (Nota da IHU On-Line)

matiza esta sigla tão consagrada já que observa que ela não se sustenta mais, principalmente pelo uso do qualificativo popular. Como você vê essa questão hoje? O que é e o que não é MPB na produção atual?

**Carlos Sandroni** - A minha abordagem com relação a isso é a de observador. Minha preocupação principal não é criar uma definição do que é MPB, mas procurar observar como socialmente essas definições são usadas. Em minha formação, feita nos anos 1970, 1980, na faculdade e nos meus estudos como músico, o sentido que aprendi de MPB era uma simples abreviação da ideia de música popular brasileira, que era muito ampla e abrangia todo um leque muito diverso do que podia se fazer no Brasil enquanto música popular, difundida amplamente através dos meios de comunicação modernos. Portanto, era popular nesse sentido. Ao mesmo tempo, era brasileira, porque eram gêneros musicais em sua maioria criados no Brasil. O caso emblemático, sem dúvida, é o samba, com algumas variantes, e abria para músicas que tendiam desde estilo erudito, de Tom Jobim<sup>2</sup>, até autores que podiam quase ter sido criados numa experiência de tradição oral. Todo esse espectro entrava nessa ideia de MPB. Dos anos 1990 para cá essa ideia de um espectro muito amplo, mas que pode ser resumido e unificado pela expressão “música popular brasileira”, perdeu muito da sua vigência. Nos anos 1990 os gêneros que se tornaram mais populares, como o axé, o sertanejo, o brega e até mesmo o pagode romântico, também foram criados no Brasil e tinham um apelo popular muito forte e uma difusão nacional. Mas, diferente da MPB, eles não serviam como identificação de uma ideia de povo brasileiro no sentido mais político que a MPB inicialmente teve. Até por causa do momento nos anos 1960 e 1970, pelo contexto ditatorial que se vivia, quando se fala em “povo brasileiro” tinha uma

<sup>2</sup> Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim (1927-1994): mais conhecido como Tom Jobim, foi um compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e violonista brasileiro. É considerado o maior expoente de todos os tempos da música brasileira pela revista Rolling Stone, e um dos criadores do movimento da bossa nova. É praticamente uma unanimidade entre críticos e público em termos de qualidade e sofisticação musical. (Nota da IHU On-Line)

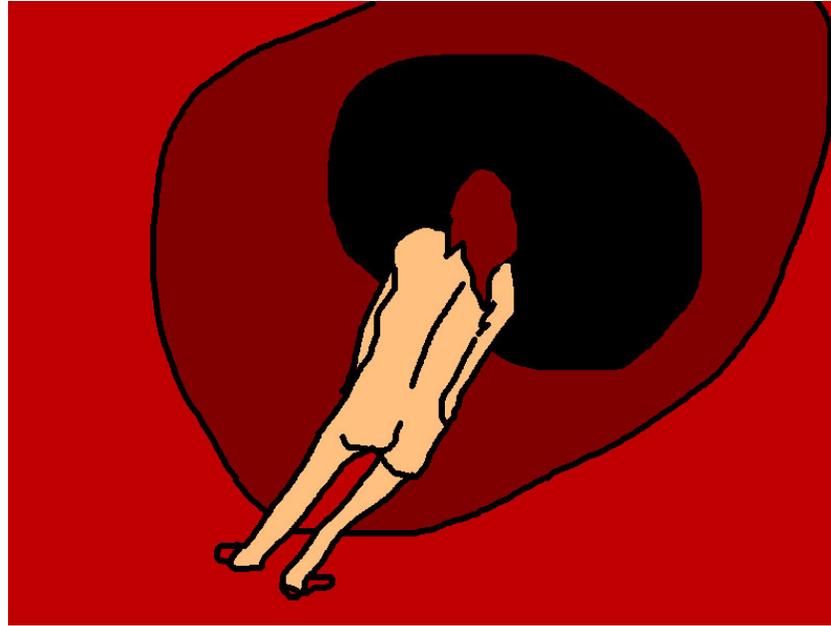
conotação política forte, ou seja, era um popular qualitativo. Não dependia de quantos discos se vendia. Ao passo que quando se fala no popular dos anos 1990, já tem um sentido quantitativo, ou seja, é popular o que vende muito, que é o popular do axé, do brega, do sertanejo, que está um pouco esvaziado do conteúdo político.

**IHU On-Line** - Como vão os estudos da canção brasileira ou que tratam do diálogo entre música popular e literatura no Nordeste? Quais são as perspectivas? Como é acompanhar o debate fora do eixo Rio-São Paulo?

**Carlos Sandroni** - É bastante interessante, sobretudo por causa das teses e dissertações que vêm sendo produzidas na área de Letras, de História, de Sociologia. Do meu conhecimento, o único polo aqui do Nordeste que vem fazendo dessa discussão um tema central é no Ceará, com o professor Nelson Barros da Costa<sup>3</sup>, na Universidade Federal do Ceará. Lá se criou um núcleo de pesquisa sobre essa questão da canção popular. O Nelson é da área de Letras e tem feito vários encontros em torno disso. Fora do Ceará há trabalhos na área de História aqui na Paraíba, e na área de Sociologia, no Recife, sobre o manguebeat<sup>4</sup>, que deu

<sup>3</sup> Nelson Barros da Costa: graduado em Letras e mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC, é doutor em Ciência da Linguagem pela Universidade de Rouen, França, doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, e pós-doutor pela Universidade de Paris XII, Paris-Val-de-Marne. Leciona na UFC e é autor de *Música popular, linguagem e sociedade: analisando o discurso literomusical brasileiro* (Curitiba: Editora Appris, 2011). (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Manguebeat: movimento musical surgido no Brasil na década de 1990, em Recife, que mis-



marginem a muitas dissertações e teses em Sociologia e em Comunicação.

**IHU On-Line** - Como você avalia o tombamento do samba do recôncavo baiano como patrimônio histórico imaterial da humanidade?

**Carlos Sandroni** - O termo “tombamento” vem sendo usado popularmente, mas tecnicamente não é correto, porque justamente por ser patrimônio imaterial o termo legal é “registro” e não tombamento, já que a ideia de tombamento, usada para cultura material, pressupõe a restrição a qualquer tipo de alteração. Não se pode mexer num prédio tombado sem autorização. No caso da cultura imaterial não existe essa restrição. As pessoas que fazem

tura ritmos regionais com rock, hip hop e música eletrônica. Esse estilo tem como ícone o músico Chico Science, vocalista da banda Chico Science e Nação Zumbi, idealizador do rótulo mangue e principal divulgador das ideias, ritmos e contestações do manguebeat. Outro grande responsável pelo crescimento desse movimento foi Fred 04, vocalista da banda *Mundo Livre S/A* e autor do primeiro manifesto do Mangue de 1992, intitulado *Caranguejos com cérebro*. O objetivo do movimento surgiu de uma metáfora idealizada por Zero Quatro, ao trabalhar em vídeos ecológicos. Como o mangue era o ecossistema biologicamente mais rico do planeta, o manguebeat precisava formar uma cena musical tão rica e diversificada como os manguezais. Devido a principal bandeira do mangue ser a diversidade, a agitação na música contaminou outras formas de expressão culturais como o cinema, a moda e as artes plásticas. Confira a entrevista concedida por 04 às Notícias do Dia 25-01-2010, disponível em <http://migre.me/69sle>. (Nota da IHU On-Line)

e praticam o samba de roda e outros gêneros musicais que foram registrados como patrimônio imaterial podem alterar e fazer como quiserem. O patrimônio imaterial pressupõe uma cultura viva, um patrimônio vivo, e assim sendo está sempre sendo mudado e mexido pelas pessoas que o fazem. E sobre isso, eu avalio muito positivamente. A partir do reconhecimento que a Unesco deu ao samba de roda e que contribuiu muito com a mobilização dos próprios sambadores, levou-se à criação de uma associação de sambadores e do chamado “pontão de cultura do samba de roda”, além da casa do samba em Santo Amaro. Todo esse movimento foi visto como muito positivo.

#### **IHU On-Line - Como tradição e modernidade interagem no discurso Manguê Beat?**

**Carlos Sandroni** - Há uma interação muito forte. No fundo, tradição e modernidade são elementos que têm muito mais interação do que geralmente se fala. Costuma-se apresentá-los como sendo coisas opostas. Na realidade, um conceito depende do outro. Tradição é uma expressão que começa a ser usada justamente com mais força no sentido que é dado hoje em dia junto com a modernidade. A ideia de tradição é algo que pressupõe uma transformação constante. As coisas, para permanecerem, precisam mudar. A alternativa para isso é a morte. A única maneira de algo permanecer é mudar. E tradição pressupõe a mudança. O Manguê Beat é um exemplo muito bom disso, na medida em que começou a usar elementos considerados tradicionais, como os tambores de maracatu, junto com uma postura de banda de palco, com guitarra, bateria e baixo elétrico. Isso ocasionou uma valorização e uma repercussão positiva nas pessoas que estavam fazendo esses movimentos e que estavam num momento de desvalorização por parte da sociedade. Na medida em que o Manguê Beat foi para os festivais de rock, também os maracatus passaram a ser mais valorizados nas próprias comunidades que os praticavam.

## **Fazer música: uma prática de cidadania**

Na visão do professor norte-americano Christopher Dunn, a canção brasileira é uma boa indicação da diversidade do povo brasileiro

POR GRAZIELA WOLFART

**E**studioso da música e da cultura brasileira, o professor Christopher Dunn percebe que “além de tratar de temas políticos e sociais que têm a ver com a temática da cidadania, a própria prática de fazer música, muitas vezes, sobretudo no Brasil contemporâneo, é uma prática de cidadania”. Na entrevista que concedeu por telefone para a IHU On-Line, ele afirma que “há uma tradição muito forte na música popular brasileira de se apropriar de estilos e gêneros do exterior e fazer com eles música nova. Podemos remeter isso à tradição antropofágica do Brasil, de deglutir o que vem de fora e fazer algo novo”. E completa: “o Brasil é um país completamente integrado na economia mundial e está muito ligado à internet, sobretudo a classe média. Então não há dúvidas de que tais tendências culturais globalizadas irão exercer uma influência muito forte sobre a cultura brasileira”.

Christopher Dunn é professor de literatura e estudos culturais brasileiros na Tulane University, de Nova Orleans, Estados Unidos. É autor do livro *Brutality Garden: Tropicália and the emergence of a Brazilian Counterculture* (University of North Carolina Press, 2001) e coorganizador de *Brazilian popular music and globalization* (Routledge, 2001). Atualmente trabalha com a questão da contracultura dos anos 1970. Confira a entrevista.

#### **IHU On-Line - O que a canção brasileira revela sobre as características de seu povo?**

**Christopher Dunn** - Há tantas dimensões na música popular brasileira que é difícil resumir, mas acho que podemos dizer que a canção brasileira é uma boa indicação da diversidade do povo brasileiro, porque é muito variada. Eu acabo de terminar um livro sobre a música popular e a cidadania, que tem vinte artigos, tanto de pesquisadores brasileiros como de americanos, e nossa pesquisa revelou que há uma tradição na canção moderna brasileira de refletir profundamente sobre a condição de cidadania no Brasil. Além de canções de amor, que são muitas, há canções satíricas, humorísticas, e há também

uma tradição de fazer música sobre a sociedade e sobre a situação social do brasileiro. Mas isso não é somente no Brasil, então se torna difícil distinguir precisamente uma característica brasileira. É melhor ver simplesmente as tendências.

#### **IHU On-Line - Em que sentido a canção é uma forma de exercer a cidadania?**

**Christopher Dunn** - Além de tratar de temas políticos e sociais que têm a ver com a temática da cidadania, a própria prática de fazer música, muitas vezes, sobretudo no Brasil contemporâneo, é uma prática de cidadania. Como, por exemplo, o movimento hip hop, em São Paulo, que é um verdadeiro movimento so-

cial, que envolve a comunidade, que busca trabalhar com jovens que estão em risco. O mesmo se pode dizer sobre o grupo Afro Reggae<sup>1</sup>, do Rio de Janeiro, que é um grupo cultural, mas também tem um papel social muito importante na comunidade das favelas do Rio de Janeiro. A mesma coisa pode ser dita sobre o movimento dos blocos afro, que desde os anos 1970, na Bahia, em Salvador, funcionam como uma espécie de movimento social muito voltado para questões de cidadania e acabam envolvendo pessoas que não têm nada a ver com música em si, mas que têm mais a ver com outras atividades, sempre voltadas para questões de consciência social, política e racial. Com isso procuramos ver a música popular como uma espécie de exercício de cidadania, tanto do ponto de vista de canções e músicas que tematizam essa questão como de movimentos ou grupos culturais que funcionam com essa prática.

#### **IHU On-Line - O que caracteriza a canção durante o movimento Tropicália?**

**Christopher Dunn** - Com a Tropicália<sup>2</sup> há uma tentativa de redimensionar a canção brasileira de forma totalmente híbrida e, por que não,

## **“Há uma tradição na canção moderna brasileira de refletir profundamente sobre a condição de cidadania no Brasil”**

pós-moderna, no sentido de que, em vez de desenvolver um estilo próprio, como a Bossa Nova<sup>3</sup>, produziu um som muito baseado na estética do pastiche. A estética do pastiche é justamente citar, sem necessariamente parodiar, uma variedade muito grande de sons. Existem aí citações de rock, de músicas latino-hispano-americana, de música nordestina, a bossa nova, o samba. A característica fundamental da Tropicália é justamente essa flexibilidade, esse trânsito entre vários sons e vários estilos, sem propor um estilo próprio e novo. É justamente essa multiplicidade da Tropicália à justa posição de sons, estilos e referências que é a característica principal do movimento.

#### **IHU On-Line - Que relação pode ser estabelecida entre a música popular brasileira e a globalização?**

**Christopher Dunn** - Há uma tradição muito forte na música popular brasileira de se apropriar de estilos e gêneros do exterior e fazer com eles música nova. Podemos remeter isso à tradição antropofágica do Brasil, de deglutir o que vem de fora e fazer algo novo. Vemos isso desde o samba,

<sup>3</sup> **Bossa Nova**: subgênero musical derivado do samba e com forte influência do jazz estadunidense, surgido no final da década de 1950 no Rio de Janeiro. De início, o termo era apenas relativo a um novo modo de cantar e tocar samba naquela época, ou seja, a uma reformulação estética dentro do moderno samba carioca urbano. Com o passar dos anos, a Bossa Nova tornou-se um dos movimentos mais influentes da história da música popular brasileira, conhecido em todo o mundo e, especialmente, associado a João Gilberto, Nara Leão, Vinícius de Moraes, Elis Regina, Antonio Carlos Jobim, Baden Powell, Bebel Gilberto e Luiz Bonfá. Sobre o tema, confira a edição 272 da revista IHU On-Line, 08-09-2008, intitulada *Chega de saudade...* Bossa nova, 50 anos, disponível para download em <http://bit.ly/rCng-Mi> (Nota da IHU On-Line).

no início dos anos 1920, apesar de ser totalmente enraizado nas tradições brasileiras, até a bossa nova, que foi uma maneira de trabalhar com alguns aspectos do jazz norte-americano. A Tropicália é um exemplo disso. Podemos ver também o rock brasileiro dos anos 1980, o movimento Mangue Beat, que está totalmente inserido dentro de um contexto internacional de música popular, e o movimento rap. O Brasil é um país completamente integrado na economia mundial e está muito ligado à internet, sobretudo a classe média. Então, não há dúvidas de que tais tendências culturais globalizadas irão exercer uma influência muito forte sobre a cultura brasileira.

#### **IHU On-Line - Qual a principal contribuição da canção para as transformações culturais de um país? Qual a especificidade brasileira nesse caso?**

**Christopher Dunn** - Não sei se a canção é o motor transformador de uma cultura, ou se é um reflexo de transformações culturais que estão em curso, ou ainda se se trata de uma relação dialética, com movimentos pelos dois lados. Os tropicalistas encararam as transformações do Brasil que decorreram da ditadura e da implantação e instauração de um regime de modelo de modernização autoritária e que produziu ou exacerbou algumas contradições dentro da sociedade. Mas, ao captar, também conseguiram de alguma forma transformar a cultura brasileira e propor novos modelos de entender a sociedade. O mesmo ocorre em relação a esses grupos mais contemporâneos que, respondendo ao recuo do Estado em relação à participação social, as comunidades muito marginalizadas, praticamente excluídas do Estado, começaram a trabalhar a cultura como uma forma de exercer a cidadania. Essa foi uma resposta às condições materiais, sociais da sociedade durante a época posterior à ditadura, depois dos anos 1980. Esses grupos acabaram tendo uma influência muito grande sobre a forma como os brasileiros entendem sua condição social. É um reflexo que acaba também captando um processo, dessa forma transformando a so-

<sup>1</sup> O Grupo Cultural Afro Reggae, ou apenas Afro Reggae, é uma ONG que também atua como banda musical surgida em 1993 inicialmente como um jornal informativo (Afro Reggae Notícias) das festas que o grupo realizava e também a valorização da cultura negra voltada, sobretudo, aos jovens ligados a música como reggae, soul e hip hop. O site oficial é [www.afroreggae.org](http://www.afroreggae.org) (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Tropicalismo ou movimento tropicalista**: movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o pop-rock e o concretismo); misturou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha objetivos comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob o regime militar, no final da década de 1960. O movimento manifestou-se principalmente na música (cujos maiores representantes foram Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto, Os Mutantes e Tom Zé); manifestações artísticas diversas, como as artes plásticas (destaque para a figura de Hélio Oiticica), o cinema (o movimento sofreu influências e influenciou o Cinema novo de Gláuber Rocha) e o teatro brasileiro (sobretudo nas peças anárquicas de José Celso Martinez Corrêa). Um dos maiores exemplos do movimento tropicalista foi uma das canções de Caetano Veloso, denominada exatamente de “Tropicália”. (Nota da IHU On-Line)

“A característica fundamental da Tropicália é justamente essa flexibilidade, esse trânsito entre vários sons e vários estilos, sem propor um estilo próprio e novo”

cidade ou, pelo menos, transformando nossa percepção da sociedade.

**IHU On-Line - Como a música brasileira é vista no exterior?**

**Christopher Dunn** - Com muito interesse, muita fascinação, muita alegria. A música brasileira sempre terá um público no exterior muito grande. Não posso falar muito de outros países. Sei que em quase todos os outros países há pessoas que apreciam a música brasileira, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos. Aqui nos Estados Unidos, já há uma tradição bem estabelecida, desde a bossa nova. Depois tem o caso de Milton Nascimento<sup>4</sup>, que foi muito apreciado. Já no final dos anos 1980, o surgimento de um fenômeno muito curioso aqui no EUA, chamado de World Music, mostra um interesse em música popular de outros países. E o Brasil estava envolvido com isso. Quase todas as cidades grandes aqui no país têm suas próprias escolas de samba, todas as cidades grandes ou mesmo as medianas, têm escolas de capoeira, em que se canta música popular brasileira. Meu filho, que tem 6 anos, está fazendo capoeira com um grupo do Paraná e estão aprendendo a cantar as cantigas de capoeira. É mais uma forma de a música popular brasileira circular nos Estados Unidos.

<sup>4</sup> Milton Nascimento (1942): cantor e compositor brasileiro, reconhecido mundialmente como um dos mais influentes e talentosos cantores e compositores da Música Popular Brasileira. (Nota da IHU On-Line)

## A canção fica melhor com a passagem do tempo

Para Luiz Tatit, não há canção mais autêntica que o rap, o gênero que se arriscou a chegar mais próximo da fala

POR GRAZIELA WOLFART E PEDRO BUSTAMANTE TEIXEIRA

“A canção é uma linguagem que se caracteriza por efetuar necessariamente uma integração entre melodia e letra para ser veiculada pela voz”. A definição é do músico, linguista e professor universitário Luiz Tatit, em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line. A seu ver, “bossa nova e tropicalismo tornaram-se nossa régua e compasso que retornam de tempo em tempo para corrigir órbitas equivocadas. O interesse da bossa nova e do tropicalismo é para a história da canção brasileira”. E dispara: “MPB me parece um gênero datado (e superado), próprio de uma época em que se buscava uma canção nacionalista urbana”.

Luiz Augusto de Moraes Tatit é graduado em Letras (Linguística) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da Universidade de São Paulo e em Música (Composição), pela Escola de Comunicações e Artes da mesma instituição. Obteve seu doutorado na FFLCH da USP, com a tese Elementos semióticos para uma tipologia da canção popular brasileira. É professor titular do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Dentre seus livros publicados citamos *A canção: eficácia e encanto* (São Paulo: Ed. Atual, 1986); *Semiótica da canção: melodia e letra* (São Paulo: Ed. Escuta, 1994); *O cancionista: composição de canções no Brasil* (São Paulo: Edusp, 1996); *Análise semiótica através das letras* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2001); e *O século da canção* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2004). Seu site oficial é [www.luiztatit.com.br/home](http://www.luiztatit.com.br/home). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Seria a canção um gênero?**

**Luiz Tatit** - Não considero assim. A canção é uma linguagem que se caracteriza por efetuar necessariamente uma integração entre melodia e letra para ser veiculada pela voz. Ela tem uma história própria e exige recursos específicos que os músicos ou os poetas raramente dominam. A canção é considerada um gênero no âmbito da música erudita, já que essa linguagem tem como núcleo a sonoridade em si e não particularmente o canto.

**IHU On-Line - Como foi estudar a canção a partir da faculdade de linguística?**

**Luiz Tatit** - Fiz pós-graduação no departamento de linguística da USP, mas na área de semiótica. Essa ciência tem como objeto de estudo o “sentido” construído pelos diversos discursos sociais, verbais ou não verbais (literatura, cinema, teatro, história em quadrinhos, música, artes plásticas, etc.). Mergulhei nos modelos analíticos da semiótica e tentei propor uma metodologia adequada ao estudo específico da canção. A semi-

ótica me parece bem mais apta para a pesquisa cancional que a musicologia ou a teoria literária. Pelo menos, dentro do enfoque que eu adotei.

**IHU On-Line - Em que medida a semiótica pode contribuir nos estudos da canção e em que sentido a canção pode ajudar na promoção dos estudos da semiótica no Brasil?**

**Luiz Tatit** - A semiótica oferece um meio de compreensão do sentido em geral que pode ser muito bem estendido para o campo da canção. Como a canção é o nosso principal meio de expressão, a explicitação metódica do seu funcionamento chama a atenção para o potencial de uma teoria bem formulada. Já percebemos um considerável aumento de interesse pela semiótica, na área de pós-graduação, graças à difusão dos trabalhos aplicados à canção.

**IHU On-Line - A bossa nova e o tropicalismo são descritos em seus trabalhos como movimentos cruciais para a configuração da Moderna Música Popular Brasileira. Você pode falar um pouco sobre a importância dos movimentos na configuração de uma música popular moderna brasileira?**

**Luiz Tatit** - A bossa nova reflete a fase em que nossa canção atingiu a maturidade a ponto de poder operar com os seus componentes essenciais: melodia, letra e canto (e, claro, acompanhamento). Eliminou toda sorte de excesso (semântico, musical, timbrístico, interpretativo) e baseou sua eficácia estética e comunicacional no dizer mais com o mínimo de recursos. O tropicalismo assimilou o gesto geral da bossa nova, mas apontou para o caminho contrário, a mistura, como se a fecundidade de nossa canção precisasse de todas as dicções (do presente, do passado, da vanguarda, do universo

## “A semiótica me parece bem mais apta para a pesquisa cancional que a musicologia ou a teoria literária”

pop, do mundo brega, da canção internacional, do rock, etc.) apresentadas em concomitância, sem nenhuma exclusão. Bossa nova e tropicalismo tornaram-se nossa régua e compasso que retornam de tempo em tempo para corrigir órbitas equivocadas. O interesse da bossa nova e do tropicalismo é para a história da canção brasileira. “MPB” me parece um gênero datado (e superado), próprio de uma época em que se buscava uma canção nacionalista urbana.

**IHU On-Line - Em *O século da canção* você traz uma visão sempre generosa com as canções que caíram no gosto do público, como é o caso do axé, do pagode e da música sertaneja. Seria o mercado um bom parâmetro para a identificação das canções que merecem ser estudadas? Que mecanismos operam essa triagem mercadológica? Há um empobrecimento da canção brasileira? Ou se trata de algo que poderíamos denominar como Pós-Canção?**

**Luiz Tatit** - O mercado é um dos principais parâmetros que regulam o ingresso das canções em nosso mundo subjetivo e identitário. Só lembramos em geral das canções que o mercado selecionou. Mesmo as características que fizeram da canção uma linguagem cultural de extrema importância foram depuradas por esse mercado. Mas não é o único parâmetro. Há canções desprezadas em uma época que, depois,

tornam-se símbolos de outros momentos históricos. Outras há que poucos conhecem, mas que influenciam gerações futuras. Não são todas as boas criações que cabem no mercado, mas normalmente as que desfrutam um grande consumo trazem sempre aspectos interessantes. Veja a canção “Devolva-me” (Leno e Lillian<sup>1</sup>), solenemente ignorada pela *intelligentsia* brasileira dos anos 1960, voltou recentemente como canção cult na voz de Adriana Calcanhoto<sup>2</sup>. São numerosos os exemplos. Na base do ensaio e erro, o mercado faz a mediação entre artistas e público definindo, em última instância, os traços que compõem a linguagem da canção.

A canção só fica melhor com a passagem do tempo. Claro, os cancionistas de hoje aproveitam as experiências dos anteriores e já partem de um nível bem mais elevado. A diferença é de ordem extensiva. Antes, todas as correntes cancionais estavam concentradas numa só emissora de TV (Record) e desfrutavam uma visibilidade nacional nunca mais alcançada. Hoje, há uma imensa diversidade de produção totalmente dispersa nos sítios virtuais, nos pequenos teatros e casas de show, em algumas emissoras de rádio e nada mais há na televisão. Daí a impressão de ausência do que já tivemos no passado. Mas basta se inteirar dessa produção difusa para se dar conta de que a canção de agora é igual ou superior à do passado. Em tempo, não há canção mais autêntica que o rap, o gênero que se arriscou a chegar mais próximo da fala.

<sup>1</sup> Leno e Lillian: dupla de cantores que começou a se apresentar nos anos 1960 no programa Jovem Guarda. Era formada por Gileno Osório Wanderley de Azevedo (1949) e Sílvia Lília Barrie Knapp (1948). (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Adriana da Cunha Calcanhoto (1965): cantora e compositora brasileira. As suas composições abordam estilos variados: samba, bossa nova, rock, pop e baladas. Dentre as características de repertório, observa-se a regravação de antigos sucessos da MPB e arranjos diferenciados. (Nota da IHU On-Line)

**ACESSE OS EVENTOS DO IHU EM**

**WWW.IHU.UNISINOS.BR**

## O samba como símbolo de brasilidade

Cantar pode ser uma forma de ler, de comunicar, de contar uma história, de expressar opiniões e sentimentos, defende Pedro Bustamante Teixeira

POR GRAZIELA WOLFART

**N**a tentativa de definir o que seria a canção, o músico Pedro Bustamante Teixeira afirma que “a adequação de um discurso oral a uma determinada sequência melódica é o primeiro passo para a confecção de uma obra musical breve que chamamos de canção”. Em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line** ele declara que “analisar a literatura brasileira produzida no século XX sem contemplar, em um momento ou outro o cancionero popular, é impensável”. Para Pedro, “a ascensão do samba no Rio de Janeiro via fonógrafo e o seu seguinte sucesso no Carnaval de 1917 revelaram toda uma cultura afro-brasileira que se preservava às escondidas”. E continua: “o samba percorre um caminho que vai da sua marginalidade à sua consagração como símbolo de brasilidade. Nesse percurso, o samba força a inscrição de toda uma cultura afro-brasileira na identidade nacional”.

Pedro Bustamante Teixeira possui graduação em Língua Portuguesa e em Língua Italiana (e em suas respectivas literaturas), e mestrado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários e Representações Culturais na mesma instituição. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Didaticamente, como podemos definir canção?**

**Pedro Bustamante Teixeira** - O canto sempre foi uma possibilidade do discurso. Cantar pode ser uma forma de ler, de comunicar, de contar uma história, de expressar opiniões e sentimentos. Assim como a poesia, a canção apreende e reúne palavras em um determinado suporte. No caso da canção, o suporte é musical. A adequação de um discurso oral a uma determinada sequência melódica é o primeiro passo para a confecção de uma obra musical breve que chamamos de canção. A canção como linguagem, “canto do povo de um lugar”, é de tempos imemoriais. Já a canção moderna, tal qual a reconhecemos hoje, é fruto da união da música popular com o fonógrafo, que permitiu, no início do século XX, que as expressões musicais populares pudessem ser, enfim, gravadas. Até a invenção do fonógrafo, o registro musical só era possível mediante tradução da escrita musical - muitas vezes insuficiente diante das expressões musicais não ocidentais. Em contrapartida, coube aos compositores populares a adaptação do canto folclórico às exigên-

cias da indústria fonográfica. Fundava-se uma nova tradição. Na origem da canção moderna brasileira, por exemplo, encontraremos um samba, *Pelo telefone*<sup>1</sup>, gravado em 1917. De samba em samba se desenvolve a canção brasileira moderna.

**IHU On-Line - Que relações podem ser estabelecidas entre a canção e a literatura?**

**Pedro Bustamante Teixeira** - A cultura letrada no Brasil por muito tempo foi um privilégio da elite. Tanto a literatura como a canção foram, ao longo da história brasileira, suportes para determinados discursos. Enquanto a literatura no Brasil, em razão do elevado índice de analfabetismo entre os brasileiros, foi por muito tempo um privilégio de uma elite bem informada, a canção, tanto em sua forma originária - como manifestação folclórica - quanto em sua forma moderna - como canção comercial -,

por ser uma expressão da oralidade, pôde sempre contar com um público muito mais numeroso. Diante da realidade do analfabetismo no Brasil, muitos poetas brasileiros recorreram ao canto para propagarem seus poemas. Gregório de Matos, por exemplo, entoava seus versos sob o acompanhamento de um violão que ele mesmo tocava. Muitos dos seus poemas eram a princípio canções. Como hoje restaram apenas as palavras desse discurso “litero-musical”, tendemos a não pensar que esses poemas eram originalmente canções.

Enquanto o modernismo paulista pregava a afirmação da língua coloquial na literatura brasileira, os sambistas já recorriam ao português falado na confecção de suas primeiras canções. Muitos desses sambistas flertaram com a poesia romântica ou parnasiana. No entanto, estava na oralidade, na língua falada por seus iguais, a variante linguística que cristalizariam em canções. Daí o nascimento de um modernismo popular, que, certamente, tem em Noel Rosa o seu maior expoente.

**Canção popular**

<sup>1</sup> *Pelo Telefone*: considerado o primeiro samba a ser gravado no Brasil segundo os registros da Biblioteca Nacional. O samba de Ernesto Joaquim Maria dos Santos (Donga) e Mauro de Almeida foi registrado em 27 de novembro de 1916 como sendo de autoria de Donga. (Nota da IHU On-Line)

Nos anos 1950, diante de uma realidade não tão diversa em relação ao índice de analfabetismo no Brasil, o poeta Vinicius de Moraes<sup>2</sup>, adere à canção popular no intuito de atingir com a sua poesia não somente uma minoria letrada, mas também, à parte, grande maioria da população brasileira excluída da prática literária pelo seu baixo índice de letramento. Exitoso em seu projeto, Vinicius torna-se um dos poetas mais populares da história do Brasil. Poeta da palavra escrita e da palavra cantada, Vinicius de Moraes foi um dos que mais contribuíram para reaproximar a poesia brasileira de sua origem cantada, para dissolver os preconceitos que cercavam o exercício do compositor popular, o primeiro a transcender a divisão basilar entre a cultura brasileira letrada e não letrada no Brasil contemporâneo. Um expoente, tanto do alto modernismo brasileiro como da música popular. Recuperava-se o sentido da palavra trovador.

A partir do gesto de Vinicius foi possível também ao brasileiro letrado perceber a poesia de compositores populares anteriores a ele. Cartola<sup>3</sup>, Noel Rosa<sup>4</sup> e Ismael Silva<sup>5</sup>, que em suas respectivas comunidades já eram reconhecidos como poetas, passaram a ser reconhecidos como tais também em outros circuitos. Foi possível a jovens artistas deslumbrarem o exercício poético através da composição de canções. Vinicius coloca em xeque toda uma concepção modernista para a música e para a literatura e promove uma celeuma na literatura brasileira, que é obrigada, por ele, a aceitar a canção popular em seu campo de estudo. Hoje, analisar a literatura brasileira produzida no século XX sem con-

2 Marcus Vinicius da Cruz e Mello Moraes (1913-1980): diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor brasileiro. Poeta essencialmente lírico, também conhecido como "poetinha", apelido que lhe teria atribuído Tom Jobim, notabilizou-se pelos seus sonetos. (Nota da IHU On-Line)

3 Angenor de Oliveira (1908-1980): mais conhecido como Cartola, foi um cantor, compositor e violonista brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

4 Noel de Medeiros Rosa (1910-1937) foi um sambista, cantor, compositor, bandolinista, violonista brasileiro e um dos maiores e mais importantes artistas da música no Brasil. (Nota da IHU On-Line)

5 Milton de Oliveira Ismael Silva (1905-1978): conhecido como Ismael Silva, foi um músico do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

## “Assim como a poesia, a canção apreende e reúne palavras em um determinado suporte. No caso da canção, o suporte é musical”

templar, em um momento ou outro o cancionista popular, é impensável.

**IHU On-Line - Há canções de samba e de bossa nova, estilos tipicamente brasileiros? O que as caracterizam?**

**Pedro Bustamante Teixeira** - Dada a origem da canção moderna brasileira, no Brasil samba e canção por muito tempo foram sinônimos. O samba está na gênese da canção moderna brasileira. A ascensão do samba no Rio de Janeiro via fonógrafo e o seu seguinte sucesso no Carnaval de 1917 revelaram toda uma cultura afro-brasileira que se preservava às escondidas. No entanto, os primeiros sambas gravados ainda pareciam estar em busca de uma identidade própria, muitas vezes eram reuniões arbitrárias de refrões, sem uma segunda parte, antecidos por uma introdução e finalizados por improvisos instrumentais. Com um ritmo ainda muito semelhante ao maxixe, esses sambas frequentemente foram taxados de sambas-amaxixados. No final da década de 1920, quando os sambas de um novo grupo de compositores radicados no bairro do Estácio começam a ser gravados, o ritmo enfim se desvincula de seus ritmos ancestrais. A partir de então, o samba ganha características próprias. Torna-se mais ligeiro, mais contramétrico e sincopado. As segundas partes se incorporam ao gênero fazendo par com o refrão. Consagrado nas ondas do rádio e nas escolas de samba recém-fundadas, o estilo novo, por fim, torna-se o mais característico: samba-samba.

**A bossa nova e o cancionista brasileiro**

A bossa nova, por sua vez, é fruto de uma releitura crítica da tradição do cancionista brasileiro. Seus artífices bus-

caram refazer o caminho da música popular brasileira que a levou do samba ao bolero, ao tango, à canção norte-americana e à canção francesa com a hegemonia do estilo samba-canção. Diante de um amadurecimento da canção popular brasileira e o esgotamento do estilo dominante nos anos 1940 e 1950, o samba-canção, a bossa nova propõe a retomada do samba-samba, do compasso binário, da alegria. A bossa nova rompe com a interpretação operística do samba-canção, evita os seus arranjos suntuosos e o tom melancólico e desesperado de suas canções. Por um lado, a bossa nova promove a redescoberta do samba com o enxugamento dos excessos do samba-canção. Por outro, projeta a sua modernização através da incorporação de uma série de elementos técnicos, estéticos e musicais do jazz.

**IHU On-Line - Quais os principais aspectos literários e musicais do samba como canção, e o que dizem sobre o Brasil e seu povo, no sentido de contribuir para o processo de “invenção” ou construção identitária do brasileiro?**

**Pedro Bustamante Teixeira** - O samba percorre um caminho que vai da sua marginalidade à sua consagração como símbolo de brasilidade. Nesse percurso, o samba força a inscrição de toda uma cultura afro-brasileira na identidade nacional. Enquanto uma significativa parte da elite branca flertava com as ideias eugenistas, caminhando para o fascismo e a segregação das raças, o samba, essencialmente híbrido, celebrava a mistura: o nascimento de um povo pela mistura. Assim como Gilberto Freyre<sup>6</sup>, no final da década de 1930, os

6 Gilberto Freyre (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala e Sobrados e Mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido no dia 15-04-2004, pelo IHU. Sua palestra originou o artigo publicado no Caderno IHU nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível para download em <http://migre.me/69teH>. (Nota da IHU On-

sambistas irão refutar um pensamento muito em voga na época que creditava à mestiçagem as razões do nosso atraso. Como Freyre, os sambistas viam na afirmação da mestiçagem a promessa de uma nova civilização. O populista Getúlio Vargas<sup>7</sup> encontra no ritmo um espaço capaz de reunir os brasileiros tão heterogêneos. Daí a sacada de Oswald de Andrade, explicitada no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) de que “o carnaval do Rio de Janeiro é

Line)

7 Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio o IHU promoveu o Seminário Nacional *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a *Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios*, no Espaço Cultural do IHU. A revista IHU On-Line publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16-08-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, disponível em <http://migre.me/QYAi>, e a edição 112, de 23-08-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://migre.me/QYBn>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://migre.me/QYCb>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU *Ideias Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos *Cadernos IHU Ideias*, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir, disponível em <http://migre.me/QYDR>. Vale destacar o *Caderno IHU em formação* número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://migre.me/QYEE>. (Nota da IHU On-Line)

o acontecimento religioso da raça”. Getúlio faria de tudo para coordenar tanto o carnaval como o samba. O povo brasileiro, segundo Oswald, acontecia como raça no carnaval. Poderíamos acrescentar ainda: mediante o batuque dos sambistas. O carnaval e o samba, portanto, contribuíram de maneira decisiva para a invenção de um povo orgulhoso de seu caráter híbrido.

### O samba e o projeto nacionalista

Como a construção de uma identidade brasileira se dava, basicamente, a partir da exaltação do carnaval e do samba, coube ao governo Vargas tentar organizar este ideário para irem ao encontro do projeto nacionalista do Estadista. Desde então, o samba e o carnaval carioca são legitimados como símbolos identitários da nação. Em contrapartida, o governo passa a organizar o carnaval do Rio de Janeiro e a interferir na temática das canções, incentivando os sambas de exaltação à pátria, aos bons costumes e ao trabalho, em detrimento aos numerosos sambas de incentivo à vadiagem, à orgia e à insubmissão. Quanto mais o samba se consagrava como o ritmo nacional, mais se tornava um instrumento da ideologia varguista. Consequentemente se dá a monumentalização do samba, evidente no samba-exaltação de *Aquarela do Brasil*<sup>8</sup>. Por fim, o samba é limitado pelo seu próprio estereótipo.

8 *Aquarela do Brasil*: também conhecida como “Aquarela Brasileira” é uma das mais populares canções brasileiras de todos os tempos, escrita pelo compositor mineiro Ary Barroso em 1939. (Nota da IHU On-Line)

Assim, passará a se afirmar mais pelo seu exotismo sensualista do que pelas suas virtudes “litero-musicais”.

A bossa nova, ao buscar o samba anterior a essa standardização, procurou também desvencilhar o samba e, conseqüentemente, a música brasileira de um exotismo artificial. Daí a ausência das penas, do pandeiro e das dançarinas. Com a decantação estética da bossa nova, a música brasileira é reconhecida internacionalmente não mais apenas pelo seu exotismo, mas também pelo valor intrínseco de suas canções. Com a bossa nova, o movimento concretista, a construção de Brasília e o triunfo do futebol brasileiro na Copa do Mundo de 1958, o Brasil parecia superar um complexo de inferioridade histórico. No entanto, a crise política dos anos 1960, seguida pela implantação de uma ditadura militar no Brasil, comprometeria essas promessas de felicidade, de modernidade e harmonia e configuraria um caos, magistralmente captado por Glauber Rocha<sup>9</sup> em *Terra em transe*<sup>10</sup> e pela tropicalia.

9 Glauber de Andrade Rocha (1939-1981): cineasta brasileiro e também ator e escritor. Começou a realizar filmagens (seu filme *Pátio*, de 1959, ao mesmo tempo em que ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, hoje da Universidade Federal da Bahia, entre 1959 a 1961), que logo abandonou para iniciar uma breve carreira jornalística, em que o foco era sempre sua paixão pelo cinema. (Nota da IHU On-Line)

10 *Terra em Transe*: filme brasileiro de 1967, do gênero drama, roteirizado e dirigido por Glauber Rocha. (Nota da IHU On-Line)

## LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR



# A estreita correlação entre a música e as questões culturais, sociais e políticas

“A canção popular tornou-se um espaço crítico em relação ao seu meio de produção, consumo e circulação”, constata Santuza Cambraia Naves

POR GRAZIELA WOLFART

A professora e pesquisadora Santuza Cambraia Naves acredita que, pelo menos no caso brasileiro, “as canções têm a mesma importância da literatura e dos ensaios sociológicos no sentido não apenas de comentar aspectos importantes da cultura local, mas também de criá-la”. Ela fez essa e outras afirmações na entrevista que se segue, concedida por e-mail à IHU On-Line. Segundo ela, “os anos 1960 foram marcados por uma consciência nacionalista muito forte, o que levou essa geração de compositores emepistas a proceder à maneira de Mário de Andrade, procurando representar o Brasil através das sonoridades oriundas das três raças (a ameríndia, a africana e a europeia)”.

Santuza Cambraia Naves realiza pesquisas na área de Antropologia da Música e da Antropologia da Arte desde os anos 1980. Defendeu dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, intitulada Objeto não identificado: a trajetória de Caetano Veloso, e tese de doutorado em Sociologia no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, intitulada O violão azul: modernismo e música popular. Integra o quadro permanente de professores do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio. É autora de, entre outros: *O violão azul: modernismo e música popular* (Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998); *Da bossa nova à tropicália*. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001); e *Canção popular no Brasil* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como é que você chegou ao conceito de canção crítica?**

**Santuza Cambraia Naves** - Após pesquisar sonoridades criadas em diversos momentos no século XX, concluí que, principalmente após a bossa nova, a canção popular tornou-se um espaço crítico em relação ao seu meio de produção, consumo e circulação. A música popular passou não só a dialogar com a crítica, como a incorporar elementos e referências de outras áreas, como a literatura, as artes plásticas, o teatro e o cinema. Ao proceder dessa maneira, o compositor popular passou a contar com uma pluralidade de interlocutores – do universo “elevado” das discussões eruditas ao menos nobre da comunicação de massa – e introduziu, no terreno da música popular, um componente crítico, recorrendo ora à referencialidade, buscando tematizar fragmentos do

cotidiano; ora ao comentário de textos que constam do repertório musical, jornalístico e cinematográfico, entre outros; ora também à metalinguagem.

Esse tipo de procedimento foi retomado pela geração seguinte que criou a MPB e uma década depois pelos músicos tropicalistas, que também recorreram ao comentário crítico e, de maneira inusitada, à metalinguagem. Tal maneira de operar a canção popular caracterizou o fenômeno cultural que se desenvolveu no Brasil pelo menos a partir do final dos anos 1950, quando o compositor popular passou a ser reconhecido como um intelectual, um crítico da cultura. Não se trata de uma crítica que se restringe à participação do intelectual na vida pública, como de fato ocorre, mas também de operar com o pensamento crítico no próprio processo criativo, como já vimos, lidando com procedimentos

intertextuais e metalinguísticos.

**IHU On-Line - Até que ponto as “diretrizes” de Mário de Andrade para a música brasileira contribuíram para a sustentação da MPB? Podemos afirmar que com o tropicalismo pela primeira vez são questionadas essas diretrizes? O que prevalece no cenário atual? É ainda produtiva a escolha do termo MPB?**

**Santuza Cambraia Naves** - Uma série de procedimentos que, no período modernista, era restrita à música erudita penetrou, principalmente a partir dos anos 1950, no terreno da canção popular. Se Mário de Andrade defendia a transfiguração erudita do “populário” (a cultura popular não contaminada pelo processo civilizatório) em prol de um projeto construtivo (no caso, de construção da identidade nacional), o que se aplica-

va com perfeição à música de Villa-Lobos<sup>1</sup>, mais tarde, principalmente a partir do final dos anos 1950, essa proposta passou a ser colocada em prática, de maneira atualizada, pelos compositores populares. Assim, a ideia modernista de “transfiguração” do elemento popular para uma linguagem erudita atualizou-se na prática dos músicos populares que criaram a MPB, através da recriação de sonoridades legadas pela tradição.

Os anos 1960 foram marcados por uma consciência nacionalista muito forte, o que levou essa geração de compositores emepelistas a proceder à maneira de Mário de Andrade, procurando representar o Brasil através das sonoridades oriundas das três raças (a ameríndia, a africana e a europeia). O tropicalismo questionou as premissas nacional-populares que fundamentaram a MPB, pensando o Brasil pela perspectiva de Oswald de Andrade. Assim, em vez da síntese promovida pelas três culturas constitutivas do país, como se vê na proposta de Mário de Andrade, os músicos tropicalistas aceitaram a proposta oswaldiana de conectar elementos aparentemente díspares: o local e o global, o arcaico e o moderno, e os “bárbaros” e os “meigos”, como se vê no Manifesto

1 Heitor Villa-Lobos (1887-1959): compositor brasileiro. Aprendeu as primeiras lições de música com seu pai, Raul Villa-Lobos, funcionário da Biblioteca Nacional. Ele lhe ensinou a tocar violoncelo usando improvisadamente uma viola, devido ao tamanho de “Tuhu” (apelido de origem indígena que Villa-Lobos tinha na infância). Sozinho, aprendeu violão na adolescência, em meio às rodas de choro cariocas, às quais prestou tributo em sua série de obras mais importantes: *Os Choros*, escritos na década de 1920. (Nota da IHU On-Line)

da poesia pau-brasil, de 1924.

Quanto ao cenário atual, podemos dizer que nele nada é hegemônico; pelo contrário, vemos a proliferação hoje em dia das mais diversas tendências musicais. O termo MPB continua sendo usado como rótulo classificatório de estilos musicais, embora a sigla não tenha mais o conteúdo semântico de quando foi criada, em meados da década de 1960. Hoje, por exemplo, considera-se MPB o chamado “rock brasileiro anos 1980”, o que seria impensável nos anos 1960, quando a Jovem Guarda era considerada uma traição aos pressupostos nacionalistas da MPB.

**IHU On-Line - Por que não considerar a bossa nova um movimento?**

**Santuza Cambraia Naves** - A ideia de movimento pressupõe programas, manifestos e alguns outros procedimentos comprometidos com a ruptura com determinadas tradições e a construção de uma nova ordem, política, estética ou cultural. A bossa nova tem uma sensibilidade parecida, mas falta-lhe um tipo de organização que poderia caracterizá-la como movimento.

**IHU On-Line - Como você avalia os trabalhos resultantes das suas orientações relacionados ao assunto música popular brasileira? Qual a importância dessa produção? Por que é preciso estudar canção no Brasil?**

**Santuza Cambraia Naves** - Os trabalhos que orientei até agora partem do pressuposto de que há uma estreita correlação entre a música e as questões cultu-

rais – para não dizer sociais, e também políticas – mais abrangentes. Acredito que, pelo menos no caso brasileiro, as canções têm a mesma importância da literatura e dos ensaios sociológicos no sentido não apenas de comentar aspectos importantes da cultura local, mas também de criá-la.

**IHU On-Line - Estaria a canção brasileira ou a canção crítica, perdendo a sua força na atual conjuntura, momento em que começamos a vislumbrar a alfabetização total da população?**

**Santuza Cambraia Naves** - Tenho dúvidas com relação aos resultados alcançados via alfabetização. Será que o indivíduo alfabetizado vai utilizar esse recurso para a fruição de literatura, ou poesia? Não saberia responder a essa pergunta, mas poderia dizer, isto sim, que costumo identificar alguns procedimentos críticos em criações musicais as mais diversas, e às vezes não necessariamente na tradição do nosso cancioneiro. Crédito a Marcelo D2<sup>2</sup>, por exemplo, a atuação crítica em diversas composições, embora ele seja um rapper, e não propriamente cancionista.

2 Marcelo D2: nome artístico de Marcelo Maldonado Gomes Peixoto (1967), rapper brasileiro e ex-vocalista da banda Planet Hemp, que hoje segue em carreira solo. “D2”, no jargão dos usuários de maconha, significa dar apenas alguns “tragos” na droga; Marcelo é assumidamente usuário da droga, e teria colocado o D2 em seu nome como forma de expressar que fuma maconha - e foi falando dela que ele começou nos palcos. Célebre por misturar o samba com a black music, fez várias parcerias com artistas de outros gêneros, como o axé music, e com pessoas que fazem batidas de música eletrônica com a boca, popularmente conhecido como beatbox. (Nota da IHU On-Line)

## LEIA A ENTREVISTA DO DIA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

### ENTREVISTA DO DIA

**O uso de cobaias para testes científicos. Um debate ético. Entrevista especial com Aleksander Roberto Zampronio**



“Três princípios básicos regem a ética no trabalho com animais: substituição, redução e refinamento”, assinala o pesquisador.

**Confira a entrevista.**

# O complexo caminho da bossa nova ao rap

Para Walter Garcia, a canção popular brasileira extrapolou a banalidade que se espera das produções feitas para competir no mercado

POR GRAZIELA WOLFART E PEDRO BUSTAMANTE TEIXEIRA

**A**o estabelecer possíveis relações entre a bossa nova e o rap, o professor da USP, Walter Garcia, afirma que “se formaram dois sistemas na canção brasileira de mercado (...). Num desses sistemas, João Gilberto ocupa o lugar central. Noutro, o Racionais MC’s”. A afirmação foi feita em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line.

Walter Garcia da Silveira Junior é professor da área temática de Música do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo - USP, pesquisa a canção popular comercial e a canção popular tradicional brasileira. Violonista e compositor, é doutor e mestre em Literatura Brasileira pela USP. Publicou o livro *Bim Bom: a contradição sem conflitos de João Gilberto* (São Paulo: Paz e Terra, 1999). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais foram as maiores dificuldades para conciliar os estudos da linguística aos estudos da música popular brasileira e do rap?**

**Walter Garcia** - Sou formado em jornalismo pela Universidade de São Paulo. Desde quando iniciei o mestrado na área de literatura brasileira, em 1993, também na USP e sob orientação de José Antonio Pasta, sujeitei o meu (limitado) estudo de linguística à compreensão do trabalho de análise da canção desenvolvido por Luiz Tatit<sup>1</sup>. Assim, não houve nenhuma dificuldade, uma vez que nunca estudei qualquer tópico de linguística senão para estudar a canção popular brasileira.

**IHU On-Line - Em que medida o seu estudo sobre João Gilberto, trazido no livro *Bim Bom*, contribui para o estudo da música dos Racionais MC’s? Como é percorrer o caminho que vai da bossa nova de João Gilberto ao rap dos Racionais MC’s?**

**Walter Garcia** - Não sei avaliar se a minha dissertação de mestrado sobre João Gilberto<sup>2</sup>, depois publicada em livro,

<sup>1</sup> Confira sua entrevista concedida nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **João Gilberto:** João Gilberto Prado Pereira de Oliveira, conhecido como João Gilberto, violonista e cantor, é considerado um dos pais da bossa-nova brasileira, juntamente com Tom Jobim. Nasceu em Juazeiro (BA), em 1931, mudando-se para o Rio de Janeiro, em 1950.

contribui ou não para o estudo dos Racionais MC’s<sup>3</sup>. Mas penso que não há exatamente um caminho da “bossa nova” ao “rap”. Aliás, como não é nada fácil lidar com esses rótulos, seria melhor afirmar que não vejo um caminho que vá de João Gilberto aos Racionais MC’s. Penso, sim, que se formaram dois sistemas na canção brasileira de mercado (remeto-me à noção de sistema trabalhada por Antonio Candido<sup>4</sup> na literatura, adap-

Perfeccionista, apresenta-se com sucesso em todo o mundo (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> **Racionais MC’s:** grupo brasileiro de rap, fundado em 1988 na periferia da cidade de São Paulo por Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edy Rock (Edivaldo Pereira Alves) e KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões). Suas letras falam sobre a realidade das periferias urbanas brasileiras, discutindo temas como o crime, pobreza, preconceito social e racial, drogas e consciência política. Usando a linguagem da periferia, com expressões típicas das comunidades pobres com o objetivo de comunicar-se de forma mais eficaz com o público jovem de baixa renda, as letras do grupo fazem um discurso contra a opressão à população marginalizada na periferia e procuram passar uma postura contra a submissão e a miséria. Apesar de atuar essencialmente na periferia paulistana, de não fazer uso de grandes mídias e se recusar a participar de grandes festivais pelo Brasil, o grupo vendeu durante a carreira cerca de 1 milhão e 700 mil cópias de seus álbuns. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918): escritor, ensaísta e professor universitário, um dos principais críticos literários brasileiros. É professor emérito da USP e UNESP, e doutor honoris causa da Unicamp. Foi crítico da revis-

tando-a evidentemente às condições de realização da canção popular). Num desses sistemas, João Gilberto ocupa o lugar central. Noutro, o Racionais MC’s ocupa o lugar central.

**IHU On-Line - Haveria algo em comum entre o gesto de João Gilberto e o gesto de Mano Brown?**

**Walter Garcia** - Sim, o fato de ambos serem grandes artistas. Nesse senti-

ta *Clima* (1941-4) e dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Na vida política, participou de 1943 a 1945 na luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Escreveu o clássico *Parceiros do Rio Bonito* (1964). Sobre ele, conferir as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à IHU On-Line nº 278, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à IHU On-Line nº 283, de 24-11-2008, intitulada *As Ciências Sociais, hoje. Os 50 anos do curso de Ciências Sociais da Unisinos*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> **Mano Brown:** nome artístico de Pedro Paulo Soares Pereira (1970), rapper brasileiro, vocalista dos Racionais MC’s, grupo de rap formado na capital paulista em 1988. É autor de canções como “Vida Loka I”, “Vida Loka II”, “Negro Drama” (com Edy Rock), “A Vida é Desafio”, “Jesus Chorou”, “Da Ponte pra Cá”, “Capítulo 4, Versículo 3”, “Tô Ouvindo Alguém Me Chamar”, “Diário de um Detento”, “Homem na Estrada”, “Fim de Semana no Parque” (com Edy Rock), “Mano Na Porta do Bar”, “Negro Limitado” (com Edy Rock) e “Pânico na Zona Sul”, entre outras. (Nota da IHU On-Line)

do, aguçar a sensibilidade ouvindo um pode ajudar no reconhecimento da qualidade artística de outro. Mas é lógico que, para tanto, a sensibilidade deve ultrapassar determinações de classe que, muitas vezes, se confundem com o chamado gosto pessoal.

**IHU On-Line - De que se servem os Racionais MC's em termos literários e musicais, na tentativa de traduzir esse olhar a partir da periferia de São Paulo?**

**Walter Garcia** - Sem nenhuma pretensão de identificar todos os elementos, é possível dizer que o Racionais MC's, até o momento, se serviu de: a) coragem para cantar a relação entre a vida nas periferias e a vida no centro expandido de São Paulo - ou, de modo mais amplo, entre a vida nas periferias urbanas e a vida das classes A e B no Brasil; b) inteligência para identificar a amplitude dessa relação econômica e social, uma relação que se estabelece de vários modos mas sempre com desvantagem para a vida nas periferias, sobretudo para a vida dos negros que nelas habitam; c) coragem e inteligência para converter em orgulho diversas marcas de humilhação; d) talento para cantar a violência, sem deixar de ser contundente, sem fazer melodrama e sem vender sadismo; e) talento, outra vez, para rimar e para ritmar palavras de rua, comunicando-se assim de forma simples e bastante eficiente com quem lhe interessa; f) talento, uma vez mais, para utilizar figuras da mídia (propagandas comerciais, marcas de sucesso, personagens de filmes) na construção poética, desmitificando-lhes o poder de encantamento.

**IHU On-Line - Para você, o rap produzido no Brasil extrapola os domínios da canção?**

**Walter Garcia** - Para mim, nos melhores momentos dos dois sistemas aos quais aludi, a canção popular brasileira extrapolou a banalidade que se espera das produções feitas para competir no mercado. Para citar um só disco de João Gilberto, é o caso de seu "Album Branco", de 1973. Mas também se poderia citar *Caymmi e seu violão*, lançado por Dorival Caymmi em 1959, ou ainda *Clara Crocodilo*, lançado por Arrigo Barnabé e Banda Sabor de Veneno em 1980, como exemplos de produção artística desse sistema. Já para citar um só disco do Racionais MC's, é o caso de *Sobrevivendo no inferno*, de 1997. E também se poderia citar Tarja Preta, CD duplo lançado por Gog em 2004, como exemplo de produção artística do outro sistema.

## O produtivo diálogo entre sonoridades, textualidades e imagens

Júlio Cesar Valladão Diniz entende que o conceito de literatura como lugar estabilizado do cânone e da tradição não reflete mais os deslizamentos e transformações das artes na contemporaneidade. "A literatura é uma prática em rotação, linguagem nômade, estética em processo", define

POR GRAZIELA WOLFART E PEDRO BUSTAMANTE TEIXEIRA

**N**a visão do professor da PUC-Rio, Júlio Cesar Valladão Diniz, "os desafios para o alargamento do diálogo música/literatura que se apresentam neste século dizem respeito a dois itens principais. O primeiro aponta para a necessidade de aumentar os núcleos, laboratórios e grupos de pesquisa com perfil transdisciplinar. O segundo vai ao encontro da demanda de um público, especializado ou não, que quer saber mais sobre as transformações da cultura contemporânea, e o lugar e papel da música popular nessas mudanças e reorganizações sociopolíticas e econômicas". Na entrevista a seguir, concedida por e-mail para a IHU On-Line, Diniz percebe que "no momento atual dos estudos de literatura e cultura, não há como considerar que o interesse por temas ligados ao diálogo literatura/música popular/ linguagens nos programas de pós é enorme e crescente. Ninguém precisa mais se desculpar ou ficar se justificando do porquê pesquisar música no mestrado ou doutorado".

Júlio Cesar Valladão Diniz formou-se em Letras pela UFRJ e concluiu o mestrado e o doutorado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde, desde 1987, é professor. Atualmente exerce o cargo de Diretor do Departamento de Letras. Foi professor visitante na Universidad de Salamanca, Espanha, onde fez o pós-doutorado em 2000. Entre seus livros publicados citamos *Estudo de textos literários* (Niterói: EDA, 1996) e *Literatura linguagem cultura* (Niterói: EDA, 2000). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais foram as formas de pensar o diálogo entre literatura e música popular durante o século XX, e quais seriam as novas formas de pensar o diálogo entre música popular e literatura no século XXI?**

**Júlio Cesar Valladão Diniz** - A leitura crítica da relação entre música popular e literatura é muito recente e localizada espacialmente.

Em outras palavras, há pouquíssimo tempo os pesquisadores acadêmicos perceberam que a nossa formação cultural passa obrigatoriamente pelo diálogo (quase sempre produtivo) entre sonoridades, textualidades e imagens. E o interesse em observar, estudar e pesquisar essas zonas de intersecção tem muito a ver com o Brasil. Não há, com exceção dos Estados

Unidos, Inglaterra e alguns países latino-americanos, lugar em que a música popular tenha tanta importância quanto aqui. Eu falo da música popular sofisticada, complexa e socioculturalmente crítica. Não me refiro aos hits da indústria massiva do entretenimento, quase sempre banais e alienados. Se tivéssemos que citar o iniciador das pesquisas sobre a relação música, literatura e cultura, diríamos que Mário de Andrade ocupa com justiça esse lugar. Mário foi o primeiro a se dedicar à matéria nos anos 1920 e 1930. Durante muito tempo os seus ensaios e livros foram as únicas referências mais consistentes na área. A partir do Balanço da bossa e outras bossas, de Augusto de Campos, na década de 1960, a produção analítica e crítica ganhou impulso. Antropólogos, sociólogos, historiadores, teóricos da literatura, filósofos, pensadores na área de comunicação e mídia, além dos musicólogos e etnomusicólogos, contribuíram em muito para o amadurecimento e consolidação desse campo de saber que já nasceu interdisciplinar. Os desafios para o alargamento do diálogo música/literatura que se apresentam neste século dizem respeito a dois itens principais. O primeiro aponta para a necessidade de aumentar os núcleos, laboratórios e grupos de pesquisa com perfil transdisciplinar. O segundo vai ao encontro da demanda de um público, especializado ou não, que quer saber mais sobre as transformações da cultura contemporânea, e o lugar e papel da música popular nessas mudanças e reorganizações sociopolíticas e econômicas.

**IHU On-Line - Qual seria a diferença entre produzir crítica sobre, e crítica em música?**

**Júlio Cesar Valladão Diniz** - Produzir crítica sobre música não contempla, para mim, o necessário diálogo entre os componentes básicos e os campos de construção, significação e deslocamento do largo constructo a que denominamos concisamente “música popular”. Produzir crítica em música é levar em conta todas as etapas do complexo sistema inter-semiótico e autopoietico que faz as paisagens sonoras e os signos textuais circularem. Para deixar mais

**“Não há, com exceção dos Estados Unidos, Inglaterra e alguns países latino-americanos, lugar em que a música popular tenha tanta importância quanto aqui (Brasil)”**

clara a diferença, eu diria que analisar somente a letra da canção é possível, mas se resume a um exercício de falar sobre a música, sem considerar os atores, forças e estruturas linguísticas e sonoras que formam e atuam na canção. O diálogo mais produtivo e inventivo se dá no em, que é quase sinônimo de com, e não no sobre.

**IHU On-Line - O que significa pesquisar e produzir crítica não mais sobre, mas em música - música popular, música pop - no espaço dos Programas de Pós-Graduação em Letras?**

**Júlio Cesar Valladão Diniz** - Acho que a entrada dos estudos em/de/com música popular nos departamentos de letras foi, no início, muito difícil. O preconceito era grande. Alguns doutos professores e pesquisadores, que sofriam de torcicolo intelectual, ou seja, olhavam para o Brasil com o pescoço inclinado para a Europa e Estados Unidos, torciam os seus preciosos narizes quando um jovem doutorando e/ou um jovem docente propunham estudar MPB. Ainda bem que **Affonso Romano de Sant’Anna**<sup>1</sup>, Silviano

<sup>1</sup> **Affonso Romano de Sant’Anna** (1937): poeta, jornalista brasileiro. Nos anos 1960, participou dos movimentos que transformaram a poesia brasileira, interagindo com os grupos de vanguarda e construindo sua própria linguagem e trajetória. Também data desta época sua participação nos movimentos políticos e sociais. Como poeta e cronista, foi considerado pela revista Imprensa, em 1990, um dos dez jornalistas que mais influenciam a opinião de seu país. Dirigiu o Departamento de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na década de 1970, organizou a “Expoesia”, evento que reuniu 600 poetas num balanço da poesia brasileira e trouxe ao Brasil conferencistas estrangeiros como Michel Foucault. Como jornalista trabalhou nos principais jornais e revistas do país: Jornal do Brasil, Senhor, Veja, Isto É e O Estado de São Paulo. Foi cronista da Manchete e do Jornal do Brasil. Está no jornal O

Santiago<sup>2</sup>, José Miguel Wisnik<sup>3</sup>, Luiz Tatit, Cláudia Neiva de Matos, Fred Góes<sup>4</sup>, entre outros, ajudaram a pavimentar uma estrada que, hoje, aponta para inúmeros caminhos. No momento atual dos estudos de literatura e cultura, não há como considerar que o interesse por temas ligados ao diálogo literatura/música popular/ linguagens nos programas de pós é enorme e crescente. Ninguém precisa mais se desculpar ou ficar se justificando do porquê pesquisar música no mestrado ou doutorado.

**IHU On-Line - As faculdades de Letras estariam se preparando para a formação de críticos culturais? A crítica cultural tornou-se uma perspectiva para os acadêmicos da área?**

**Júlio Cesar Valladão Diniz** - Tenho a certeza que sim. A crítica cultural é, para mim, o caminho mais fértil e potente que as faculdades e departamentos de Letras têm de tratar essa coisa nada fácil de definir que é a literatura. O conceito de literatura como lugar estabilizado do cânone e da tradição não reflete mais os deslizamentos e transformações das artes na contemporaneidade. A literatura é uma prática em rotação, linguagem

Globo desde 1988. Foi considerado pelo crítico Wilson Martins como o sucessor de Carlos Drummond de Andrade, no sentido de desenvolver uma “linhagem poética” que vem de Gonçalves Dias, Bilac, Bandeira e Drummond. De sua obra, composta por cerca de 30 livros de ensaios, poesia e crônicas, destacamos *Que fazer de Ezra Pound?* (São Paulo: Imago, 2003), *Desconstruir Duchamp* (Rio de Janeiro: Vieira & Leme, 2003) e *A cegueira e o saber* (Rio de Janeiro: Rocco, 2006). Sant’Anna esteve presente na Unisinos, participando do Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Nesta ocasião, o jornalista foi entrevistado pela IHU On-Line, com o título “Pensar que o artista é mais livre que um engenheiro é uma temeridade”. A entrevista pode ser conferida na edição 220, de 21 de maio de 2007. Confira, ainda, nesta edição, uma crônica de Sant’Anna sobre Drummond. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Silviano Santiago** (1936): ensaísta, poeta, professor contista e romancista brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> **José Miguel Soares Wisnik** (1948): músico, compositor e ensaísta brasileiro. É também professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Graduado em Letras (Português) pela Universidade de São Paulo, mestre e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada, pela mesma Universidade. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **Fred Góes** (1948): professor da Faculdade de Letras da Universidade do Rio de Janeiro - UFRJ, onde lidera, com apoio do CNPq, o Grupo Interdisciplinar de Estudos Carnavalescos. (Nota da IHU On-Line)

“Há pouquíssimo tempo os pesquisadores acadêmicos perceberam que a nossa formação cultural passa obrigatoriamente pelo diálogo entre sonoridades, textualidades e imagens”

nômade, estética em processo.

**IHU On-Line - Neste contexto, como você avalia essa produção em música na área de Letras?**

**Júlio Cesar Valladão Diniz** - A produção nesse campo do saber é crescente e de incrível qualidade. Não gostaria de citar nenhum nome em especial, mas basta entrar no site da PUC-Rio e da biblioteca central da universidade para saber quem está fazendo a história da pesquisa música popular/literatura na pós-graduação em Letras no Rio e no Brasil. “Evoé, jovens à vista”, como já disse seu Chico em Paratodos.

**IHU On-Line - Neste contexto, qual é a importância do Núcleo de Estudos em Literatura e Música - NELIM?**

**Júlio Cesar Valladão Diniz** - O NELIM é um centro de pesquisa sediado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ele foi criado originalmente em 2008 no Departamento de Letras, e hoje conta com a parceria dos departamentos de Sociologia e Política, Engenharia Elétrica e pesquisadores da área de História. O Núcleo tem três linhas básicas de atuação, todas voltadas para a relação entre cultura, literatura e música: pesquisa e divulgação de conteúdo, produção de eventos e consultoria de projetos. O NELIM mantém convênios de cooperação acadêmica e parcerias específicas com órgãos federais e estaduais de fomento, instituições públicas e privadas e organizações não governamentais. Estamos fazendo um trabalho bem dinâmico lá e contamos com o apoio e a participação de todos que se interessam pelo tema.

## CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Entrevistas da Semana

## As redes digitais vistas a partir de uma perspectiva reticular

“A revolução digital é hoje a última revolução comunicativa que alterou, pela primeira vez na história da humanidade, a própria arquitetura do processo informativo”, constata o sociólogo

POR MOISÉS SBARDELOTTO

“**A** revolução digital é hoje a última revolução comunicativa que alterou, pela primeira vez na história da humanidade, a própria arquitetura do processo informativo”. Isso se deu pela “substituição da forma frontal de repasse das informações (teatro, livro, imprensa, cinema, TV) por aquela reticular, interativa e colaborativa”.

É a partir desse contexto que o sociólogo ítalo-brasileiro Massimo Di Felice explica o surgimento de “uma nova forma de interação, consequência de uma inovação tecnológica que altera o modo de comunicar e seus significados, estimulando, ao mesmo tempo, inéditas práticas interativas entre nós e as tecnologias de informação”.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line, Di Felice, que também é coordenador do Centro de Pesquisa Atopos (ECA/USP), repassa diversos conceitos e abordagens pesquisados por ele, como netativismo, sujeito e território, pós-humanismo, redes digitais e sustentabilidade.

E também aprofunda sua reflexão sobre os desdobramentos das redes digitais, que exigem uma perspectiva reticular de análise, o que leva a uma superação da complexidade moriniana. “Quando falamos de rede não estamos falando de um sistema. Estamos, portanto, perante um tipo de complexidade não sistêmica, enquanto não composta nem subdivisível num conjunto de partes interdependentes, pois seus fluxos informativos não são lineares e suas dinâmicas interativas não são frontais”.

Massimo Di Felice é sociólogo pela Universidade La Sapienza de Roma e doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo. É professor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo onde coordena o Centro de Pesquisa Atopos (ECA/USP), que desenvolve estudos sobre as transformações sociais promovidas pelo advento das novas tecnologias comunicativas digitais. É professor visitante da Libera Università di Lingue e Comunicazione (IULM) de Milão. É autor de ensaios e artigos editados na Itália em revistas acadêmicas tais como *La Critica Sociológica* e *Agalma*. No Brasil, coordena a coleção *Era Digital*, na qual é organizador das obras *Do público para as redes* (2008) e *Pós-humanismo* (2010); e a coleção *Atopos* (Editora Annablume), na qual publicou os livros *Paisagens pós-urbanas: O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar* (2009) (obra traduzida em italiano e em espanhol) e *Redes digitais e sustentabilidade: As relações com o meio ambiente na época das redes* (2011). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como podemos compreender a importância e o significado das redes digitais no contexto atual?**

**Massimo Di Felice** - Como aconteceu em outras épocas da história, o advento de uma nova tecnologia comunicativa gera transformações qualitativas em todos os setores da sociedade. Marshall McLuhan foi um dos poucos autores do século XX, junto a Walter Benjamin, a observar a importância das mídias e das formas comunicativas no interior dos processos de trans-

formação social. Nas ciências sociais, como é conhecido, difundiu-se no século XX um paradigma interpretativo que analisava a função social das mídias a partir de uma perspectiva instrumental que julgava a comunicação como uma simples atividade de repasse das informações entre os atores sociais e, portanto, atribuindo-lhes a simples função de veículo e representando-as como um conjunto de canais passivos e jamais intervenientes como partes ativas no processo.

Ao contrário, como observado por

**McLuhan**, a função social das mídias não se limita ao seu conteúdo ou ao seu impacto social: “As sociedades sempre foram influenciadas mais pela natureza dos media, através dos quais os homens comunicam, do que pelo conteúdo da comunicação”. Daqui a necessidade de repensar a função social da comunicação que se estende para além do impacto social de seu conteúdo ou da sua função política. Descobre-se, assim, a partir dessa ótica, a importância estrutural da introdução de uma nova tecnologia da

comunicação, do advento da escrita na cultura ocidental, da impressão no século XV, através da invenção de **Gutenberg**<sup>1</sup>, assim como da eletricidade e das mídias de massa no século XX. A cada uma dessas revoluções comunicativas alterou-se não apenas a forma de comunicar - isto é, a quantidade do público atingido pela informação, reduzindo-se o tempo e os custos necessários a difusão -, mas também a sociedade inteira que passou por qualitativas transformações.

### **Revolução digital, revolução comunicativa**

A revolução digital é hoje a última revolução comunicativa que alterou, pela primeira vez na história da humanidade, a própria arquitetura do processo informativo, realizando a substituição da forma frontal de repasse das informações (teatro, livro, imprensa, cinema, TV) por aquela reticular, interativa e colaborativa. Surge, portanto, uma nova forma de interação, consequência de uma inovação tecnológica que altera o modo de comunicar e seus significados, estimulando, ao mesmo tempo, inéditas práticas interativas entre nós e as tecnologias de informação.

É evidente como, perante tais perspectivas, se faz necessária uma nova teoria social das mídias e uma nova perspectiva dos estudos de comunicação. Não podemos mais pensar as mídias como “ferramentas”, instrumentos a serem utilizados, pois, ao utilizarmos novos meios, passamos a desenvolver novas formas de interação e experimentamos novos modos de comunicar, por exemplo, as redes sociais e os smartphones são portadores de inovação não apenas no âmbito tecnológico, mas também no social, sensorial, político, econômico e cultural.

Evidencia-se em tal perspectiva

1 **Johannes Gutenberg** (1398-1468): inventor e gráfico alemão que introduziu a forma moderna de impressão de livros - a prensa móvel que possibilitou a divulgação e cópia muito mais rápida de livros e jornais. Sua invenção do tipo mecânico móvel para impressão começou a Revolução da Imprensa e é amplamente considerado o evento mais importante do período moderno. Teve um papel fundamental no desenvolvimento da Renascença, Reforma e na Revolução Científica e lançou as bases materiais para a moderna economia baseada no conhecimento e a disseminação da aprendizagem em massa. (Nota da IHU On-Line)

uma importante dimensão social da técnica que as ciências sociais abordaram geralmente de forma superficial, preferindo se concentrar na análise políticas dos impactos e de seus efeitos, valendo de uma perspectiva dialética que compreendia a técnica como algo externo ao social e, conseqüentemente, como uma ameaça às atividades humanas e à sociedade como todo. Se continuarmos a concentrar nossa atenção apenas nos efeitos dos “meios” e na dimensão política de suas mensagens, não conseguiremos mais entender as transformações sociais em ato e suas dimensões tecnossociais.

**IHU On-Line - Em conferência recente, o senhor abordou o conceito de “pós-complexidade”, propondo um modo de pensar a comunicação digital a partir de um “paradigma reticular”. O paradigma complexo está superado? Que questionamentos as redes colocam à reflexão contemporânea?**

**Massimo Di Felice** - As redes digitais, isto é, o conjunto de redes de redes, apresentam-se, antes de tudo, como um problema hermenêutico. Quando falamos de rede não estamos falando de um sistema. A forma rede é sempre um conjunto de redes de redes, isto é, um conjunto de conjunto de inter-relações, cujos limites ou perímetros são ilimitados e remetem, sobretudo, a mais de um sujeito.

Uma vez que o repasse de informações não é mais frontal (emissor-receptor), este acontece entre diversos membros e coletivos; a digitalizar-se não são apenas as relações comunicativas entre as pessoas, mas também os territórios, as mercadorias, os objetos, o meio ambiente, a natureza etc. Devemos pensar, portanto, o processo comunicativo em rede como um ecossistema e, portanto, sujeito como todos os ecossistemas a um conjunto de relações com os outros ecossistemas no interior da biosfera que torna cada um parte de uma rede de redes.

A delimitação de um ecossistema é uma operação arbitrária, legítima, contudo, não objetiva. Como nos explicam as ciências biológicas, quando nós falamos de um ecossistema qualquer, por exemplo, uma lagoa, nós

estamos incluindo nesse o conjunto de populações vegetais, animais e minerais aí residentes. Porém, ao fazer esta soma, devemos incluir também as aves, parte das quais por metade do ano emigram para outras localidades, modificando com as suas ausências o meio ambiente, como também a ação do animal humano que resultará nas emissões de CO<sup>2</sup>, pela eletricidade pela difusão no território de elementos químicos, etc., estendendo o microclima e a delimitação ecológica dos ecossistemas, para além do perímetro da própria lagoa. Se acrescentamos a esses elementos a quantidade de chuva ou a luz do sol, elementos fundamentais para o normal funcionamento do ciclo de vida dos ecossistemas, entendemos que ele seja um conjunto de redes de redes indelimitável. Quando falamos de comunicação em rede devemos ter presente tudo isso.

### **“Somos rede”**

Mas existe outro elemento decisivo que devemos levar em conta e que nos leva a superar a lógica do sistema. Esse elemento está relacionado à impossibilidade da visão externa do conjunto de redes de redes. A única forma para observar um processo reticular é fazer parte dele, experimentá-lo e, portanto, alterá-lo, modificá-lo, aspecto este que impossibilita a sua percepção objetiva. Acontece numa arquitetura reticular algo próximo ao que aconteceu no estudo da matéria na física, em particular, algo próximo ao princípio de indeterminação de Werner Heisenberg<sup>2</sup>, que estabelece uma relação dialógica entre o observador e o objeto observado. Tal relação se dá não apenas no momento da observação, mas também na fase anterior e em todas as fases da pesquisa.

Como é conhecido, o estudo das partículas subatômicas pressupõe a escolha prévia de uma específica teoria

2 **Werner Heisenberg**: físico alemão encarregado do programa nuclear de Hitler. Durante o Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio da humanidade, realizado na Unisinos em maio de 2005, foi apresentada a peça teatral *Copenhagen*, que teve como temas centrais a questão nuclear, a ética e a responsabilidade dos cientistas, remetendo-se a um misterioso encontro, em 1941, entre os pais da física quântica, Niels Bohr e Werner Heisenberg. (Nota da IHU On-Line)

da matéria, cuja opção irá determinar o tipo de objeto a ser observado. Portanto, o resultado do nosso pesquisar mudará conforme a nossa ideia de rede e o tipo de concepção de rede que elegemos antes de começar a observação. Como observou George Bateson, não podemos nos colocar externamente a um processo comunicativo reticular, pois estamos nele, fazemos parte dele, assim como ele nos compõe.

Estamos, portanto, perante um tipo de complexidade não sistêmica enquanto não composta nem subdivisível num conjunto de partes interdependentes, pois seus fluxos informativos não são lineares e suas dinâmicas interativas não são frontais. Parece-me que a perspectiva reticular supera a dimensão multicausal e aquela da reversibilidade da complexidade, apresentada por Edgar Morin<sup>3</sup> na obra “O Método”.

**IHU On-Line - Em seu livro *Do público para as redes*, o senhor propõe o conceito de “netativismo”. Em termos políticos, quais os avanços e os limites oferecidos pelas tecnologias digitais? Qual a sua análise das recentes mobilizações políticas ao redor do mundo, como o 15-O, e os novos fluxos comunicacionais possibilitados pela internet?**

**Massimo Di Felice** - Esse antecipou e conseguiu descrever o que hoje está na mídia do mundo inteiro. Do wikileaks até a Primavera Árabe, aos Movimentos dos indignados e às centenas de formas de ativismo e de conflitualidade que surgem e se multiplicam na rede, invadindo sucessivamente as praças e as ruas, derrubando governos e antigos ditadores ou criando movimentos que impulsionam novas formas

de conflitualidade e práticas participativas horizontais.

Há anos venho estudando tais movimentos e tais práticas de conflitualidade que hibridizam nas ações as arquiteturas informativas virtuais com aquelas também virtuais dos espaços nacionais ou com aquelas arquitetônicas dos espaços urbanos. São movimentos e ações muito distintas entre si, surgidos em contextos diferentes e com tipologias e finalidades diversas. Mesmo assim podemos distinguir algumas características comuns destas novas formas de conflitualidade social.

A **primeira** está ligada ao aspecto de que são movimentos e formas de protagonismo que exprimem uma experiência de um tipo de cidadania tecnológica e de um tipo de ação social informativa realizada por um tecnoator, cujo âmbito de ação é expressão de um social não apenas antropomórfico, mas tecnoinformativo que nasce, multiplica-se e encontra seus significados em simbiose com as tecnologias da informação, numa dimensão que podemos definir transorgânica.

A **segunda** característica está no caráter atópico dessas formas de ações que superam o espaço nacional e urbano, ligando-se a outros movimentos parecidos ou expandindo o mesmo movimento em localidades diferentes, como no caso dos **Indignados** e da **Primavera Árabe**. Além da esfera pública nacional, tais formas de conflitualidades apresentam-se ao mesmo tempo como globais e locais.

A **terceira** característica é que são movimentos sem líderes nem hierarquia oficial. Às vezes existem porta-vozes, na maioria dos casos nem estes, e ninguém pensaria de se apresentar como o líder do movimento. Esse aspecto é absolutamente novo e incompreensível no interior da lógica política partidária e representativa.

A **quarta** característica é que são ações que não têm como objetivo, em sua maioria, a luta pela conquista do poder. Também esta é uma grande novidade se pensarmos que toda a história da conflitualidade no interior do Império Romano até a revolução iluminista e aquelas socialistas - teve como espaço de confrontação

e como cenário único a luta pela conquista do poder. Às vezes através da busca da hegemonia por meio do debate e da confrontação democrática, outras vezes, através da luta armada. Esses movimentos não aspiram a conquista do poder - e isso é praticamente comum a todos -, mostrando uma preocupação mais profunda com uma transformação mais radical que realize mudanças mais profundas do que aquela alcançável com a mudança de um governo para outro.

### **Nova democracia**

Nesse sentido e coerentemente com isso, tais movimentos não são partidários, não possuem bandeiras políticas ou ideológicas, mas fazem parte de um dinamismo que se articula ou pela resolução de problemas concretos ou pela mudança de posturas. Em todos os casos, enquanto fora das instituições políticas tradicionais, inauguram outra forma de conflitualidade, geralmente não violenta, e podem ser já considerados como o início de uma nova época da democracia, que parece se apresentar como a superação da democracia representativa e opinativa, uma vez que as tecnologias da informação permitem a participação direta e digital de todos. Tais movimentos não elegem representantes, mas exprimem a vontade de transformar os processos sem se limitar a opinar sobre os assuntos públicos, organizando-se em rede para as mudanças reais.

É necessário um novo olhar e novas teorias para compreendê-los. As sentenças de alguns teóricos que devem a sua fama às suas posições políticas, como Slavoj Žižek<sup>4</sup>, erraram o alvo, demonstrando a distância entre as ideologias políticas modernas e as dinâmicas das conflitualidades contemporâneas.

**IHU On-Line - Já em seu livro *Paisagens pós-urbanas*, o senhor faz uma**

<sup>4</sup> Slavoj Žižek (1949): filósofo e teórico crítico esloveno. É professor da European Graduate School e pesquisador senior no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana. É também professor visitante em várias universidades estadunidenses, entre as quais estão a Universidade de Columbia, Princeton, a New School for Social Research, de Nova Iorque, e a Universidade de Michigan. (Nota da IHU On-Line)

**análise das diversas formas de relação entre sujeito, mídia e território. Como sujeito e território se relacionam e que papel as mídias desempenham nesse contexto?**

**Massimo Di Felice** - Esse livro foi o resultado de uma ampla pesquisa que durou dez anos e que havia como objetivo verificar a importância e o papel das mídias na construção das relações com o território e nas práticas habitativas. O livro foi bem recebido, traduzido na Itália e está em fase de publicação na **Argentina**, em **Portugal** e na **França**, dada a originalidade do argumento. Um dos conceitos-chave foi aquele do habitar, desenvolvido por Martin Heidegger<sup>5</sup> que, ao analisar a dimensão relacional do ser e evidenciando seu dinamismo transformador, reflete sobre sua dimensão habitativa. Nela o ser encontrava sua essência dinâmica e não metafísica, na medida em que habitava em cima da terra em baixo do céu, perto de deuses e dos mortais.

Tal dimensão comunicativa do habitar abriu a possibilidade de pensar o papel da mídia como um elemento interveniente nas práticas habitativas, capaz de alterar a percepção do lugar e, ao mesmo tempo, de influenciar as relações com o meio ambiente. A partir de tais premissas, aponte para

5 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

existência de três épocas habitativas, a primeira ligada à época midiática da leitura, a segunda àquela da eletricidade e da mídia de massa, e a terceira que se difundiu em seguida ao advento das mídias digitais. Três formas comunicativas e três práticas habitativas diversas.

A primeira eu defini empática e que se caracteriza como a condição habitativa ligada à interação com o meio ambiente através da leitura que reduz o mundo e a paisagem ao texto, criando o processo de transformação do território à imagem dos livros (cidades ideais), instituindo uma ligação entre o habitar, a escrita e o construir.

A segunda difunde-se com o advento da eletricidade e do processo industrial que inaugurou a experiência habitativa exotópica que descreve a experiência própria do indivíduo que habita um espaço desconhecido e autônomo que se apresenta a ele como paisagem em movimento e independente (cinema, escadas rolantes, elevadores e espaços metropolitanos modernos).

Enfim, a terceira forma comunicativa do habitar, a atópica, surge com a digitalização dos territórios e marca o advento de uma interação com o território e o meio ambiente em geral, não mais transitiva nem externa, caracterizada por um “*genius loci tecnológico*”, que intervém para permitir e alterar a condição habitativa. A nossa experiência do lugar e a nossa condição habitativa é, assim, resultado de uma mediação entre a nossa experiência com um determinado tipo de interface utilizada e o território. Algo que experimentamos nas nossas interações nos espaços wireless ou através da utilização dos smartphones e das tecnologias de sistemas informativos geográficos. Nesta a nossa condição habitativa é determinada e negociada com os fluxos informativos midiáticos, cuja consequência é a instauração de uma nova interação com o meio ambiente e um novo tipo de ação, nem ativa nem passiva, mas informativa e não mais em direção ao externo. Tornou-se, portanto, necessária uma nova teoria da ação que no livro sintetiza-se no conceito de atopia, do greco a-topos (algo fora de lugar, indizível, estranho).

**HU On-Line - No contexto do advento das mídias digitais, o senhor propõe repensar o humanismo e o antropocentrismo, como abordado em seu livro *Pós-humanismo*. Em que o humanismo e o antropocentrismo se tornaram “obsoletos” ou “superados”? Por outro lado, como podemos pensar hoje a relação entre o humano e técnica?**

**Massimo Di Felice** - Longe de apresentar-se como uma questão de fáceis soluções, a relação entre sujeito e meio ambiente apresenta-se como uma questão, além de econômica, política e social, de qualidade filosófica.

A concepção antropocêntrica - que marca a cultura ocidental, desde a atividade filosófica de Sócrates<sup>6</sup>, passando pelo pensamento medieval (Santo Agostinho<sup>7</sup>) até o *cogito* cartesiano e a filosofia moderna reduzindo o mundo à “coisa” pensada e ao “objeto” externo, excluindo, portanto, por inteiro do seu convívio os elementos não humanos, biológicos e ambientais -, parece-nos hoje um dos principais obstáculos ao desenvolvimento de um pensamento ecológico. E, segundo o filósofo Michel Serres<sup>8</sup>, deveria ser posto em debate:

“Esqueçamos, pois, a palavra ambiente (...). Ela pressupõe que nós, homens, estamos no centro de um sistema de coisas que gravitam à nossa volta, umbigos do universo, donos e possuidores da natureza. Isso lembra uma época passada, em que a terra colocada no centro do mundo refletia o nosso narcisismo, esse humanismo que nos promove no meio das coisas

6 Sócrates (470 a. C. - 399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apologia e Criton*). (Nota da IHU On-Line)

7 Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

8 Michel Serres (1930): filósofo francês. Escreveu entre outras obras *O terceiro instruído* e *O contrato natural*. Atuou como professor visitante na USP. Desde 1990 ele ocupa a poltrona 18 da Academia francesa. (Nota da IHU On-Line)

ou no seu excelente acabamento (...). É necessário mudar de direção e abandonar o rumo imposto pela filosofia de **Descartes**<sup>9</sup>” (Serres, 1990, p. 100).

Por outro lado, a origem tecnológica da nossa percepção da natureza começa com o telescópio de **Galileu**<sup>10</sup>. Desde então a técnica deixou de ser algo externo ao homem e começou a influenciar a sua forma de perceber e de habitar, estabelecendo em seu uso, para questões e projetos ambientais, uma nova aliança entre o orgânico e o inorgânico, a técnica, a informação e o meio ambiente.

### “Homem fora de si”

A partir daí, não somente a técnica e os instrumentos de observação, como amplamente demonstrado pela física, passaram a alterar a nossa concepção da natureza, mas também começaram a estender o homem fora de si e, sobretudo, a produzir alterações técnicas da percepção do humano e a tornar esse último não mais o centro da natureza, mas parte de um processo revelador que acabava reinventado cada vez mais o humano, através das

<sup>9</sup> René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

<sup>10</sup> Galileu Galilei (1564-1642) físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na chamada revolução científica. Desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial, ideias precursoras da mecânica newtoniana. Galileu melhorou significativamente o telescópio refrator e terá sido o primeiro a utilizá-lo para fazer observações astronômicas. Com ele descobriu as manchas solares, as montanhas da Lua, as fases de Vênus, quatro dos satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as estrelas da Via Láctea. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do heliocentrismo. Contudo a principal contribuição de Galileu foi para o método científico, pois a ciência se assentava numa metodologia aristotélica de cunho mais abstrato. Por essa mudança de perspectiva é considerado o pai da ciência moderna. (Nota da IHU On-Line)

alterações das percepções da natureza produzidas através da técnica.

Como observado no texto *Pós-humanismo* (Ed. Difusão, 2010): “estas alterações se iniciaram, portanto, não apenas na época das redes e nos contextos comunicativos digitais. Pelo contrário, para dizê-lo, através de uma expressão concisa: sempre fomos pós-humanos. Pode-se dizer que a parte ‘vencedora’ do humanismo, aquela que mais se impôs e se tornou hegemônica cultural, foi um longo parêntese do antropocentrismo, a síntese e o ápice do nosso narcisismo de espécie. Pensarmos-nos a medida de todas as coisas teve efeitos e consequências sobre o nosso ‘falar de nós’, sobre a nossa ‘autoconstrução’, e tem também permitido a edificação de uma estrutura conceitual certamente forte e útil, mas, ao mesmo tempo, rígida e exclusiva, fundada sobre a pretensão de autarquia em relação ao mundo, à vida e às coisas. As tecnologias da comunicação ajudam-nos agora a lembrar que o lugar do homem no mundo é algo de diferente do que definimos a partir do humanismo e durante toda a modernidade” (Di Felice & Pireddu, 2010, p. 15).

O conjunto de inovações tecnológicas e comunicativas que se difunde em nossa contemporaneidade redefine e altera o nosso cotidiano e os nossos sentidos, mostrando-nos a inadequação e os limites dessa percepção histórica e nos obrigando a repensar o absolutismo do princípio de autoformação e autodeterminação do humano.

### Redefinição do humano

Desde a medicina, a biologia, a economia, a política até a comunicação, os elementos tecnocomunicativos nos permitem hoje o desenvolvimento de funções e atividades - anteriormente impossíveis -, que são a evidência do surgimento de uma nova relação (não mais definível em termos instrumentais) entre o orgânico e o inorgânico, entre o sujeito e o território, e que está contribuindo de forma qualitativa para a redefinição da nossa condição humana.

A abordagem de um pensamento além do humanismo torna-se necessária não somente para a compreensão

plena da nossa condição contemporânea, mas também para repensar, a partir de um ponto de vista histórico mais amplo, a relação entre o homem e o mundo ao seu redor.

**IHU On-Line - Uma de suas últimas pesquisas trata das “redes digitais e sustentabilidade”. Como o senhor percebe as interações sociais no ambiente digital nesse período de crise ambiental?**

**Massimo Di Felice** - Uns dos campos que melhor exprime o reducionismo epistêmico da razão moderna é, sem dúvida, a dificuldade com a qual o pensamento antropocêntrico e positivista abordou a questão da natureza. A dramática urgência da questão ambiental que caracteriza a nossa época é o desvelamento do fracasso da lógica antropocêntrica e separacionista imposta pela razão e pelo pensamento ocidental. Na modernidade, o triunfo da razão instrumental (Theodor Adorno<sup>11</sup>) e a imposição de uma separação identitária entre o homem (sujeito ativo e racional) e o meio ambiente (matéria-prima, recursos) amplificaram a concepção do caráter unidirecional dessa relação.

No entender de Serge Latouche<sup>12</sup> [que estará no IHU entre os dias 22 a 25 de novembro], um economista

<sup>11</sup> Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

<sup>12</sup> Serge Latouche: economista, sociólogo e antropólogo, professor na Universidade de Paris-Sul e presidente da Associação Linha do Horizonte. É autor de, entre outros, *Les Dangers du marché planétaire (Os perigos do mercado planetário)*. Paris: Editora Presses de Sciences, 1998). Latouche concedeu uma entrevista à IHU On-Line n.º 100, de 10-05-2004, *Como salvar o planeta e a humanidade? Decrescimento ou desenvolvimento sustentável?*, disponível para download em <http://bit.ly/n1Zb6T>. Confira, também, a edição n.º 56 dos Cadernos IHU Ideias, intitulado *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial*, disponível para download em <http://bit.ly/qGBHjJ>. Latouche será conferencista do evento *Ciclo de Palestras: Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades*, de 22 a 25-11-2011, na Unisinos. Confira a programação completa em <http://migre.me/69uxi>. (Nota da IHU On-Line)

estudioso das teorias do desenvolvimento e um dos teóricos da chamada *décroissance sereine* (decréscimento sereno), a *hybris*, a desmedida do homem no confronto com a natureza, praticamente tomou o lugar da antiga sabedoria da inserção em um ambiente desfrutado de modo racional. O que leva à pergunta: Teria sido, portanto, a nossa racionalidade enquanto “medida de todas as coisas” a fazer-nos perder a medida, fazendo-nos destruir a capacidade de regeneração dos ecossistemas dos quais dependemos?

A proeminência das tecnologias comunicativas digitais se caracteriza essencialmente pela consolidação de uma rede cibernética que conecta seus usuários por meio de arquiteturas computacionais. Nesse contexto, fica praticamente impossível desassociar sujeitos, indivíduos, comunidades, circuitos eletrônicos, computadores, celulares, interfaces, cabos de fibra ótica, ondas de rádios e todos os demais elementos que fazem parte do fluxo informacional que ocorre nas redes digitais.

Em uma percepção mais conceitual, fica muito difícil definir (dar fim) e determinar onde terminam os dedos das mãos e onde começam as teclas do teclado enquanto se produz um texto já que ambos elementos, tanto o orgânico como o inorgânico, só são relevantes ao processo proposto quando funcionam em uma associação transorgânica.

### Digitalização, conectividade e interações

A digitalização do território, a partir da introdução das tecnologias digitais de comunicação que transformaram o ambiente em código informativo, produziu, pela primeira vez, uma superação da distância entre sujeito e território, permitindo a alteração da natureza desse último e a interação e interdependência entre indivíduo e ambiente. Tal interação constitui uma prática comunicativa em que a relação entre o sujeito e o território deixa de ser dicotômica, correspondendo a um tipo de forma comunicativa do habitar. Uma vez reproduzido digitalmente o espaço, transformado-o em informação, con-

figura-se a formação de um habitar informativo, pós-arquitetônico e pós-geográfico que, multiplicando os significados e as práticas de interações com o ambiente, nos conduz a habitar naturezas diferentes e mundos no interior dos quais nos deslocamos informativamente. Esse habitar atópico não constitui um “não lugar”, nem um metaterritório, mas é um outro ecossistema construído através de interações entre territórios, indivíduos e tecnologias informativas.

Esse processo de conectividade e de interações dinâmicas resulta numa concepção e numa cultura de um novo tipo de ecologia que compreende tanto os elementos orgânicos como aqueles tecnoinformativos.

Por meio dos fluxos informativos presentes nas redes digitais - e que expressam os próprios fluxos da vida do planeta, enquanto também sistema comunicativo tecnobiológico, tem mostrado, através de um processo de comunicação, o quanto o desenvolvimento antropocêntrico colocou o próprio homem em risco de extinção. E a própria *Gaia* tem nos revelado que o equilíbrio sustentável só é possível seguindo um viés ecossistêmico no qual, seguindo a mesma lógica das redes digitais, não é possível considerar, pensar ou agir fora do próprio contexto coletivo da rede.

Aparecem assim os elementos para o desenvolvimento de uma nova cultura ecológica, feita não por elementos de diversas naturezas, interdependentes entre si e “interdialogantes”, mas por elementos simbioticamente unidos pelos fluxos informativos de redes que, comunicando-se, criam dinâmicas nem internas, nem externas. Torna-se necessário pensar um novo tipo de physis e, conseqüentemente, um novo tipo de ação não mais deslocativa e transitiva, mas atópica e reticular.

**Michel Maffesoli**<sup>13</sup> descreve a nos-

<sup>13</sup> Michel Maffesoli: sociólogo francês. Leciona na Sorbonne - Paris V, é diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ) e edita a revista *Sociétés*. Escreveu inúmeros livros importantes para a compreensão da mutabilidade social moderna e pós-moderna, como *A conquista do presente* (Rio de Janeiro: Rocco, 1984); *A contemplação do mundo* (Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995); *A transfiguração do político: a tribalização do mundo* (Porto Alegre: Sulina, 1997); *Lógica da dominação* (Rio de Janeiro: Zahar, 1978); *Moderno*

sa época como marcada pela volta de uma “pulsão selvagem”. Uma pulsão selvagem que transita ao mesmo tempo no animal e no tecnológico, uma ecossófia que proporciona contemporaneamente uma heteronomia das naturezas e o surgimento de novas peles, nem orgânicas nem inorgânicas, nem sedentárias nem nômades, nem internas nem externas, mas atuais. Esse novo tipo de pulsão selvagem, animal e tecnológica ao mesmo tempo, marca o advento de um novo tipo de ativismo.

### Nova sensibilidade ecológica generalizada

A teoria de fundo presente em meu último livro, *Redes digitais e sustentabilidade* (resultado de uma pesquisa que obteve o patrocínio da *Petrobras*), no prelo pela editora Annablume e escrito em conjunto com os pesquisadores do *Atopos* e doutorandos, *Julliana Cutolo* e *Leandro Yanaze*, é que há uma relação estreita entre a cultura comunicativa - que se difundiu em seguida ao advento das redes digitais - e a difusão contemporânea de uma nova sensibilidade ecológica generalizada, visível nos conjuntos de práticas e presente nas preocupações políticas de governos e empresas, conhecidas pelo termo sustentabilidade.

Essa sensibilidade, de fato, apresenta-se como a expressão de uma nova cultura ecológica que exprime a percepção de uma sinergia reticular que não contrapõe mais o indivíduo ao território e ao meio ambiente, mas que parece substituir a esta oposição, as dimensões interativas de relações interdependentes e comunicantes. A difusão da demanda de produtos e alimentos biológicos, as políticas de redução de emissões de CO<sub>2</sub>, as práticas de reciclagem e a difusão das coletas seletivas municipais, as campanhas internacionais em defesa das florestas e espécies ameaçadas, independentemente de seus impactos reais, são ao mesmo tempo a expressão de uma diversa concepção do

e pós-moderno (Rio de Janeiro: UERJ, 1994). A edição 162 da *IHU On-Line*, de 31-10-2005, publicou uma entrevista exclusiva com Maffesoli sob o título *Culturas locais estão sendo revalorizadas*, disponível em <http://migre.me/69UjD>. (Nota da *IHU On-Line*)

meio ambiente e o perfil de uma nova dimensão habitativa.

Na tradição ocidental, como conhecido, a nossa percepção do território e do meio ambiente, em geral, foi caracterizada pela invenção da externalidade, isto é, da suposta separação entre o homem e a natureza, baseada no mito bíblico da superioridade da espécie humana sobre as demais ou, no caso da filosofia, na redução dos elementos não humanos a objeto, “a coisa” inanimada, matéria a ser moldada, transformada e dominada. A supremacia do humano sobre a natureza e o território foi, por séculos, o pressuposto da condição habitativa que se manifestou através a manipulação e a domesticação do mundo “externo”.

Paralelamente à crise da externalidade e da separação entre nós e o meio ambiente, que se exprime hoje na consciência dos limites do desenvolvimento e na mensuração constante de seu impacto, a presença da questão da sustentabilidade em diversos contextos e setores exprime a consciência de uma dimensão habitativa relacional e conectiva.

### LEIA MAIS...

Confira outras publicações realizadas pela IHU On-Line relacionadas às temáticas abordadas nessa entrevista.

“Uma forma de democracia direta é algo que hoje pode ser tecnologicamente possível”. Entrevista especial com Massimo di Felice, disponível em <http://migre.me/69yJA>

A utopia da sociedade em rede: Um mundo sem fronteiras? Entrevista especial com André Lemos, disponível em <http://migre.me/69yPZ>

“As redes sociais e a internet deram ao mundo um novo fôlego em termos de cidadania”. Entrevista especial com Paulo Faustino, disponível em <http://migre.me/69yQW>

A cidadania transitiva no contexto da comunicação digital. Entrevista especial com Massimo Canevacci, disponível em <http://migre.me/69yTw>

“O conceito da Internet é liberador”. Entrevista especial com João Bittencourt, disponível em <http://migre.me/69yUi>

Rumos e muros da filosofia na era digital. A aventura do pensamento - Revista IHU On-Line nº. 379, disponível em <http://migre.me/69yVI>

Midiatização. Um modo de ser em rede comunicacional - Revista IHU On-Line nº. 289

Twitter, Facebook, MySpace e Orkut. As redes sociais na web - Revista IHU On-Line nº. 290, disponível em <http://migre.me/69yWr>

O Pós-humano - Revista IHU On-Line nº. 200, disponível em <http://migre.me/69yXr>

## Um bacharelado *premium* para a Filosofia

Novo curso de Filosofia da Unisinos inicia no primeiro semestre de 2012 e terá professores tutores acompanhando os alunos individualmente, a exemplo de universidades europeias como Oxford

POR MÁRCIA JUNGES

Há uma demanda crescente por profissionais que desenvolvam reflexões críticas e amparadas em referencial teórico filosófico. “Áreas como o direito, letras, psicologia, economia, comunicação, as ciências exatas e, surpreendentemente, a informática têm procurado a filosofia para compreender e pensar melhor os seus próprios problemas”. A constatação é do filósofo Alfredo Culleton, coordenador do curso de graduação em Filosofia da Unisinos, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Esse é um dos motivos que norteia o lançamento do bacharelado premium em Filosofia, cujas inscrições estão abertas. De acordo com Alfredo, o curso foi nomeado como premium pois trata-se de algo diferenciado, “sem precedentes no país, apenas comparável aos melhores cursos de Filosofia da Europa, aos moldes dos tutoriais da Universidade de Oxford, Inglaterra”. E acrescenta: “Queremos que o estudante se constitua progressivamente num pesquisador autônomo capaz de pensar sistemática e criticamente problemas na perspectiva filosófica e que seja capaz de expressar isso de forma escrita. Por esse motivo a figura de um magister que orienta esse processo é fundamental”.

Alfredo Culleton é graduado em Filosofia, pela Universidade Regional no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com a tese Fundamentação ockhamiana do Direito Natural. Atualmente, leciona nos cursos de graduação e mestrado em Filosofia na Unisinos e é coordenador da graduação em Filosofia. É colaborador na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI e na Universidade de Buenos Aires - UBA, Argentina. Atua como assessor do escritório da Sociedade Internacional para Estudos da Filosofia Medieval - SIEPM. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Por que a Unisinos decidiu iniciar o curso de bacharelado *premium* em Filosofia?**

**Alfredo Culleton** - O curso de Filosofia da Unisinos tem 60 anos, formando professores e intelectuais críticos. Há muitos anos tem *Cinco Estrelas* na avaliação do Guia de Estudantes.

Para garantir a sustentabilidade do curso e buscando responder às novas demandas da sociedade, e sem abrir mão da licenciatura, a Unisinos oferece um Bacharelado diferencial que chamamos *premium*, capaz de instrumentalizar o discente com os melhores meios disponíveis de for-

mação, para habilitá-lo à carreira de pesquisador mediante a capacitação para pensar sistemática e criticamente temas e problemas da tradição filosófica e do mundo contemporâneo.

**IHU On-Line - Por que o curso recebeu essa nomenclatura?**

**Alfredo Culleton** - *Premium* porque é um bacharelado diferenciado, sem precedentes no país, apenas comparável aos melhores cursos de Filosofia da Europa, aos moldes dos *tutoriais* da Universidade de Oxford, Inglaterra.

**IHU On-Line - Quais serão seus diferenciais em relação ao curso de graduação já existente?**

**Alfredo Culleton** - São vários os diferenciais.

– cada aluno ingressante terá, desde o primeiro semestre, um professor tutor que o acompanhará de maneira personalizada na sua formação;

– a possibilidade de participar do grupo de pesquisa do professor tutor juntamente com os demais orientandos de mestrado e doutorado;

– a possibilidade de cursar, a partir de 70% do curso realizado, das disciplinas da pós-graduação oferecidas na especialização e no mestrado;

– 40% de desconto além de uma precificação diferenciada para alunos que estejam cursando a Filosofia como segundo curso na Unisinos;

– um maior envolvimento com a pesquisa desenvolvida na pós-graduação através da iniciação científica voluntária ou remunerada;

– a possibilidade de intercâmbio com

as instituições conveniadas;

– a possibilidade de participar na Revista *Controvérsia*, revista-escola onde o estudante se familiariza com o processo de editoração de periódicos científicos, entre outras oportunidades.

**IHU On-Line - Poderia comentar essa preocupação/objetivo em formar pesquisadores na área de filosofia?**

**Alfredo Culleton** - Temos visto crescer significativamente a demanda por uma formação mais crítica e inteligente em varias áreas da academia e da sociedade. Varias áreas de conhecimento estão sendo demandadas a pensar melhor, entender sistemas, esmiuçar conceitos e compreender detalhes aparentemente insignificantes, mas determinantes num processo seja ele social ou técnico. Áreas como Direito, Letras, Psicologia, Economia, Comunicação, Ciências Exatas e surpreendentemente a Informática têm procurado a Filosofia para compreender e pensar melhor os seus próprios problemas.

**IHU On-Line - Como a figura desse professor tutor pode ajudar na formação dos alunos em pesquisadores?**

**Alfredo Culleton** - Tendo como modelo as universidades clássicas, os estudantes não ingressam num curso que oferece uma série de disciplinas a serem aprovadas, mas num ambiente acadêmico de formação integral onde as disciplinas são um auxílio em sua formação como pesquisador. Queremos que o estudante se constitua progressivamente num pesquisador autônomo capaz de pensar sistemática e critica-

mente problemas na perspectiva filosófica que e seja capaz de expressar isso de forma escrita. Por esse motivo a figura de um *magister* que orienta esse processo é fundamental.

**IHU On-Line - Quando é o vestibular para a primeira turma do bacharelado *premium*?**

**Alfredo Culleton** - As inscrições vão até 22 de novembro e o vestibular será realizado no dia 26 deste mês.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum outro aspecto não questionado?**

**Alfredo Culleton** - Dos cinco melhores cursos de graduação em Filosofia do Brasil, três são jesuítas: FAJE de Belo Horizonte, PUC-Rio e Unisinos. Isso muito nos honra e estimula a buscar melhores padrões de qualidade.

### LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Alfredo Culleton à Revista *IHU On-Line*.

\* Em nome de Deus: um retrato de época. Edição número 160, Revista *IHU On-Line*, de 17-10-2005, disponível em <http://migre.me/62j5K>;

\* A interculturalidade medieval. Edição número 198, Revista *IHU On-Line*, de 02-10-2007, disponível em <http://migre.me/62j7u>;

\* Ninguém aceita a morte por suposição. Edição número 269, Revista *IHU On-Line*, de 18-08-2008, disponível em <http://migre.me/62j6v>;

\* Ninguém aceita a morte por suposição. Edição número 269, Revista *IHU On-Line*, de 18-08-2008, disponível em <http://migre.me/62j6v>;

\* "A verdade é uma formulação de linguagem". Edição número 363, Revista *IHU On-Line*, de 30-05-2011, disponível em <http://migre.me/62j8D>;

\* A memória como possibilidade de crítica à filosofia. Edição número 379, Revista *IHU On-Line*, de 07-11-2011, disponível em <http://migre.me/67rPH>.

Acesse a página do IHU no Facebook em  
[www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos](http://www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos)

# Livro da Semana

GIRARD, R.; GOUNELLE, A.; HOUZIAUX, A. Deus: uma invenção?. São Paulo: É Realizações, 2011.

## Deus: uma invenção?

**P**ublicamos a seguir o comentário de Rodrigo Coppe, doutor em Ciência da Religião e professor da PUC Minas, sobre o livro *Deus: uma invenção?*, de René Girard, André Gounelle e Alain Houziaux. Para Coppe, a obra é “uma ótima aproximação da teoria de René Girard, fornecendo os elementos principais para a compreensão de reflexão seminal para o momento em que vivemos, marcado por inúmeras questões no que diz respeito, especialmente, à crise de memória e aos debates em torno do multiculturalismo”. Confira o artigo.

Caiu-me às mãos um livro que traz uma interessante coleção de três ensaios: do pensador católico René Girard, do teólogo protestante André Gounelle e do pastor Alain Houziaux, assim como um debate entre eles, que foi realizado num templo da *Église Réforme de l'Étoile* de Paris. Os três buscaram, em suas respectivas falas, responder a uma intrincada pergunta filosófica: “Deus: uma invenção?”. Meus primeiros contatos com o pensamento de René Girard se deu faz uns três anos. De fato, confesso que de lá para cá não pude me dedicar da maneira que gostaria, nessa, que para mim, é uma das reflexões mais profundas - e de tal modo intelectualmente exigente - e originais do pensamento do século XX. Ler e tirar consequências práticas da leitura da obra girardiana demanda um longo caminho. Deparar-se a primeira vez, por exemplo, com *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*<sup>1</sup> e *Eu via Satanás cair do céu como um raio*<sup>2</sup> e não ficar, de certa forma, perdoe-me a expressão, embasbacado com a complexidade e eloquência da proposta Girard é não compreender o mínimo das possíveis consequências que podem advir da sua leitura. O que proponho neste breve texto é apenas a apresentação deste livro, focando, em especial, na resposta de Girard para a

<sup>1</sup> GIRARD, R. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. (Nota do autor)

<sup>2</sup> GIRARD, R. *Eu via Satanás cair do céu como um raio*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. (Nota do autor)

questão proposta em seu título, que se concentra, especialmente, em apresentar as bases de sua teoria.

As primeiras, e peremptórias, palavras de Girard são: “Deus é uma invenção?”, eis uma pergunta à qual respondo sem hesitar: ‘Não’. A fim de qualificar sua resposta, o pensador francês traz em sua fala os vários elementos que compõem sua teoria sobre a fundação das sociedades e das civilizações. Inicialmente, apresenta a pedra fundamental de sua construção teórica: o mimetismo. Tal capacidade de imitar, especialmente a imitação do desejo alheio é o que leva, para Girard, à rivalidade mimética, pois, diz, “quanto mais desejo esse objeto que você deseja, mais ele lhe parecerá desejável, e mais, por sua vez, ele se mostrará desejável aos meus olhos” (p. 67). Esta rivalidade pode tender ao infinito, levando à experiência da vingança, a primeira invenção humana de acordo com o intelectual. Levada ao extremo, transcendendo tempo e espaço, recaindo em parentes e famílias, a vingança tem algo de religioso. Sendo tolerada, a espécie humana se destruiria. Para Girard, vivemos atualmente numa situação apocalíptica, “no sentido de revelação drástica da violência humana” (p. 68). Se podemos observar a perpetuação da humanidade é porque em algum momento algo interrompeu o processo, impedindo que os homens matassem-se uns aos outros. Girard nos diz que quando

as sociedades estão em crise, quando seus participantes desejam a mesma coisa e buscam obtê-la forçosamente, ocorre o que chama de crise mimética, marcada por violência extrema. Em sua análise das narrativas mitológicas, Girard concluiu que a maioria começa por uma crise deste tipo, como por exemplo a peste do mito edipiano. Para não desaparecerem totalmente devido à instalação da crise mimética, Girard acredita que uma solução foi elaborada. O objeto pelo qual a luta se instala devido ao desejo compartilhado, desaparece num estágio da crise, e o antagonismo torna-se puro entre os contentadores. Assim afirma: “Uma reconciliação paradoxal torna-se possível: se todos os homens que desejam a mesma coisa nunca se entendem, porém, aqueles que odeiam juntos o mesmo adversário se entendem com muita facilidade. De certa forma, essa harmonia é o que chamamos de política! Também é o que chamo de mecanismo da vítima única, o mecanismo do bode expiatório” (p. 69).

Eis um dos pontos centrais da teoria girardiana. O herói mítico torna-se a vítima unânime e será morto por todos aqueles que, ao esquecerem o seu próprio adversário, adotam o adversário do vizinho, levando assim toda a comunidade a se posicionar de um mesmo lado contra um único indivíduo. Girard dá um nome a este fenômeno: “linchamento unânime”. O papel extraordinário de tal fenômeno

pode ser lido nos grandes textos sagrados, também nos textos bíblicos, nos mitos e nos próprios Evangelhos, de forma mais atenuada. Tal linchamento reconcilia a comunidade pelo seu aspecto unânime, já que a vítima é vista como mau, pois aquele que causou a violência. Por outro lado, torna-se um deus, ao mesmo tempo mau e bom, já que seu sacrifício gera a paz e reconcilia a comunidade. Por trás deste deus existe um mecanismo, que chama de *bode expiatório*. Ter um bode expiatório “é não saber que se tem um, é ver essa vítima como o verdadeiro culpado” (p. 71). Assim, para Girard, o sacrifício é a primeira instituição humana e a repetição do mecanismo se dá pela procura da comunidade de experimentar novamente a reconciliação inicial trazida por ele.

Tal dinâmica é observada também no cristianismo. Tendo no centro de sua narrativa o desejo de uma comunidade pela morte de sua vítima, os Evangelhos reformulam o ciclo que leva ao “linchamento unânime”. Por isso, muitos antropólogos assumiram a ideia de que o cristianismo e os mitos eram muito parecidos “e que o erro dos cristãos foi buscar um mito a mais para ter a verdade” (p. 72). Para Girard, estes antropólogos não compre-

enderam as diferenças entre os mitos, a Bíblia e o cristianismo. Estes dois últimos “têm uma dimensão da verdade que nenhuma outra religião pode ter, pois retomam o mesmo fenômeno, e em vez de ir até o fim da mentira, eles a contradizem e na realidade revelam a mentira tal como ela é” (p. 72). O intelectual francês explica que pela *Paixão de Cristo* reconheceu-se que os homens desempenham papel de criadores de vítimas e perseguidores. Assim, “é por proclamar as regras do Reino e renunciar totalmente à violência sacrificial, que o próprio Cristo é sacrificado” (p. 72). Para Girard, é possível apontar inúmeros trechos evangélicos a fim de sustentar sua tese, como “A pedra desprezada pelos construtores tornou-se a pedra angular”, “É melhor que um só homem morra e que o povo seja salvo”. É a experiência da *Paixão* pela qual Cristo mostra o que todos nós fazemos. Por outro lado, Girard diz que os deuses arcaicos, “mesmo não sendo reais, não são de forma alguma inventados” (p. 74), mas são as interpretações equivocadas de nossa própria violência. O cristianismo e o Antigo Testamento podem ser muito parecidos com as narrativas míticas, porém, são também muito diferentes, pois, no caso dos Evangelhos, “em vez

de deixarem enganar por essa mentira, como fazem os mitos e as religiões arcaicas, denunciam na crucificação o que ela é de fato: uma injustiça detestável que os homens devem agora evitar, pois ela nunca será compensadora” (p. 74).

Como uma primeira leitura, este texto editado pela É Realizações, que tomou decididamente a frente destas importantes publicações do pensamento girardiano no Brasil, considero como uma ótima aproximação da teoria de René Girard, fornecendo os elementos principais para a compreensão de reflexão, para mim, seminal para o momento em que vivemos, marcado por inúmeras questões no que diz respeito, especialmente, à crise de memória e aos debates em torno do multiculturalismo.

#### LEIA MAIS...

>> Rodrigo Coppe Caldeira já concedeu entrevistas para a IHU On-Line:

- Tradicionalismo e conservadorismo católicos: as ideologias em jogo. Entrevista publicada em 30-07-2011, disponível em <http://bit.ly/ocnr8j>
- “A Igreja Católica encontrou o seu papel no século XX?”. A atualidade do Vaticano II. Entrevista publicada em 26-03-2011, disponível em <http://bit.ly/dEXDwV>

## SIGA O IHU NO TWITTER

The screenshot shows the Twitter interface with the IHU profile selected. The header includes the Twitter logo, a search bar, and navigation links for 'Início', 'Perfil', 'Mensagens', and 'Quem Seguir'. The main content area displays a list of tweets from various users, including 'liberation\_info', 'fattoquotidiano', 'elcsbarragens', and '\_Heloisa\_Helena'. The tweets contain text, images, and links.

## Artigo da Semana

### A vítima da violência: testemunha do incomunicável, critério ético de justiça

Torturar sem matar, sofrer sem morrer até o limite da vida, essa é a grande técnica aprendida como arte biopolítica, constata Castor Bartolomé Ruiz

POR CASTOR BARTOLOMÉ RUIZ

**A**pelido pejorativo dado àqueles prisioneiros dos campos de concentração que, em função de sua debilidade física e mental, não passavam de “esqueletos ambulantes”, o muçulmano é o paradigma da biopolítica. “Nele a vida humana fica reduzida ao limiar de pura sobrevivência biológica. Eram meros corpos ambulantes. Em seu estado esquelético, como instinto último e metarracional de sobrevivência, permaneciam longos períodos dobrados sobre os joelhos com a cabeça inclinada, a modo do muçulmano na sua oração diária”. A explicação é do filósofo espanhol Castor Bartolomé Ruiz, no artigo que escreveu para a IHU On-Line, a modo de conclusão do evento Giorgio Agamben: “O Homo Sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana”. E questiona: “Como um ser privado da linguagem pode ser humano se a linguagem constitui o humano? Ainda, como poderá ser o muçulmano uma testemunha se está privado da palavra? Ou por acaso o muçulmano, como pretendiam os nazistas, já não era mais humano?”

Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em filosofia da Unisinos, Castor Bartolomé Ruiz é graduado em curso de Filosofia, pela Universidade de Comillas, na Espanha, mestre em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e doutor em Filosofia, pela Universidade de Deusto, Espanha. É pós-doutor pelo Conselho Superior de Investigações Científicas. Escreveu inúmeras obras, das quais destacamos: *Os paradoxos do imaginário* (São Leopoldo: Unisinos, 2003); *Os labirintos do poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação* (Porto Alegre: Escritos, 2004); *As encruzilhadas do humanismo. A subjetividade e a alteridade ante os dilemas do poder ético* (Petrópolis: Vozes, 2006); e *Propiedad o alteridad, un dilema de los derechos humanos* (Bilbao: Universidad de Deusto, 2006). Leia, ainda, o livro eletrônico do XI Simpósio Internacional IHU: o (des) governo biopolítico da vida humana, no qual Castor contribui com o artigo A exceção jurídica na biopolítica moderna, disponível em <http://bit.ly/a88wnF>. Confira o artigo.

Agamben, em sua obra *O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha*, propõe-se dar destaque, entre outros aspectos, à testemunha por excelência dos campos de extermínio nazistas, o *muçulmano*<sup>1</sup>. Muçulmano era o apelido que recebiam nos campos aquelas pessoas que por seu grau de degradação física e psíquica tinham se debilitado ao extremo de parecerem “esqueletos ambulantes”. A debilidade física atingia suas funções neuronais ao extremo de perderem a capacidade de raciocínio e sobreviverem numa espécie de autismo biológico extremo.

<sup>1</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha*. São Paulo: Biotempo, 2008, p. 49-91.

O muçulmano é o paradigma da biopolítica. Nele a vida humana fica reduzida ao limiar de pura sobrevivência biológica. Eram meros corpos ambulantes. Em seu estado esquelético, como instinto último e metarracional de sobrevivência, permaneciam longos períodos dobrados sobre os joelhos com a cabeça inclinada, ao modo do religioso muçulmano em suas orações diárias. O muçulmano era a meta a que ninguém queria chegar e o objetivo que pretendia atingir o campo. O muçulmano aterrorizava aos deportados porque lhes indicava o destino a que conduzia sua condição biopolítica no campo. Mais cedo ou mais tarde,

todos seriam muçulmanos.

Eles eram testemunhas indesejadas de um destino evitado. Sua presença corroborava a eficiência da maquinaria biopolítica do campo para reduzir a vida humana ao limite da mera vida natural. Para os deportados, a presença dos muçulmanos testemunha um destino programado pelo campo. Sua mera presença já constituía uma ameaça. Todos viam no muçulmano o terrível espelho do seu futuro no campo. Era uma testemunha indesejável porque testemunhava o intestemunhável. Sua existência é o testemunho mudo dos ápices do horror.

Quando uma pessoa atingia a con-

dição de muçulmano, sua debilidade neuronal era tal que perdia a condição de articular uma linguagem com sentido. Suas palavras, quando as conseguia pronunciar, eram sem sentido. Meros sons articulados ao azar sem um nexos lógico. Se, segundo Aristóteles, a linguagem com sentido é o que diferencia o humano do animal, o muçulmano é o limite da condição humana que desafia a compreensão dos limites da linguagem. No muçulmano concentram-se questões e questionamentos éticos e filosóficos de grande calado. O primeiro deles diz respeito a seu próprio estatuto humano. Como um ser privado da linguagem pode ser humano se a linguagem constitui o humano? Ainda, como poderá ser o muçulmano uma testemunha se está privado da palavra? Ou por acaso o muçulmano, como pretendiam os nazistas, já não era mais humano? Ou era talvez uma espécie de humanidade menor, mínima, exibida pela violência biopolítica como seu trunfo mais evidente? O muçulmano, no limiar da vida, tornou-se uma vítima cujo testemunho privado da palavra interpela eticamente a nossa contemporaneidade. O muçulmano constitui o paradigma das vítimas da violência biopolítica ainda hoje.

#### **Meros corpos vivos**

As questões éticas e filosóficas postas pela condição do muçulmano são atuais. Agamben lembra que a condição extrema que a vida humana atinge no muçulmano está presente entre nós nas vidas dos enfermos comatosos ou ultracomatosos. Pergunta-se se esses corpos que têm vida, mas que não reagem nem se comunicam, são ou não pessoas humanas? Quem decide se são ou não pessoas humanas ou são meros corpos vivos? Tais questionamentos se deslocam a outros âmbitos em que se deve decidir se um feto é ou não vida humana. Quando se lhe há de reconhecer como pessoa humana? Só no ato do nascimento, um pouco antes, quando e quem decide se é vida humana e se essa vida humana é pessoa ou não? Essas questões bioéticas estão latejantes na condição biopolítica do muçulmano.

A condição biopolítica do muçulmano tem seu paralelo em nossas la-

**“O torturado  
compartilha com o  
muçulmano a condição  
de uma vida capturada  
pela estratégia  
biopolítica do campo.  
O campo do torturado  
são os porões. Nos  
porões o direito fica  
suspense e a exceção  
se transforma em  
norma”**

titudes latino-americanas na figura do torturado. O torturado compartilha com o muçulmano a condição de uma vida capturada pela estratégia biopolítica do campo. O campo do torturado são os porões. Nos porões o direito fica suspense e a exceção se transforma em norma. A vida capturada nos porões está sob o arbítrio da vontade de um soberano que decide fora de qualquer direito. O estado de exceção vigora nos porões como norma biopolítica que submete todas as vidas ali conduzidas. Os porões estão representados pelo Dops no Brasil, pela Esman da Argentina, por Guantânomo em Cuba ou ainda pelos inúmeros espaços “anônimos” em que ainda se aplica a tortura. Todos eles se reconhecem como campos em que a exceção vigora como norma e a vida humana se encontra sob o arbítrio de uma vontade soberana. Neles a tortura se tornou uma técnica biopolítica normal. A tortura e o torturado constituem a norma dos porões biopolíticos.

A condição a que ficam reduzidos os torturados dos porões antes de serem mortos ou desaparecidos tem similaridade com a condição do muçulmano descrita pelos sobreviventes dos campos, mas também marca diferenças. Se o campo é o espaço biopolítico

onde a exceção é a norma, a tortura tornou-se a técnica biopolítica cujo trunfo maior é fazer sobreviver a vida no limite do sofrimento. Torturar sem matar, sofrer sem morrer até o limite da vida, essa é a grande técnica aprendida como arte biopolítica. No corpo do torturado se ensaiam as técnicas limiares da vida e da morte. A arte do torturador se consuma quando consegue fazer sofrer mais por mais tempo. O bom torturador é aquele que consegue levar a vida ao limite da morte sem fazê-la morrer. O que assusta na tortura não é a morte, mas a vida que sofre sem poder morrer. O refinamento da tortura é conseguir que o corpo do torturado reclame pela morte para pôr fim a seu sofrimento, sem consegui-lo. Torturar ao extremo é manter a vida no limite de seu sofrimento. A vida do torturado fica pendente de um tênue fio, mas rasgada pela dor insuportável.

#### **Marcas silenciosas**

Os presos que habitam os espaços da tortura percebem no torturado o destino indesejável. Os gritos que ecoam, o corpo arrastado, o vazio de quem foi levado, são marcas de uma linguagem que está além e aquém do significado racional do sentido. Os porões são o campo onde a exceção fez da tortura a norma biopolítica de governo. Não bastava deixar morrer, tem que fazer sofrer. Nos porões da tortura não se é suficiente com a ameaça da morte: essa deve ser reclamada como um desejo que liberte da tortura. O horror dos porões não é a morte, mas a tortura. A sofisticação da tortura faz dos porões o espaço biopolítico em que viver se torna mais doloroso do que morrer. O corpo do torturado exibe as marcas silenciosas de uma linguagem indescritível porque as palavras perderão a capacidade de descrever o horror. Ainda, os torturados que sobreviverem terão de carregar consigo as marcas invisíveis de um horror indescritível. A sombra do torturador estará marcada no corpo e na alma do torturado em proporção direta ao horror do sofrimento. Algo de inominável permanece na narrativa do torturado. Seu maior testemunho é o que não pode dizer porque a linguagem não alcança. Ele

é testemunha daquilo que não é capaz de testemunhar.

O muçulmano do campo e o torturado dos porões são testemunhas do que não pode ser testemunhado. Elas estão incapacitadas de testemunhar a totalidade do testemunho. Precisamente essa condição de impossibilidade de testemunhar as torna autênticas testemunhas. As verdadeiras testemunhas são aquelas cujo testemunho consiste em não ter a possibilidade da linguagem. As marcas mudas do corpo torturado, o vazio dos corpos desaparecidos se tornam testemunhas exemplares de algo que não pode ser testemunhado pela palavra.

O verdadeiro sentido do sofrimento padecido pelas vítimas da violência permanece na impossibilidade de dizer. A palavra nunca poderá dizer a totalidade do sofrimento das vítimas. O testemunho sempre esconde uma zona oculta de sentido em que a vítima testemunha pelo puro silêncio. A vítima coexiste com a incapacidade de dizer a totalidade do sofrimento que lhe atingiu. Ela se torna verdadeira testemunha precisamente porque não é capaz de testemunhar a totalidade da violência sofrida. Há um paradoxo na condição testemunhal da vítima. Esta é pura testemunha, no entanto não é capaz de testemunhar a totalidade do sofrimento. A testemunha mais radical é aquela que não pode mais dizer uma palavra por causa da violência sofrida. O silêncio do corpo torturado, a incapacidade da linguagem do muçulmano, inclusive o vazio dos desaparecidos, torna-os testemunhas exemplares. Seu silêncio é um testemunho. Sua condição de vítimas desprovidas da palavra as torna testemunhas paradigmáticas.

O que está em questão nas figuras do muçulmano e do torturado é o estatuto epistemológico do testemunho e a própria condição filosófico-política da testemunha. O valor do testemunho é reconhecido pelo caráter jurídico que se outorga a sua verdade. A verdade jurídica do testemunho está encharcada de objetividade. O testemunho tem que ser objetivo para ser reconhecido como verdadeiro pelo direito. Para o direito, quanto mais distante da objetividade menos valor de verdade tem o testemunho. A objetividade exige pos-

sibilidade de objetivar em linguagem a exterioridade do acontecido. Mas a característica das vítimas da violência é que sua incapacidade de testemunhar objetivamente é proporcional à crueldade sofrida. Ao extremo de que a “testemunha integral” é aquela que ficou incapacitada de testemunhar por causa da violência sofrida. Adorno quis mostrar essa aporia ética, política e até estética quando afirmou que “depois de Auschwitz não se pode escrever mais poesia”.

Os testemunhos dos sobreviventes insistem sobre as sombras de silêncio que permanecem em suas próprias palavras. Não porque não queiram contar o que aconteceu, mas porque não têm a capacidade de dizê-lo. A linguagem não é suficiente para expressar o testemunho. O acontecimento que os tornou torturados ou muçulmanos não pode ser objetivado em linguagem. A linguagem, sendo o modo de ser do humano, é incapaz de expressar todo o humano de uma vítima da violência. Nesse sentido que Levi afirma em seus escritos que só o muçulmano é a “testemunha integral”. Seu testemunho não tem valor jurídico, a verdade que sua incapacidade de dizer testemunha não pode ser aferida como prova de um processo. Contudo, só eles, as vítimas extremas da violência são verdadeiras testemunhas integrais do acontecimento.

#### Falsas vítimas

A testemunha apresenta-se, em primeiro lugar, como vítima. A condição de vítima não é algo subjetivo que invoca, mas que se viu reduzida a tal situação em virtude de uma imposição objetiva. Ela é vítima apesar de si. Reduzida à condição de vítima da violência, tem que testemunhar como tal. A condição de vítima tem que ser testemunhada. O seu testemunho desvela as condições injustas que a levam a sofrer a situação de vítima. A crítica de Nietzsche à condição da vítima como algo subjetivo que pode ser utilizado como artifício para culpar os outros das próprias incompetências pode, de fato, constatar-se em muitas situações. Contudo, estas são falsas vítimas. A vítima existe de forma objetiva porque houve uma injustiça ou violência que a reduziu a

tal condição. Por isso só a vítima pode testemunhar plenamente do acontecimento sofrido.

O testemunho da vítima revela o lado oculto da violência e da injustiça que a mirada objetiva da exterioridade não capta. A vítima testemunha o inominável da violência. Seu testemunho excede todas as formas de linguagem para tornar-se uma linguagem própria. A linguagem da testemunha vítima da violência é paradoxal porque a integralidade de seu testemunho é inversamente proporcional à sua incapacidade de dizer o acontecido. O torturado e o muçulmano testemunham integralmente pela incapacidade de dizer tudo o que aconteceu que lhes conduziu a essa situação.

Nietzsche não soube captar a singularidade do testemunho da vítima que transvalora todos os valores ao tornar-se ela o critério ético por excelência. A relatividade dos valores perde tal condição quando confrontada com a objetividade do sofrimento humano da vítima. Relativizar o sofrimento das vítimas como algo normal ou natural, significaria naturalizar a barbárie como norma moral da política. A aporia do relativismo ético fica ao descoberto perante a condição de indignidade das vítimas da injustiça. É nesse sentido que as testemunhas integrais representadas pelo muçulmano e pelo o torturado se tornam paradigmas éticos de justiça.

#### LEIA MAIS...

Confira os outros artigos de Castor Bartolomé Ruiz sobre o evento Giorgio Agamben: “O Homo Sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana”

\* Homo sacer. O poder soberano e a vida nua. Revista IHU On-Line, edição 371, de 29-08-2011, disponível em <http://bit.ly/naBmM8>

\* O campo como paradigma biopolítico moderno. Revista IHU On-Line, edição 372, de 05-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nPTZ3>

\* O estado de exceção como paradigma de governo. Revista IHU On-Line, edição 373, de 12-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nsUUpX>

\* A exceção jurídica e a vida humana. Cruzamentos e rupturas entre C. Schmitt e W. Benjamin. Revista IHU On-Line, edição 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/pDpE2N>

\* A testemunha, um acontecimento. Revista IHU On-Line, edição 375, de 03-10-2011, disponível em <http://bit.ly/q84Ecj>

\* A testemunha, o resto humano na dissolução pós-metafísica do sujeito. Revista IHU On-Line, edição 376, de 17-10-2011, disponível em <http://migre.me/66N5R>

## **Ciclo de Palestras: Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades**

**Por outro modo de consumir: descrição de algumas experiências alternativas**

**Prof. Dr. Serge Latouche - Professor de Economia na Universidade de Paris XI - Sceaux/Orsay**

**Horário: das 16h às 18h  
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU**

**Data: 22/11/2011**

**Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**



## Arqueologia de ideias: a ancestralidade recente do NIEG

POR BRUNO LIMA ROCHA\*

Este texto é um ensaio a respeito de uma ancestralidade recente, a criação de uma fonte de crítica teórica e ativismo político, indo de encontro à hegemonia do capital financeiro dentro do pensamento econômico vinculado ao *status quo*. A história é relativamente simples. Em março do corrente ano, o Grupo Cepos me delegou a tarefa de construir uma proposta ousada, germinada em Seminário Internacional que realizamos com o Grupo coirmão Tecmerín, localizado na Universidade Carlos III, no campus de Getafe, Comuna de Madri (Espanha) em janeiro último. Na ocasião, ao ser questionado a que tema me dedicava como pesquisador, afirmei que gostaria de analisar as relações cruzadas entre mídia hegemônica (*corporate media*) e a financeirização da economia capitalista, reproduzindo a naturalização do capital na sua forma de bem simbólico. Três meses depois e a ideia que surgira por evidências empíricas e urgências teóricas e políticas toma a forma de um Núcleo de Estudos dentro de um consagrado grupo de pesquisa.

A origem dessa preocupação localiza-se na relação propagandista que os grupos de mídia do Rio Grande do Sul

tiveram ao dar suporte ao contrato de empréstimo que o estado fizera junto ao Grupo Banco Mundial. Naquele momento, corria o mês de novembro de 2007 e publiquei um artigo de opinião afirmando o absurdo do alargue da dívida interna, entre dois níveis de governo (União e RS), servir de cabeça de ponte para a internacionalização de tal endividamento e a perda da soberania do governo estadual sobre os fundos captados mediante taxaço impositiva. Para minha alegria, deparei-me com outro cidadão - este sim um especialista na matéria - empunhando a lança da razão contra os moinhos do silêncio midiático. Trata-se do fiscal de tributos aposentado, João Pedro Casarotto, hoje um dos maiores especialistas em dívida interna do Brasil e à época um paladino quase solitário.

O dirigente sindical do fisco fez uma representação explicando todos os motivos e razões para ser adverso ao contrato e enviou o estudo para órgãos de Estado e veículos de comunicação. Dos primeiros, não recebera resposta e da indústria da mídia, o retorno foi o silêncio. Após esse episódio, verifiquei um padrão quando o tema em pauta é o capital financeiro.

\* Bruno Lima Rocha é mestre e doutor em Ciência Política pela UFRGS, jornalista graduado na UFRJ e docente de comunicação social na Unisinos. Membro-pesquisador do Grupo Cepos e vogal da diretoria da Ulepcc-Brasil. No momento, coordena no Cepos o Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Globalização Transnacional e da Cultura do Capitalismo - NIEG. E-mail: <blimarocha@gmail.com>.

Os poderes constituídos legalmente não debatem a fundo o modelo de endividamento e as empresas de comunicação silenciam, desinformam e desviam quanto as mais simples relações causais por onde os recursos oriundos da materialidade produtiva simplesmente se tornam rarefeitos, passando a existir apenas como dígitos ou certificados de compromisso (como nos títulos da dívida pública). Estudar essas relações implícitas, mas evidentes para especialistas, transformou a indignação em vontade de fazer ciência social comprometida, dentro e fora da academia.

O projeto de nuclear a pesquisa em torno do problema central do capitalismo contemporâneo (reconfigurado pela tecnociência e subordinado aos controladores do capital financeiro outrora fictício) veio ao encontro de um objeto maior do que o escandaloso volume do endividamento brasileiro. Enquanto o orçamento consolidado do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal - SIAFI aponta que o orçamento da União, em 2010, teve o total de 1,414 trilhão de reais, o volume de recursos gastos na rolagem e amortização da dívida foi de 44,93%, equivalentes a 635 bilhões de reais. Já a dimensão dos derivativos de balcão, os produtos exóticos que representam contratos muitas vezes inexistentes, fórmulas de apostas puramente especulativas que escapam da definição de seus criadores, é assustadoramente maior. De acordo com a Associação Internacional de Swaps e

“As empresas de comunicação silenciam, desinformam e desviam quanto as mais simples relações causais por onde os recursos oriundos da materialidade produtiva simplesmente se tornam rarefeitos”

Derivativos, o valor de face destes, em escala planetária, subiu de 866 bilhões de dólares, em 1987, para 454 trilhões em 2007. Em vinte anos, uma versão de capital simbólico sem lastro e nem resgate possível tem a dimensão de “valor” equivalente a mais de 32 vezes o Produto Interno Bruto dos EUA, ainda o maior do mundo!

Aumenta o objeto, cresce o tamanho do problema e segue o padrão de domínio. As empresas de mídia brasileiras - e uma boa parte das que estudamos, nós ou colegas da economia política da comunicação em termos globais - silenciam quanto aos fatores causais da “fraude com nome de crise”, como dizem os manifestantes espanhóis do movimento Democracia

Real Já! Não por acaso, compreendemos estas companhias - algumas de capital aberto e ações em bolsa - como pilares do *modus vivendi* atual: voltado para o mercado, consumo suntuoso e endividamento em todos os níveis.

Em termos de infraestrutura, o padrão se assemelha. As mesmas plataformas que permitem a comunicação digital em banda larga foram, antes, desenvolvidas pelas redes interbancárias, possibilitando a compensação e transferência de recursos em escala global; incluindo a evasão de divisas com origem duvidosa e destino sigiloso, todas devidamente asseguradas nos “paraísos fiscais”. O tráfego de dados binários pode implicar na circulação acelerada tanto de bens simbólicos na forma comunicacional (produtos midiáticos) como representações de valor na forma simbólica (capital financeiro). Diz-se que no auge das transações de derivativos - na verdade, um Esquema Ponzi de pirâmides em nível global - a cada 4 segundos um operador negociava um pacote de títulos representando uma casa já mais de dez vezes hipotecada.

Diante de tanta evidência foi inevitável nos debruçarmos sobre o fenômeno que gerara a maior transferência de renda da história da humanidade. Eis a ancestralidade e as bases de motivação acadêmica e política para criar o Núcleo de Estudos da Globalização Transnacional Corporativa e da Cultura do Capitalismo - NIEG.

**6 SEMINÁRIO DE PESQUISA CEPOS**  
**ECONOMIA POLÍTICA DAS INDÚSTRIAS CULTURAIS**

01/12/11 – Sala Santander (Escola de Design) – Unisinos Porto Alegre  
 02/12/11 – Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros (IHU) – Unisinos São Leopoldo

**Entrada Franca.** Será fornecido **certificado** aos participantes inscritos.  
 Para mais informações e inscrição, acesse **www.grupocepos.net**.

INCLUSÃO REGULAMENTAÇÃO TV DIGITAL CULTURA  
 POLÍTICAS PÚBLICAS ESTRATÉGIA  
 TELENOVELA SOCIEDADE CIVIL  
 COMUNICAÇÃO CONVERGÊNCIA  
 EDUCAÇÃO INTERATIVIDADE EXISTÊNCIA

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 08-11-2011 a 12-11-2011.**

**Código Florestal: “a discussão é feita a partir de um cronograma político”**

Entrevista especial com Bazileu Margarido, engenheiro de produção, presidente do Ibama em 2008

Confira nas Notícias do Dia de 08-11-2011

Acesse no link <http://migre.me/683qb>

A urgência em votar o novo Código Florestal na Comissão de Meio Ambiente - CMA e, posteriormente, no Senado, quer impedir que o projeto de reforma do Código vigente seja discutido na Rio+20, alerta o pesquisador.

**O Protocolo de Kyoto e a COP-17, em Durban. Desafios e perspectivas em vista da Rio+20**

Entrevista especial com Marcelo Montenegro, assessor do programa de Direito e Alimentação da Actionaid Brasil

Confira nas Notícias do Dia de 09-11-2011

Acesse no link <http://migre.me/683uv>

Segundo avalia o assessor da Actionaid Brasil, “tanto o Protocolo de Kyoto quanto as negociações climáticas deram aos países vulneráveis a oportunidade de atuarem com força em relação aos acordos climáticos”.

**Os refugiados climáticos e o paradoxo da imobilidade**

Entrevista especial com Márcia Castro, demógrafa, professora assistente na Harvard School of Public Health

Confira nas Notícias do Dia de 10-11-2011

Acesse no link <http://migre.me/683yV>

Ainda não existe um status legal de refugiado climático, mas fenômenos extremos como secas e tempestades estão potencializando o deslocamento populacional interno em diversas regiões do mundo. No Brasil, o deslocamento de populações provavelmente ocorrerá “intra e entre regiões.

**A era do lixo. “Ele está visceralmente associado ao atual modo de vida”**

Entrevista especial com Maurício Waldman, cientista social, colaborador do site Geografia e Cartografia - Geocarto e do Centro de Estudos Africanos da USP - CEA-USP

Confira nas Notícias do Dia de 11-11-2011

Acesse no link <http://migre.me/683BW>

A humanidade está movimentando cerca de 48 bilhões de toneladas de materiais por ano, mas, desse valor, “30 bilhões viram lixo”, informa Waldman. Na era do consumo descartável, as classes “abastadas” geram cerca de 1,5 a 2,0 kg/hab/dia de resíduos, enquanto entre os mais pobres o grau de resíduos despenca para 0,3 kg/hab/dia.

**Os desafios da participação nas sociedades democráticas**

Entrevista especial com Wilson Gomes, pesquisador e docente da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia

Confira nas Notícias do Dia de 12-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/tJwSm1>

Conforme constata o pesquisador, “há, efetivamente, mais iniciativas patrocinadas pelos governos para promover transparência do que para produzir ou demandar participação civil”.

**Um Protetor da Natureza: Trajetória e memória de Henrique Luiz Roessler**

IHU ideias - Novembro 2011

Data: 17/11/2011

MS Elenita Malta Pereira - Mestre e Doutoranda em História pela UFRGS

Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

# Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

<b>Dia 14-11-2011</b>
<p>Evento: EAD - Jesus e o reino no Evangelho de Marcos - 2011 Organização: Equipe de Espiritualidade do IHU Tema: Jesus, o messias crucificado e ressuscitado: compromisso para hoje (Mc 14,1-16,20) Local: Plataforma Moodle Maiores informações: <a href="http://migre.me/683Md">http://migre.me/683Md</a></p>
<b>Dia 17-11-2011</b>
<p>Evento: IHU ideias Palestrante: MS Elenita Malta Pereira - Mestre e doutoranda em História pela UFRGS Tema: Um protetor da natureza: trajetória e memória de Henrique Luiz Roessler Horário: 17h30min às 19h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Maiores informações: <a href="http://migre.me/683PI">http://migre.me/683PI</a></p>
<b>Dia 18-11-2011</b>
<p>Evento: Ciclo de Palestras: Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades Palestrante: Dr. Serge Latouche - Professor de Economia na Universidade de Paris XI - Sceaux/Orsay Tema: Uma sociedade do decrescimento. Uma utopia ou uma necessidade? Horário: 20 às 22h Local: Faculdade de Administração e Economia - FAE em parceria com CEPAT/Curitiba-PR Maiores informações: <a href="http://migre.me/684n3">http://migre.me/684n3</a></p>
<p>Evento: Gênero e Cinema Debatedora: Darli Sampaio Exibição do filme: Menina de Ouro (Direção: Clint Eastwood) Horário: 20 às 22h Local: Sindicato dos Engenheiros - Senge - PR (Edif. CCI - Mal. Deodoro, 630, 22º andar) Maiores informações: <a href="http://migre.me/684rj">http://migre.me/684rj</a></p>
<b>Dia 19-11-2011</b>
<p>Evento: Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2011 Palestrante: Prof. Dr. Aloísio Ruschinsky - Unisinos Tema: Sociedade sustentável e fundamento ético de uma consciência planetária. Conceito de desenvolvimento. Redefinição de necessidades básicas. Biodiversidade. Dimensão espiritual da ecologia Horário: das 8h30min do sábado às 14h do domingo Local: Centro Diocesano de Formação Pastoral, Rua Emílio Ataliba Finger, 685 - Bairro Colina Sorriso, CEP 95032-470, Caxias do Sul-RS Maiores informações: <a href="http://migre.me/684wy">http://migre.me/684wy</a></p>
<b>Dia 20-11-2011</b>
<p>Evento: Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2011 Palestrante: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta - Unisinos Tema: O homem e a mulher no horizonte de um novo paradigma civilizacional Horário: das 8h30min do sábado às 14h do domingo Local: Centro Diocesano de Formação Pastoral, Rua Emílio Ataliba Finger, 685 - Bairro Colina Sorriso, CEP 95032-470, Caxias do Sul-RS Maiores informações: <a href="http://migre.me/684wy">http://migre.me/684wy</a></p>

## Serge Latouche no Brasil: peregrinação pelo decrescimento

No último sábado, 12-11-2011, Serge Latouche iniciou uma jornada brasileira para debater o decrescimento sustentado, teoria pela qual é mundialmente conhecido como autor. Na manhã de sábado, esteve no Centro Cultural da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, em atividade promovida em parceria com o Centro Burnier Fé e Justiça - Cuiabá/Mato Grosso, falando sobre Decrescimento sustentado, bioética e biopolítica: conversas com Merleau-Ponty.

No dia 18-11-2011, o pensador francês irá para Curitiba, Paraná, na Faculdade de Administração e Economia - FAE, em parceria com Centro de Pesquisa e Apoio ao Trabalhador - CEPAT, para falar sobre Uma sociedade do decrescimento. Uma utopia ou uma necessidade?

Segundo Cesar Sanson, coordenador do CEPAT, parceiro do IHU, na promoção dos debates que o professor fará no Brasil, “a vinda de Latouche tem despertado bastante interesse em função da atualidade da temática que abordará”. O coordenador do CEPAT destaca que a opção de realizar o debate com Latouche em Curitiba na Faculdade de Administração e Economia - FAE é uma tentativa de levar para dentro do debate econômico uma outra variante de reflexão. Segundo ele, “via de regra prevalece no mundo da economia a ortodoxia da economia neoclássica e se perdeu o conteúdo da economia política, e as propostas de Latouche, entre outras, recupera a essência de que as opções econômicas apresentam consequências sociais”.

Particularmente, destaca o pesquisador do Cepat, Latouche instiga a percepção de que “impulsionada pela ideia de progresso linear e quantitativo assentado sobre o crescimento econômico e recursos naturais ilimitados, a economia, na sociedade industrial, foi se desvencilhando gradativamente da economia política e passou a ser orientada e regida tão somente pelo mercado, e essa lógica tem levado à crise ecológica, que por sua vez, tem levado o planeta ao esgotamento”.



Cesar Sanson, diz ainda que a opção pelo debate na FAE deve-se ao fato de que o programa de mestrado da instituição incorpora a preocupação com o tema da “sociedade sustentável”.

Em 21-11-2011 a temática abordada será Desenvolvimento humano, decrescimento e a sociedade convivial, dessa vez no campus Porto Alegre da Unisinos.

No campus São Leopoldo Latouche inicia sua jornada na terça-feira, 22-11-2011, e se estende até o dia até 25-11-2011. Confira a programação completa das atividades em <http://migre.me/685L2>.

De acordo com Gilberto Faggion, professor de Gestão da Inovação, Metodologia de Pesquisa e Teorias da Administração na Unisinos e coordenador do Programa Repensando os Clássicos da Economia, do IHU, a presença de Latouche no Brasil (e particularmente na Unisinos) “possibilitará que a comunidade reflita sobre pressupostos tidos como grandes verdades na sociedade contemporânea, a qual é dominada e absorvida por uma economia de crescimento, que se tornou um objetivo primordial da vida. No entanto, essa é uma ideia muito questionável, artificial e que traz consequências devastadoras para o planeta e para nós enquanto espécie viva”. De acordo com o professor, “o nosso modo de produzir e consumir ameaça a capacidade de regeneração da biosfera, assim como não é nada equitativo em termos socioeconômicos. Assim, Latouche usa o termo decrescimento justamente para contrastar com esse discurso dominante, para nos fazer questionar sobre nossa fé cega na ciência e no futuro como meios para resolver os problemas do presente. Temos que pensar: onde nos tem levado o objetivo do crescimento pelo crescimento? E mais: que sociedade podemos construir considerando o humano no lugar que hoje é ocupado pelo mercado?”

Marilene Maia, assistente social, professora no curso de Serviço Social da Unisinos e coordenadora do Progra-

ma Trabalho, do IHU e do Observatório de Políticas Sociais do Vale do Rio dos Sinos - ObservaSinós, acrescenta que Latouche irá contribuir enormemente nos processos de estudo, debate e projeção que a Unisinos está realizando junto ao V Congresso da Cidade de Porto Alegre, a partir da tematização do Desenvolvimento Humano. Sua palestra Desenvolvimento humano, decrescimento e sociedade convivial encerrará um conjunto de atividades promovidas pela Unisinos as quais buscaram analisar a realidade do desenvolvimento que se tem e apontaram perspectivas para que Porto Alegre alcance o ano de 2022 com novas marcas de sustentabilidade e inclusão.

Confira a seguir, uma entrevista que debate a temática do decrescimento, concedida pelo professor Dr. José Eustáquio Diniz Alves, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - Ence/IBGE, adiantando aspectos que serão debatidos pelo pensador francês nos próximos dias.

Confira a programação das atividades de Latouche no Brasil

#### 12 de novembro

Palestra: Decrescimento sustentado, bioética e biopolítica: conversas com Merleau-Ponty  
Horário: Das 8h às 12h  
Local: Centro Cultural da UFMT em parceria com Centro Burnier - Cuiabá/Mato Grosso

#### 16 de novembro

Palestra: Sociedade do Decrescimento: Uma utopia ou uma necessidade?  
Horário: 20h  
Local: Auditório César Lattes - PTI  
Parceria: Diálogos de Fronteira - UNILA

#### 18 de novembro

Palestra: Uma sociedade do decrescimento. Uma utopia ou uma necessidade?

Horário: 20h

Local: Faculdade de Administração e Economia - FAE em parceria com CEPAT/Curitiba-PR  
Inscrições pelo email: [mestrado@fae.edu](mailto:mestrado@fae.edu)

#### 21 de novembro

Palestra: Desenvolvimento Humano, Decrescimento e a Sociedade Convivial  
Debatedor: Plínio Alexandre Zalewski Vargas - Diretor da Secretaria de Governança da Prefeitura Municipal de Porto Alegre  
Horário: Das 19h 30min às 22h  
Local: Unisinos - Campus Porto Alegre/RS

#### 22 de novembro

Palestra: Por outro modo de consumir: descrição de algumas experiências alternativas  
Horário: Das 16h às 18h  
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

#### 23 de novembro

Palestra: Sociedade convivial e economia de baixo carbono: uma relação convivial?  
Horário: Das 19h às 20h - Recepção e credenciamento  
Das 20h às 22h - Palestra  
Local: Auditório Central - Unisinos

#### 24 de novembro

Palestra: IHU ideias - A atualidade da obra de Ivan Illich  
Horário: 17h30min às 19h  
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

#### 25 de novembro

Palestra: Sociedade convivial: uma perspectiva eco-teológica  
Horário: 15h às 17h  
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU.

**Acesse outras edições da  
Revista IHU On-Line em  
[www.ihuonline.unisinos.br](http://www.ihuonline.unisinos.br)**

## Decrescimento e a busca de uma sociedade convivial

Ao discutir as possibilidades do decrescimento, “a comunidade internacional precisa superar a Era do Petróleo e avançar na Era do Sol/Vento”, adverte José Eustáquio Diniz Alves

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

**D**iscutir o decrescimento é “essencial para desmistificar o ‘fetichismo do crescimento ilimitado da população e do consumo’” e o “fetichismo da exploração ilimitada dos recursos naturais”, diz José Eustáquio Diniz Alves à **IHU On-Line**, em entrevista concedida por e-mail. A teoria do decrescimento, explica, “visa garantir a qualidade de vida das pessoas e a preservação ambiental sem reproduzir a lógica do crescimento infinito do consumo”.

Recordando Karl Marx, Alves diz que a sociedade capitalista “funciona na base do ‘fetichismo da mercadoria’ e da ‘coisificação das pessoas’”. Nesse sentido, assinala, na sociedade do crescimento econômico “a convivência humana é intermediada pela posse de bens de consumo e pelo domínio das outras espécies vivas da Terra. (...) Na sociedade antropocêntrica não existe convivência harmônica entre o homo sapiens e as demais espécies, mas sim relações de dominação e exploração. Uma sociedade convivial tem que romper com essa lógica e estabelecer os princípios da solidariedade ecocêntrica”.

José Eustáquio Diniz Alves é doutor em Demografia e professor titular do mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - Ence/IBGE. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Considerando a presença de Serge Latouche no Brasil, qual a importância de debater a teoria do decrescimento em nossos dias?**

**José Eustáquio Diniz Alves** - O debate sobre a teoria do decrescimento é não apenas oportuna, mas também essencial para desmistificar o “fetichismo do crescimento ilimitado da população e do consumo” e o “fetichismo da exploração ilimitada dos recursos naturais”. O nível e o padrão de produção de bens e serviços da economia mundial já ultrapassaram em 50% a capacidade de regeneração do Planeta. A perda de biodiversidade é espantosa. A humanidade está caminhando para o precipício e o suicídio, provocando também o biocídio. Como disse recentemente o prestigiado demógrafo George Martine<sup>1</sup>: “A solução passa pela revisão radical do nosso modelo de desenvolvimento e da sereia que o estimula - o consumismo”.

<sup>1</sup> Confira o artigo *Consumismo é maior ameaça à sustentabilidade*, publicado nas *Notícias do Dia* 30-10-2011, disponível em <http://migre.me/69v7t>. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Qual a diferença entre decrescimento e desaceleração do crescimento?**

**José Eustáquio Diniz Alves** - Desaceleração do crescimento é o que está acontecendo nos Estados Unidos, onde o endividamento crescente das famílias, das empresas e do setor público colocou um limite prático à continuidade do modelo de desenvolvimento com base na expansão do crédito e da emissão de moeda e títulos fictícios. Decrescimento do PIB é o que está acontecendo na Grécia, que tem sofrido o terceiro ano seguido de recessão. Em ambos os países quem “paga o pato” da recessão são os trabalhadores que perdem o emprego, os cidadãos e cidadãs que perdem direitos e o sistema de proteção social e ambiental que perde os investimentos necessários para a sua consolidação. A teoria do decrescimento visa garantir a qualidade de vida das pessoas e a preservação ambiental sem reproduzir a lógica do crescimento infinito do consumo. A sociedade do decrescimento é aquela que não se preocupa

com a expansão do consumo, mas com a liberação da criatividade humana, eliminando os grilhões do totalitarismo econômico.

**IHU On-Line - Como o decrescimento pode ser associado à questão da mudança da matriz energética mundial?**

**José Eustáquio Diniz Alves** - Um dos principais componentes do crescimento da Pegada Ecológica é o aumento dos gases de efeito estufa e, especialmente, do CO<sub>2</sub> liberado na queima de combustíveis fósseis (lenha, carvão mineral, gás e petróleo). Foram os combustíveis fósseis que viabilizaram o grande crescimento populacional e econômico do século XX, quando a população cresceu cerca de quatro vezes e a economia cresceu aproximadamente 18 vezes. Mas os combustíveis fósseis são finitos e já chegaram ao seu pico de produção. No século XXI, o consumo desse tipo de energia tem crescido acima da produção, daí o aumento dos preços. Combustíveis mais caros significam alimentos mais

caros, como mostra o índice de preços da Food and Agriculture Organization - FAO. Dessa forma, a população mundial vai enfrentar um grande desafio nas próximas décadas, que é o elevado preço da energia e dos alimentos.

O mundo vai enfrentar também o enorme desafio das consequências do aquecimento global e dos eventos climáticos extremos. Os cenários para as próximas décadas não são nada animadores, mas podem ser mitigados se houver uma rápida e ampla mudança na matriz energética mundial. A comunidade internacional precisa superar a Era do Petróleo e avançar na Era do Sol/Vento. Juntamente com a redução do consumo conspícuo, somente as energias limpas e renováveis podem ajudar a evitar que o desastre do aquecimento global, com o consequente aumento do nível dos oceanos e a acidificação das águas, atinja proporções apocalípticas.

**IHU On-Line - O decréscimo deve ser aplicado a toda a população mundial?**

**José Eustáquio Diniz Alves** - Embora tenhamos atingido sete bilhões de habitantes no mundo, já existem países nos quais a população está decrescendo, o que é o caso de Cuba, Rússia, Japão, Ucrânia, entre outros. Existem outros que vão ter suas populações caindo num futuro próximo, pois já possuem taxas de fecundidade abaixo do nível de reposição, tais como: Brasil, Chile, China, Coreia do Sul, Irã e Vietnã. Também há um grande grupo de países que estão em processo de transição de altas para baixas taxas de fecundidade e devem atingir o nível de reposição em um espaço curto de tempo. Na verdade, o problema de alto crescimento demográfico é um fato localizado em

cerca de 30 países e que pode ser solucionado com vontade política e uma fração dos recursos mundiais gastos com despesas militares.

As populações pobres, de modo geral, e os pobres dos países pobres, em particular, têm muitos filhos por falta de acesso aos métodos de regulação da fecundidade, falta de acesso aos direitos sexuais e reprodutivos e falta de acesso à educação, saúde e trabalho. Existem cerca de 215 milhões de mulheres no mundo sem acesso aos métodos contraceptivos. Portanto, com inclusão social as famílias tendem a limitar seu tamanho pelos seus próprios meios. A cidadania é o melhor contraceptivo.

**IHU On-Line - Como vê a postura “pró-crescimento” e das “grandes obras” por parte dos governantes de vários países hoje, inclusive o Brasil?**

**José Eustáquio Diniz Alves** - Infelizmente a maior obra que o Brasil está realizando não é promoção da cidadania e da solidariedade universal, mas sim o tão alardeado projeto de exploração do “petróleo do pré-sal”. A Petrobrás, o BNDES e o povo brasileiro (que paga impostos) estão jogando todas as fichas na exploração das jazidas de petróleo localizadas a centenas de quilômetros da costa brasileira e a milhares de metros no fundo do mar. É um investimento monstruoso, de centenas de bilhões de dólares, em uma fonte energética poluidora e que está com os dias (ou anos) contados. A Era do Petróleo representa o passado. Com uma fração de tais recursos o Brasil poderia impulsionar uma grande mudança na matriz energética brasileira, avançando na produção de energia solar e eólica e criando empregos e tecnologias verdes. Mas o governo central, os deputados, governadores,

prefeitos e vereadores só pensam nos royalties do pré-sal para continuar investindo no modelo de crescimento do consumo ilimitado que provoca a degradação ambiental e a perda de biodiversidade.

**IHU On-Line - Em que medida o decréscimo pode ser apontado como condição para uma sociedade convivial?**

**José Eustáquio Diniz Alves** - A sociedade capitalista, como disse Karl Marx, funciona na base do “fetichismo da mercadoria” e da “coisificação das pessoas”. O processo de alienação faz com que os indivíduos não se relacionem como seres humanos, mas sim como proprietários de bens de consumo, que são os marcadores de status social mais valorizados. Seguindo as regras da contabilidade, o sucesso dos indivíduos, das empresas e do governo é medido pela quantidade de bens acumulados e pelos direitos a receber. A solidariedade é ofuscada pelo “efeito demonstração”. O aumento do patrimônio e da riqueza é a referência máxima de aceitação e reconhecimento social.

Portanto, na sociedade do crescimento econômico a qualquer custo, a convivência humana é intermediada pela posse de bens de consumo e pelo domínio das outras espécies vivas da Terra. Os animais e plantas são considerados apenas como insumos para melhorar o padrão econômico da humanidade, especialmente das camadas mais privilegiadas. Na sociedade antropocêntrica não existe convivência harmônica entre o *homo sapiens* e as demais espécies, mas sim relações de dominação e exploração. Uma sociedade convivial tem que romper com essa lógica e estabelecer os princípios da solidariedade ecocêntrica.

## Oficina sobre os dados censitários 2010 da Região do Vale do Sinos

Data: 1/12/2011

Prof. MS Ademir Barbosa Koucher - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## Luiz Henrique Roessler, um protetor da natureza

Ambientalista *avant la lettre* gaúcho, fundador da União Protetora da Natureza - UPN, Roessler foi um dos precursores da proteção ambiental no Brasil, destaca Elenita Malta Pereira. Sua luta para conscientizar a população se dava através de artigos em jornais e em fiscalizações a campo

POR MÁRCIA JUNGES

Conhecido em todo o Rio Grande do Sul nos anos 1940-60, Luiz Henrique Roessler atuava como fiscal das contravenções à natureza no estado. Em sua trajetória “prática e escrita estavam imbricadas de maneira indissociável, como armas em sua luta para defender a natureza dos devastadores”, explica Elenita Malta Pereira na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Munido de leituras e conhecimentos, Roessler tinha um grande diferencial: “aplicar, na prática, o conteúdo dessas leituras e, através das crônicas jornalísticas, difundir esses conhecimentos para o público em geral”. Já àquele tempo ele queixava-se da falta de verbas e, inclusive, de um veículo para fazer as fiscalizações a campo. Fundou a União Protetora da Natureza - UPN e foi incansável na denúncia dos ataques contra o patrimônio natural gaúcho. Para Elenita, “hoje, quando as consequências dos exageros na exploração da natureza estão visíveis a todos, provocando situações ainda não dimensionadas pelo homem, como as mudanças climáticas e o colapso de inúmeros ecossistemas, o discurso de Roessler ainda faz sentido”.

Graduada, mestre e doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Elenita é autora da dissertação *Um protetor da natureza: trajetória e memória de Henrique Luiz Roessler*, que intitula sua palestra nesta quinta-feira, 17-11-2011, no IHU ideias, das 17h30min às 19h, na Sala Ignácio Ellacuría e Companheiros, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quem foi Henrique Luiz Roessler? Qual é o contexto de sua vida, luta e origens?**

**Elenita Malta Pereira** - Roessler era filho de descendentes de imigrantes alemães oriundos da região próxima à fronteira com a França. Sua família era proprietária da empresa Pedro Blauth & Companhia, que atuava no ramo da navegação no Rio dos Sinos. Nasceu em Porto Alegre em 1896, mas ainda bebê veio com os pais morar em São Leopoldo, cidade onde, mais tarde, foi desenhista, construtor de barcos, escultor e contabilista. Estudou no colégio jesuíta Nossa Senhora da Conceição, onde passeios ao ar livre e banhos no Rio dos Sinos faziam parte da rotina dos estudantes.

A atividade que o tornou um personagem conhecido em todo o Rio Grande do Sul nos anos 1940-60 foi uma eficiente atuação como fiscal das contravenções à natureza no estado. Em 1934, um conjunto de leis de proteção à natureza co-

meçou a ser publicado pelo governo de Getúlio Vargas, como o Código de Caça e Pesca e o Código das Águas. Também nesse ano apareceu o primeiro Código Florestal brasileiro, que previa a formação de uma polícia florestal em todo o Brasil. Em 1939, Roessler, que já era capataz do Rio dos Sinos - remunerado - desde 1937, ofereceu-se para trabalhar gratuitamente nessa polícia, ocupando o cargo de delegado florestal. Cinco anos depois, acumulou a função de fiscal de caça e pesca. Os dois cargos eram vinculados ao Ministério da Agricultura, na época o órgão responsável pela proteção à natureza no país.

**IHU On-Line - Em que aspectos é possível dizer que Roessler foi um dos precursores da proteção ambiental no Brasil?**

**Elenita Malta Pereira** - No contexto em que Roessler viveu já havia discussão ambiental, mas não da forma abrangente

como há hoje. O termo “ecologia”, até o início dos anos 1970, estava restrito ao meio acadêmico e, pelo que pude verificar, nunca foi utilizado por Roessler. Ele se apoiava em leituras de revistas de divulgação, como “Caça e Pesca”, editada por Monteiro Lobato<sup>1</sup>, “Chácaras e quintais”, uma das mais importantes publicações da época, e de livros escritos por autores brasileiros e estrangeiros sobre conservação dos elementos naturais. O seu grande diferencial foi aplicar,

<sup>1</sup> José Bento Monteiro Lobato (1882-1948): escritor brasileiro popularmente conhecido pelo tom educativo, bem como divertido de sua obra de livros infantis, o que seria, aproximadamente, metade de sua produção literária. A outra metade, composta de romances e contos para adultos, foi menos popular, mas um divisor de águas na literatura brasileira. Entre seus livros, destacamos: *O picapau amarelo* (34. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001); *Dom Quixote das crianças* (27. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001); *Viagem ao céu* (45. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995); *Memórias da Emilia* (42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994). (Nota da IHU On-Line)

na prática, o conteúdo dessas leituras e, através de crônicas jornalísticas, difundir esses conhecimentos para o público em geral. Na trajetória de Roessler, prática e escrita estavam imbricadas de maneira indissociável, como armas em sua luta para defender a natureza dos devastadores.

### **IHU On-Line - Quais eram suas principais atitudes de denúncia e conscientização sobre o cuidado com o ambiente?**

**Elenita Malta Pereira** - Fiscalizando tanto as margens do Rio dos Sinos como o desmatamento, as queimadas, a caça e a pesca ilegais, Roessler viajou por todos os cantos do Rio Grande do Sul, aplicando autos de infração, multas e se envolvendo em conflitos com quem não aceitava sua fiscalização rigorosa. Um dos maiores problemas que ele enfrentou foram as “passarinhas”, uma prática muito apreciada nas cidades que receberam grupos étnicos italianos no estado. Roessler e os “passarinheiros” protagonizaram episódios de violência física e, principalmente, simbólica em xingamentos de ambas as partes: para os caçadores, Roessler era um “cangaceiro”, “autoritário”, “nazista”, que atrapalhava suas passarinhas. Para Roessler, os caçadores eram “tarados de alma negra”, “assassinos”, movidos por uma “herança maldita” de seus antepassados.

Em uma dessas fiscalizações, em 1952, Roessler sofreu um acidente em que perdeu o pé direito. Isso o obrigou a ficar dez meses afastado da fiscalização (o que foi uma tortura para ele!) e a usar uma prótese mecânica para o resto da vida. A perna substituta provocava dores, mas não o suficiente para afastá-lo das diligências de fiscalização. Depois do período de repouso, ele voltou a fiscalizar e, em abril de 1954, sofreu um processo judicial movido pelos caçadores de passarinhos, vivendo um dos períodos mais difíceis da sua vida.

### **Amor à natureza**

Em dezembro de 1954, ele foi destituído dos cargos de delegado florestal e de fiscal de caça e pesca, por conta de um novo estatuto dos funcionários públicos, que não permitia funções não remuneradas (Lei 1.711/52). Para con-

tornar a situação, entre as alternativas possíveis, Roessler, espelhando-se em iniciativas semelhantes no exterior e no Brasil, fundou a União Protetora da Natureza - UPN, em 01-01-1955. A UPN, sediada em São Leopoldo, foi a primeira entidade de proteção à natureza do Rio Grande do Sul em sentido amplo: sua militância abrangia a defesa de todos os elementos naturais. Em 1955, Roessler conseguiu, pelo menos, reaver uma das credenciais perdidas. Através do contato com amigos influentes, conseguiu continuar como fiscal de caça e pesca, no âmbito da Secretaria de Agricultura estadual. Dessa forma, atuando na UPN e na fiscalização, ao mesmo tempo, pôde aliar a atuação prática, coibindo as transgressões das leis protetoras, com uma série de campanhas educativas pela proteção dos elementos naturais, através de palestras e distribuição de panfletos em escolas, clubes assistencialistas, a agricultores e ao público em geral.

Em fevereiro de 1957, Roessler se tornou colunista do jornal *Correio do Povo*, na seção “Assuntos Rurais”, publicando crônicas sobre os problemas ambientais do Rio Grande do Sul daquele contexto, sempre às sextas-feiras. Esse espaço foi importantíssimo em sua trajetória, porque tornou seu trabalho conhecido por um número bem maior de pessoas. Ao todo, ele publicou cerca de 300 textos, abordando a questão florestal (desmatamento, queimadas, reflorestamento), o drama dos rios (poluição industrial, morte de peixes envenenados, projetos de retificação do Rio dos Sinos), a matança de pássaros motivada pela “passarinha”, a pesca ilegal (utilização de objetos proibidos, dinamite), a matança de alevinos nas bombas de sucção nas lavouras de arroz, o impacto da moda (casacos de peles, adereços com penas de pássaros), os direitos dos animais (utilização de animais como cobaias, vivissecção, crueldades), a constituição de parques e reservas naturais, a educação de crianças e jovens para a proteção da natureza e o questionamento da noção de “progresso”. Essa variedade de temas era tratada com uma linguagem ácida, corrosiva até, permeada de ironia muitas vezes. É que Roessler queria muito chamar a atenção das pessoas sobre a urgência de se mudar a conduta em relação à natu-

reza: para ele, era preciso criar, forjar, o amor à natureza e a mentalidade de conservação dos elementos naturais.

### **IHU On-Line - Como essas críticas eram recebidas pelas empresas e pelo poder público? Ele tinha apoio da população em sua causa?**

**Elenita Malta Pereira** - Essa foi uma questão interessante que apareceu em minha pesquisa. Havia empresas que o apoiavam, como fabricantes de armas e vendedores de artigos para a caça e pesca em geral. Essas empresas patrocinavam seus cartazes e panfletos educativos, numa espécie de “marketing socioambiental”, parecido com o que vemos atualmente. Por mais paradoxal que isso possa parecer hoje, Roessler não era contra a caça legalizada, e sim contra a caça ilegal, fora de época e que matasse espécies não permitidas por lei. Mas houve conflitos com curtumes da região do Vale do Rio dos Sinos, que despejavam seus resíduos *in natura*, contaminando a água bebida pelas populações ribeirinhas. Em fevereiro de 1961, houve uma grande mortandade de peixes no Rio dos Sinos provocada pelos detritos dos curtumes, segundo Roessler. Ele chegou a enviar carta a Jânio Quadros<sup>2</sup>, solicitando providências. O presidente sensibilizou-se com o ocorrido e sancionou um decreto (50.877/61) com medidas mais rigorosas para a punição dos estabelecimentos que lançassem resíduos nos rios. Quando ele renunciou, Roessler ficou desolado, porque, em sua opinião, foi o único presidente que se importou com os recursos naturais do país. No entanto, em geral, o governo apoiava mais no discurso do que na prática, porque criava órgãos e publicava leis, mas Roessler queixava-se constantemente da falta de verbas e até de um veículo para realizar as diligências de fiscalização. Pelo que pude apurar, seus leitores no *Correio do Povo* o apoiavam, especialmente os professores, que, aliás, eram fundamentais para o sucesso das campanhas educativas da UPN.

<sup>2</sup> Jânio da Silva Quadros (1917-1992): 22º presidente do Brasil, entre 31 de janeiro de 1961 e 25 de agosto de 1961 – data em que renunciou, alegando que “forças terríveis” o obrigavam a esse ato. Em 1985 elegeu-se prefeito de São Paulo pelo PTB. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Quais são as principais atividades da Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luis Roessler?**

**Elenita Malta Pereira** - A Fundação Estadual de Proteção Ambiental - Fepam, além de conceder licenças ambientais, é um dos órgãos responsáveis pela fiscalização e aplicação das leis de proteção ambiental no estado. Ela faz mais ou menos o que Roessler fazia, através do Serviço Florestal e da Divisão de Caça e Pesca. Por isso o homenageou Roessler em seu nome.

**IHU On-Line - Em que ideias se baseava a produção escrita de Roessler?**

**Elenita Malta Pereira** - Um aspecto que não havia sido previsto no início de meu trabalho, mas que acabou ocupando um espaço importante na pesquisa, foi a “ideia de natureza” de Roessler. A partir da análise de uma amostragem de textos correntes no Rio Grande do Sul e no Brasil, bem como de autores citados em suas crônicas jornalísticas, foi possível constatar que ele estava muito bem sintonizado com o que se produzia sobre o tema. Seu discurso se alicerçava no nacionalismo, na educação e na religião. Articulando esses três elementos, formulou sua concepção de natureza: uma criação divina, uma dádiva de Deus aos humanos e, ao mesmo tempo, o patrimônio maior da nação, por isso o incentivo à sua proteção, através de campanhas educativas, era fundamental. Somente quando as pessoas entendessem o quanto a natureza era importante, haveria esperança de um amanhã; o uso responsável dos elementos naturais era necessário para que as gerações futuras não sofressem com a falta deles, bem como a reserva de áreas naturais, ainda “intocadas” pelo homem. Esses dois princípios nortearam toda sua atuação e pensamento: conservação e preservação; eram seus mandamentos, sua profecia, que ele seguia e anunciava à sociedade. Roessler se sentia um predestinado, apresentava-se mesmo como um profeta, prevendo que, se o homem não fizesse sua parte, a terra se tornaria um deserto, um inferno. Incorporando um discurso que sacralizava a natureza, através da utilização de imagens religiosas e refor-

çando a culpa humana pela destruição dos elementos naturais, visava atingir o maior número possível de adeptos para sua crença: a religião da proteção à natureza.

**IHU On-Line - Em que medida ele influenciou a criação de ONGs e entidades voltadas à proteção ambiental?**

**Elenita Malta Pereira** - Em 1971, a Agapan<sup>3</sup> homenageou Roessler, ao lado do Padre Balduino Rambo<sup>4</sup>, como patrono. A Agapan-NL<sup>5</sup>, de São Leopoldo, hoje UPAN, fez o mesmo. Em 1978, quando um grupo de jovens alunos do Prof. Kurt Schmeling resolveu fundar uma entidade ecológica, seu nome foi escolhido para designá-la: Movimento Roessler. Algumas das pessoas que fundaram essas entidades eram ex-integrantes da UPN, que não conseguiram reorganizar-se depois da morte de Roessler, em 1963 (Roessler se mostrou insubstituível em sua luta obstinada contra os transgressores das leis ambientais; ele era quase um homem-entidade, centralizando todas as decisões e atividades). Outros eram ligadas ao naturismo e eram leitores das crônicas dele no *Correio do Povo*. Um dos fundadores da Agapan, Augusto Carneiro, afirmou ter sido “ecologizado” por Roessler.

**IHU On-Line - Qual é o seu principal**

<sup>3</sup> **Agapan**: Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural. Fundada em abril de 1971 por José Lutzenberger, Augusto Carneiro, Hilda Zimmermann e outros, em Porto Alegre. É considerada uma das primeiras entidades ecológicas do Brasil. Luiz Henrique Roessler é homenageado pela Agapan como seu patrono. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **Balduino Rambo**: sacerdote jesuíta, professor, jornalista, escritor, botânico e geógrafo brasileiro. Sobre ele, consultar o livro de Luiz Osvaldo Leite *Jesuitas cientistas no sul do Brasil* (São Leopoldo: Unisinos, 2005). Rambo publicou um livro de contos em dialeto alemão, em dois volumes, intitulado *O rebento do carvalho* (São Leopoldo: Unisinos, 2002). Em 1942 publicou sua primeira grande obra, *A fisionomia do Rio Grande do Sul*, uma descrição detalhada da geografia do estado, incluindo mapas e 30 ilustrações paisagísticas, feitas a partir de fotos aéreas tiradas por ele em viagens por todo o território, realizadas com um avião do terceiro Regimento de Aviadores de Canoas. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> **Agapan-NL**: Hoje intitulada União Protetora do Ambiente Natural - UPAN, foi fundada em julho de 1971. Foi renomeada UPAN em 1987. Luiz Henrique Roessler é homenageado pela UPAN como seu patrono. (Nota da IHU On-Line)

**legado para as gerações que o sucedem?**

**Elenita Malta Pereira** - Hoje, quando as consequências dos exageros na exploração da natureza estão visíveis a todos, provocando situações ainda não dimensionadas pelo homem, como as mudanças climáticas e o colapso de inúmeros ecossistemas, o discurso de Roessler ainda faz sentido. Esquadrihando o Rio dos Sinos em sua canoa e dormindo muitas noites de verão na casinha de Tarzan que construiu em cima de uma árvore, ele buscou a integração máxima com a natureza. Fez muito mais do que o possível em sua breve vida (63 anos), divulgando a proteção à natureza em todos os recantos do estado do RS, em todos os suportes ao seu alcance. Seus textos, no mínimo, podem nos mobilizar à ação ainda, mesmo que os problemas atuais sejam outros, bem mais difíceis, aliás. A paixão com que denunciava negociatas de madeira, muitas vezes estimuladas pelo próprio estado, ou com que defendia a educação de jovens e crianças pela proteção à natureza ainda podem nos inspirar na luta por justiça ambiental e pela difusão de uma postura responsável para com a biodiversidade que nos cerca. Como Roessler fez muitas vezes, podemos e devemos cobrar atitudes corretas de políticos e de empresas que, muitas vezes, usam a palavra “sustentabilidade” - hoje extremamente vulgarizada - como uma estratégia de promoção de suas imagens, e não realmente preocupadas com a manutenção da vida em todas as suas formas.

De forma contundente e apaixonada, seus escritos apresentavam os problemas, denunciavam transgressões e sugeriam soluções para acabar com a devastação. Seu mérito foi justamente oferecer informações sobre a situação ambiental do Rio Grande do Sul naquele momento, na esperança de conscientizar as pessoas da necessidade de transformação. Com toda a destruição ambiental a que estamos assistindo, principalmente nos recentes episódios de morte de toneladas de peixes no seu querido Rio dos Sinos, podemos perceber que essa era uma tragédia anunciada por Roessler. Cabe perguntar: ainda dá tempo de ouvi-lo?

## IHU Repórter

## Guilherme Luís Roehe Vaccaro

POR THAMIRIS MAGALHÃES | FOTO ARQUIVO PESSOAL

“**A**inda que vivamos mais de 100 anos, nunca devemos deixar de aprender”. Para Guilherme Luís Roehe Vaccaro, essa frase tornou-se inesquecível e pode ser dita como sendo aquela que o define. Trabalhando há seis anos na Unisinos, o docente frisa que o seu maior sonho é daqui a alguns anos poder olhar para trás e perceber como o Brasil melhorou. “Essa é uma das coisas que me motiva a levantar todo o dia de manhã”. Feliz, Vaccaro afirma que sua sorte foi ter casado com a sua melhor amiga, que foi sua colega de faculdade. Confira a entrevista com o professor, concedida pessoalmente à IHU On-Line.



**Origem** - Sou natural de Porto Alegre. Passei um período, quando criança, em Veranópolis, uma cidadezinha no interior do Rio Grande do Sul, terra natal de minha mãe. Ela mora aqui e meu pai, que era de Marau, morou durante muitos anos em Porto Alegre, mas já é falecido. Tenho um irmão, Fernando, quatro anos mais velho que eu, que mora em Porto Alegre e é médico urologista. Hoje, moro com minha esposa, Debora Azevedo, e duas gatas. Não temos filhos.

**Autodefinição** - Sou uma pessoa honesta, séria, trabalhadora, obstinada, às vezes, obstinada demais em querer ver as coisas acontecerem. Então, eu me enxergo como alguém que procura estar o tempo inteiro disponível para auxiliar outros a realizar algo. Constantemente, questiono-me entre aquilo que deveria ser o ideal e o que é o real. Mas, me vejo como uma pessoa, sobretudo, feliz.

**Destino** - Minha esposa e eu já somos casados há seis anos; nos conhecemos há quase 22. Fomos colegas de graduação e, quando nos formamos, cada um seguiu a sua vida, com rotas completamente diferentes. Há quase sete anos atrás, nós nos reencontramos, começamos a namorar e casamos. É uma história interessante porque nós realmente nos conhecemos há 21 anos e meio. Tenho a sorte de ter

casado com a minha melhor amiga.

**Formação** - Sou bacharel em matemática aplicada, fiz minha graduação no período de 1990 a 1993 e, e depois disso, fiz um ano do curso de Estatística. Notava que fazia falta algo que me aproximasse mais do mundo real e fiz o mestrado em Engenharia de Produção, que durou de 1995 a 1997. Toda a minha formação foi realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. De 1998 até 2001 fiz o doutorado em Ciência da Computação e trabalho com a área de modelagem de problemas. Ademais, trabalho como consultor de empresas desde 1998.

**Docência** - Em 1994, comecei a dar aula na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS onde fiquei até final de 2004. No início de 2005, comecei a lecionar na Unisinos, onde sou muito feliz. Leciono para os cursos de Engenharia de Produção, no mestrado em Engenharia de Produção e Sistemas e no Mestrado Profissional em Gestão e Negócios. Além disso, leciono em alguns cursos de extensão, especialização e MBA.

**Projetos** - Estou gerente de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação. Sou responsável pelo acompanhamento de vários dos projetos que estão sendo realizados

aqui na Unisinos. Então, indiretamente acabo tendo uma relação com os coordenadores de vários trabalhos. Também coordeno um projeto estratégico na Unisinos, que é vinculado ao Laboratório de Ensaios de Confiabilidade e, além disso, tenho outras tarefas como pesquisador. Hoje, tenho um projeto, junto ao Hospital Mãe de Deus, em que estudo a inovação em ambientes hospitalares. Trata-se de um trabalho que tem duração de cinco anos. Ao final, devemos entregar dez estudos diferentes para beneficiar não só o hospital, mas a sociedade. Estamos no nosso quarto estudo. Além desses, tenho outro projeto que estuda a questão de biocombustíveis, que analisa como as cadeias de produção de etanol e biodiesel no estado são e como podem ser mais competitivas.

**Coreia do Sul** - Passei cinco meses na Coreia do Sul junto de outros colegas da Unisinos, em um movimento importante feito pela universidade. Nós fomos em março deste ano e voltamos em agosto. Esse foi meu estágio pós-doutoral. Uma experiência de vida. Em primeiro lugar, porque eu nunca imaginei viajar para um lugar tão distante, literalmente do outro lado do mundo. É uma experiência muito rica. Depois, porque se trata, além de tudo, de um país que tem uma cultura muito diversa da nossa, que não chega a ser parecida com a japonesa e

nem com a chinesa. É diferente. A oportunidade que a Unisinos me deu de vivenciar e passar seis meses no país foi ímpar. Sem contar, é claro, toda a parte técnica e de formação profissional que, sem dúvida, também foi muito importante. Tive a oportunidade de ir para uma das melhores universidades daquele país, a mais antiga, a *Sungkyunkwan University* (Skku), que foi fundada em 1398. Uma instituição que é mais antiga que o próprio Brasil enquanto país. Além disso, essa academia é realmente muito interessante. Primeiro, pelo seu histórico, por ter mais de 600 anos, e por ser uma instituição que tem hoje uma parceria muito forte com uma grande empresa, que é a Samsung. Então, ela tem um modelo de gestão e inovação muito inspirador.

**Lazer** - Gosto de ouvir música, caminhar, ler bastante. Infelizmente, não tenho tido tanto tempo quanto gostaria de ter. Para mim, uma das melhores coisas que se tem a fazer é tomar um chimarrão, sentado num parque, com um livro embaixo do braço. Essa é uma das coisas que gosto muito de fazer. Adoro viajar também. Para mim, essa experiência de ter ido para outro país foi melhor ainda, porque uniu uma coisa que eu gosto muito de fazer à minha atividade profissional. Nos fins de semana, quando possível, minha esposa e eu fazemos uma viagem para algum lugar próximo ou certamente estamos em algum lugar caminhando e tomando um chimarrão.

**Autor e livros** - Têm vários. Por exemplo, quando se trata de história de ficção, gosto muito da Jane Austen, uma autora inglesa que tem histórias muito interessantes. Preciso muito uma autora inglesa recente chamada Kate Mosse, que também escreve livros de ficção. Gosto de ler muitos livros sobre curiosidades históricas ou estatísticas. Um livro que li há pouco tempo foi *O andar do bêbado*, que é de um autor chamado Leonard Mlodinow, que mostra

como uma série de coisas da estatística está presente em nosso cotidiano.

**Filme** - Gosto bastante de filmes mais antigos. Então, para mim, o melhor filme de todos os tempos ainda é *My Fair Lady*, que é um longa bastante antigo. Preciso muito todos os filmes com a Audrey Hepburn. Gostei também do *A noiva rebelde* e *Moça com brinco de pérola*.

**Política no Brasil** - É um problema sério. O Brasil como país ainda é muito jovem. As pessoas precisam aprender a ter o senso de coletivo. Faço um paralelo com a vivência que tivemos na Coreia, onde muito se perguntava se uma determinada ação que o governo iria fazer ou não seria boa para o todo. E as pessoas, em função daquilo que é bom para o coletivo, fazem ou não fazem. No Brasil, a nossa política ainda é bastante permeada pelos interesses individuais, pessoais. Nosso país precisa rapidamente ter um plano de governo que dure mais do que um mandato; que dure 20 ou 30 anos. Creio que o Brasil precisa muito fortemente rever os seus valores éticos e morais, principalmente no que tange à política. Hoje, o principal problema é a corrupção. E, a parte mais triste disso, é que nada do que estou dizendo é, de fato, novidade. Lembro-me de quando era pequeno e via o meu pai falando exatamente sobre as mesmas coisas, há 30 anos ou mais. É triste vermos que uma geração passou e, ainda assim, discutimos os mesmos problemas sem uma visão muito clara de um avanço. No entanto, a implementação de uma nova visão é muito complexa. Não se faz com 29 partidos políticos. Então, entendo que a reforma política é um elemento extremamente importante para o país e que precisa acontecer em curtíssimo prazo.

**Religião** - Católico, convencido de minha fé. Talvez, infelizmente, não seja tão praticante como gostaria de ser.

**Sonho** - Seria daqui a 40 anos poder olhar para trás e perceber como o Brasil mudou e melhorou. Essa é uma das coisas que me motiva a levantar todo o dia de manhã. Acredito que isso seja o suficiente para um sonho.

**Unisinos** - Representa, hoje, a minha casa. Minha esposa trabalha aqui; eu já estou aqui há seis anos. Gosto muito deste ambiente. Praticamente todos os meus amigos estão aqui. Ela representa o lugar onde eu prefiro passar a maior parte do meu tempo. É o ambiente onde eu me sinto bem, onde encontro os meus desafios para melhorar e onde tenho chance de poder também contribuir com os outros. É hoje o lugar que me faz, talvez, mais feliz, durante seis dias da semana. E é onde eu encontro muitas oportunidades. Se eu precisasse definir a Unisinos de algum jeito, creio que seria dessa forma: um lugar que oferece oportunidades.

**IHU** - Acredito que o Instituto cumpre um papel importantíssimo. Percebo que o IHU cumpre um papel muito importante, porque tem uma representatividade, um protagonismo, seus canais de comunicação que são revistas ou o próprio site, que as pessoas leem e podem acessar. E o Brasil é muito carente disso. Se nós quisermos realmente desenvolver um país melhor, as pessoas precisam ter mais consciência dessa formação e visão integral do ser humano. Eu vejo o Instituto como um ator muito importante nesse sentido.

**Frase** - Tem uma frase que eu gosto muito e nunca esqueci. Ouvi quando era muito pequeno, estava terminando minha primeira série do primeiro grau e foi a minha então professora que disse: “Ainda que vivamos mais de 100 anos, nunca devemos deixar de aprender”. Então, se vale alguma coisa, creio que seja isso. Devemos continuar sempre aprendendo e buscando sermos melhores.

## Latouche no Brasil e na Unisinos. Confira a programação das atividades

### 12 de novembro

Palestra: Decrescimento sustentado, bioética e biopolítica: conversas com Merleau-Ponty

Horário: Das 8h às 12h

Local: Centro Cultural da UFMT em parceria com Centro Burnier - Cuiabá/Mato Grosso

### 16 de novembro

Palestra: Sociedade do Decrescimento: Uma utopia ou uma necessidade?

Horário: 20h

Local: Auditório César Lattes - PTI

Parceria: Universidade Federal da Integração Latino-americana

### 18 de novembro

Palestra: Uma sociedade do decrescimento. Uma utopia ou uma necessidade?

Horário: 20h

Local: Faculdade de Administração e Economia - FAE. Evento promovido pelo CEPAT/ Curitiba-PR em parceria com a FAE.

Inscrições pelo email: [mestrado@fae.edu](mailto:mestrado@fae.edu)

### 21 de novembro

Palestra: Desenvolvimento Humano, Decrescimento e a Sociedade Convivial

Debatedor: Plínio Alexandre Zalewski Vargas - Diretor da Secretaria de Governança da Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Horário: Das 19h 30min às 22h

Local: Unisinos - Campus Porto Alegre/RS

### 22 de novembro

Palestra: Por outro modo de consumir: descrição de algumas experiências alternativas

Horário: Das 16h às 18h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU



### 23 de novembro

Palestra: Sociedade convivial e economia de baixo carbono: uma relação convivial?

Horário: Das 19h às 20h - Recepção e credenciamento

Das 20h às 22h - Palestra

Local: Auditório Central - Unisinos

### 24 de novembro

Palestra: IHU ideias - A atualidade da obra de Ivan Illich

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

### 25 de novembro

Palestra: Sociedade convivial: uma perspectiva eco-teológica

Horário: 15h às 17h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU.